



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL
MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL
PSICOLOGIA SOCIAL DA SAÚDE E DO TRABALHO
GRUPO DE PESQUISA SUBJETIVIDADE E TRABALHO

ELAINE MILENA ALVES GENUINO

**DA LIBERDADE À FALTA DE RECONHECIMENTO: APOSENTADORIA E
SAÚDE MENTAL DE PROFESSORAS E PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS**

JOÃO PESSOA – PB

2024

ELAINE MILENA ALVES GENUINO

**DA LIBERDADE À FALTA DE RECONHECIMENTO: APOSENTADORIA E
SAÚDE MENTAL DE PROFESSORAS E PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS**

Dissertação apresentada por Elaine Milena Alves
Genuino ao Programa de Pós-Graduação em
Psicologia Social da Universidade Federal da
Paraíba, como requisito para a obtenção do título de
Mestre em Psicologia Social.

Orientador: Prof. Dr. Paulo César Zambroni de Souza

JOÃO PESSOA – PB

2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

G3411 Genuino, Elaine Milena Alves.

Da liberdade à falta de reconhecimento :
aposentadoria e saúde mental de professoras e
professores universitários / Elaine Milena Alves
Genuino. - João Pessoa, 2024.
136 f. : il.

Orientação: Paulo César Zambroni de Souza.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Saúde mental - Aposentados. 2. Aposentadoria. 3.
Professores universitários. 4. Psicodinâmica do
trabalho. I. Souza, Paulo César Zambroni de. II. Título.

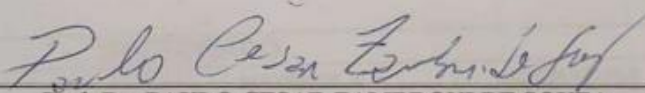
UFPB/BC

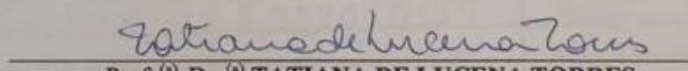
CDU 364.622-057.75 (043)

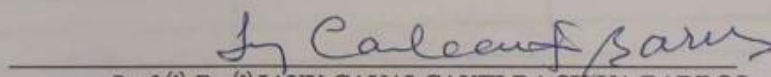


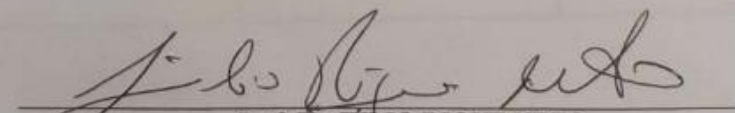
ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Aos vinte e oito dias do mês de março de dois mil e vinte e quatro, de modo presencial na Sala 504 do CCHLA, reuniram-se em solenidade pública os membros da comissão designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social (CCHLA/UFPB), para a defesa de Dissertação da aluna **ELAINE MILENA ALVES GENUINO**– mat. 20221010982 (orientando(a), UFPB, CPF: 701.480.514-21). Foram componentes da banca examinadora: Prof. Dr. **PAULO CESAR ZAMBRONI DE SOUZA** (UFPB, Orientador, CPF: 011.836.117-14), Prof.^(a) Dr.^(a) **TATIANA DE LUCENA TORRES** (UFPB, Membro Interno ao Programa, CPF: 028.034.344-23) e Prof.^(a) Dr.^(a) **IANY CAVALCANTI DA SILVA BARROS** (Membro Externo à Instituição, CPF: 326.659.974-87). Na cerimônia compareceram, além do(a) examinado(a), alunos de pós-graduação, representantes dos corpos docente e discente da Universidade Federal da Paraíba e interessados em geral. Dando início aos trabalhos, o(a) presidente da banca, Prof.^(a) Dr.^(a) **PAULO CESAR ZAMBRONI DE SOUZA**, após declarar o objetivo da reunião, apresentou o(a) examinado(a) **ELAINE MILENA ALVES GENUINO** e, em seguida, concedeu-lhe a palavra para que discorresse sobre seu trabalho, intitulado: “DA LIBERDADE À FALTA DE RECONHECIMENTO: APOSENTADORIA E SAÚDE MENTAL DE PROFESSORAS E PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS”. Passando então ao aludido tema, a aluna foi, em seguida, arguida pelos examinadores na forma regimental. Ato contínuo, passou a comissão, em secreto, a proceder a avaliação e julgamento do trabalho, concluindo por atribuir-lhe o conceito de “APROVADO”, o qual foi proclamado pelo(a) presidente da banca, logo que retornou ao recinto da solenidade pública. Nada mais havendo a tratar, eu, **Júlio Rique Neto**, Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da UFPB, lavrei a presente ata, que depois de lida e aprovada por todos assino juntamente com os membros da banca. João Pessoa, 28 de março de 2024.


Prof. Dr. **PAULO CESAR ZAMBRONI DE SOUZA**


Prof.^(a) Dr.^(a) **TATIANA DE LUCENA TORRES**


Prof.^(a) Dr.^(a) **IANY CAVALCANTI DA SILVA BARROS**


Prof. Dr. **JÚLIO RIQUE NETO**
Coordenador do PPGPS

Dedicatória

*Aos professores e professoras, especialmente
aqueles e aquelas que tornaram esse trabalho
possível.*

Agradecimentos

Àquele que com sua ausência não teria sido possível: Deus. Agradeço a Deus pelo cuidado comigo e com cada detalhe. Ele é misericordioso e bondoso! E é por conta dele e por ele que consigo, enfim, agradecer aos demais.

Gostaria de agradecer as mulheres da minha família que ainda vivas me deixaram a melhor herança que poderia ter, a força. Vocês são exemplos de garra e é por isso que também consegui vencer esta batalha. Minhas avós, Leida e Neuza, minhas tias e primas, eu sou parte de vocês, não pelo sangue que nos une, mas pela história que nos envolve. Um agradecimento especial a minha tia Tatá (Sandra), que com muito amor e orgulho tanto me ajudou desde quando a psicologia era apenas um sonho. Te amo.

Aos meus pais, Alexsandro e Janeide que dentro de suas (im)possibilidades contribuíram para que eu chegasse até aqui. Janeide (mainha) você é minha maior inspiração, não sou fã de outra pessoa como sou de você. Trabalhadora doméstica desde a adolescência, buscou nessa profissão a sobrevivência. Para me criar não mediu esforços. Você me ensinou a enfrentar a vida. Obrigada por tanto amor, cuidado e carinho. Eu te amo demais e um dia espero retribuir tudo que fazes por mim. Sem você não seria possível.

Ao meu avô João Ferreira, meu eterno “painha”. Embora o senhor não esteja fisicamente entre nós, não deixa de estar aqui em pensamento e cuidado. Tive muita sorte em ter o senhor, saudades eternas.

Ao meu companheiro de vida, o qual chamo de Esposo, Tiago. Sem sua compreensão, cuidado, incentivo e amor, nada disso teria sido possível. Você que sempre esteve tão presente, precisou muitas vezes abdicar de algumas horas de sono para “vivenciar” essa etapa junto comigo. Obrigada pelos mimos, os beijinhos e as palavras de apoio, especialmente, durante a escrita deste trabalho. Te amo e te quero bem.

Aos meus amigos que muitas vezes acreditaram mais em mim que eu mesma, vocês são demais. Agradeço, particularmente, a Larissa Ketlen, Tatiane, Vania, Vandilson, Larissa Medeiros e Joelson. A vocês que por vezes suportaram minhas angústias e inseguranças. Sem o amor e apoio de vocês tudo isso não seria possível. Esse trabalho é nosso. Obrigada por tudo, amo vocês.

Aos meus professores do programa de pós-graduação. A Denise e Naara que tão pacientemente acolheram as minhas dúvidas. A minha turma de mestrado que foi um grande presente, principalmente a Claudia, Délis, Junior e Ana Lucia. Minha querida e grande amiga Claudia, sem você tudo seria mais difícil. Obrigada por compartilhar comigo essa etapa. Nossos estudos, viagens e diário de bordo me fizeram mais feliz, assim como sua companhia. Tenho certeza que foi Deus que preparou o nosso encontro. A Valéria e Dinara, obrigada pelo apoio e por toda ajuda. Gratidão por nossos caminhos terem se cruzado.

Eduardo Breno, pessoa que nutro profunda admiração, responsável pelo meu encontro com a Psicologia do Trabalho. E é tão importante na minha jornada acadêmica. Foi meu professor, orientador e hoje é um grande colega de profissão. Você é uma inspiração, um grande exemplo de homem e profissional. Obrigada por todo apoio e paciência.

Ao meu professor e orientador Paulo César Zambroni de Souza, minha gratidão. Obrigada pela confiança, respeito, apoio e por todo ensinamento. Ao longo dessa construção aprendi muito com o senhor, especialmente sobre humildade e compressão. Suas orientações não se reduzem aos meios acadêmicos, foram também momentos de encontro em que pude, por vezes, expressar minhas angústias. O senhor me orientou sobre os caminhos, as escolhas e a vida. Obrigada!

A Tatiana Torres e Iany Cavalcanti que tão gentilmente aceitaram contribuir com o meu trabalho compondo a banca do meu mestrado. Mulheres, mães, trabalhadoras docentes e que diariamente enfrentam os desafios impostos pela sociedade. Tê-las em minha banca foi

uma honra para mim. Obrigada pela leitura atenta e carinhosa do meu estudo. A vocês minha gratidão e, sobretudo, minha admiração.

Um agradecimento especial a cada um dos 15 professores que contribuíram com a minha pesquisa, se não fosse por vocês nenhum título que esse trabalho poderia me ofertar seria possível. Vocês abriram mão do tempo que tinham para que ele se efetivasse. Vocês contribuíram com a ciência, mas não apenas isso. Por meio da pesquisa, pude conhecer um pouco mais sobre a docência através daqueles que por muito tempo se dedicaram a essa função. Gratidão!

Por fim, gostaria de registrar que, há quem tenha a ousadia de pensar que fui capaz de escrever essa dissertação sozinha. Embora tenha passado muito tempo sentada em frente ao computador, com os dedos rígidos, a cabeça fervendo, ora com ideias mirabolantes, ora com um oco na mente e na tela... Há quem pense, mas não fui! Fui capaz por causa deles, os meus. Eu precisei de muita coisa que pensei não precisar, mas também precisei de muita coisa que sempre soube que precisaria: gente! Obrigada por pegarem na minha mão e terem feito essa travessia comigo.

Essa dissertação é da gente!

“Quantas histórias de vida, delas amizades formadas

Muita saudade sentida, tantos exemplos de vida

Milhares de alunos orientados, hoje adultos formados

Tantos caminhos seguidos

Onde andarão os vencidos?

Doutores, senhores diplomados

Da vida, muitos premiados

Por anjos foram guiados

E os meninos perdidos?

Mestre nas salas de aula

Currículo, projetos, quanta fala

O calendário, rodando, rodando

As cabeças branqueando, branqueando

Ensinando seus filhos criou

Ensinando filhos dos outros educou

Reverso o tempo passando

Pressente seu tempo vencendo

Contente da profissão escolhida

Sentindo a missão já cumprida

Se encontra lembrando e contando

Sua jornada de vida”.

Janete Cirino dos Santos

Lista de Siglas

CAAE	Certificado de Apresentação de Apreciação Ética
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
UTI	Unidade de Terapia Intensiva

Lista de Tabela

Tabela 1 - Reformas da previdência.....	17
Tabela 2 - Caracterização dos(as) participantes.....	25

Sumário

Resumo	13
Apresentação.....	15
Introdução	17
Referências.....	28
Artigo I.....	34
Trabalho Docente: Compreensões de professores universitários aposentados.....	34
Artigo II	64
Entre a Expectativa e a Realidade: A aposentadoria de professores universitários.....	64
Artigo III	92
Repercussões da Aposentadoria na Saúde de Professores Universitários	92
Considerações Finais da Dissertação	122
Processo de Autorreflexão da Pesquisadora	127
Apêndices.....	130
Anexos	136

Resumo

Esta dissertação tem como objetivo principal analisar a relação entre a aposentadoria e saúde mental de professores universitários, de instituições públicas, que se afastaram de suas práticas laborais em sala de aula. Para tal, foi realizada uma pesquisa qualitativa com quinze professores universitários aposentados, sob aplicação de dois instrumentos, um questionário sociodemográfico e uma entrevista semiestruturada. Para análise do material produzido na pesquisa foi utilizada a análise de conteúdo com recortes por temas. A partir dessa etapa, foram identificadas três categorias centrais: I. Particularidades do trabalho docente universitário; II. A vivência da Aposentadoria; e III. Aposentadoria e saúde. Mediante essas categorias, foram produzidos os artigos que compõem esta dissertação, todos fundamentados teoricamente pela Psicodinâmica do Trabalho. Dessa forma, o artigo I objetivou caracterizar as compreensões de professores universitários aposentados acerca do trabalho docente. O artigo II teve como objetivo investigar as repercussões da aposentadoria na vida de professores universitários. E o artigo III teve como objetivo identificar como os professores universitários aposentados compreendem a relação entre saúde e aposentadoria. De modo geral, os resultados obtidos nos estudos sinalizam para os fatores que estão presentes na aposentadoria e que podem resultar no adoecimento mental dos indivíduos. Entre os principais elementos estão a falta de reconhecimento na aposentadoria, os impactos desta fase para a identidade dos indivíduos, o contexto que a aposentadoria foi efetivada, o ócio mediante a ausência de atividade de trabalho, as questões de gênero e os papéis socialmente atribuídos ao feminino, a perda dos status sociais – fornecido pelo trabalho, a entrada na fase de envelhecimento e a falta de planejamento para aposentadoria.

Palavras-chave: professores universitários, aposentadoria, saúde, psicodinâmica do trabalho

Abstract

This dissertation aims to analyze the relationship between retirement and the mental health of university professors from public institutions who have retired from their classroom practices. To this end, qualitative research was conducted with fifteen retired university professors, using two instruments: a sociodemographic questionnaire and a semi-structured interview. The content analysis method with thematic cuts was employed to analyze the material produced in the research. From this stage, three central categories were identified: I. Specificities of university teaching work; II. Experience of Retirement; and III. Retirement and health. Based on these categories, the articles composing this dissertation were produced, all theoretically grounded in the Psychodynamics of work. Thus, Article I aimed to characterize retired university professors' understandings of teaching work. Article II aimed to investigate the repercussions of retirement on the lives of university professors. And Article III aimed to identify how retired university professors understand the relationship between health and retirement. Overall, the results obtained in the studies indicate the factors present in retirement that can result in individuals' mental illness. Among the main elements are the lack of recognition in retirement, the impacts of this phase on individuals' identities, the context in which retirement was implemented, leisure due to the absence of work activity, gender issues and socially attributed roles to femininity, loss of social status provided by work, entering the aging phase, and lack of retirement planning.

Keywords: university professors, retirement, health, psychodynamics of work

Apresentação

Esta dissertação, centrada na aposentadoria de professores universitários, se insere no campo de estudos da Psicologia do Trabalho e Organizacional. A escolha por este tema se deu a partir das leituras sobre a função do trabalho na contemporaneidade. As questões iniciais estavam relacionadas a interpretações pessoais da autora do estudo, acerca da importância do trabalho docente universitário e sua relevância profissional e social. A partir desta aspiração, a autora passou a questionar sobre as possíveis consequências do afastamento do trabalho docente à saúde mental, mediante a aposentadoria.

Inicialmente debruçada sobre a possibilidade de a aposentadoria de professores universitários gerar ou agravar o adoecimento mental, o objetivo inicial do estudo esteve diretamente associado à busca pela análise dessa relação. No entanto, após aprofundamento teórico e, especialmente, pelo fato de que se trata de reconhecer a singularidade de cada indivíduo, ampliamos o nosso olhar e, conseqüentemente, o nosso objetivo de estudo, a saber, investigar a relação entre a aposentadoria e a saúde mental de professores universitários, de instituições públicas, que se afastaram de suas práticas laborais em sala de aula.

O destaque para essa população consiste no fato de que é comum que, com a chegada da aposentadoria professores de universidades públicas, continuem vinculados à instituição como docentes voluntários (Carvalho, 2020; Carvalho & Dourado, 2022; Krawulski et al., 2017; Rhoden & Bolzan, 2019), o que não corresponde ao objetivo de estudo desta pesquisa. Dessa forma, buscou-se delimitar a investigação do fenômeno da aposentadoria entre os professores e as professoras que se aposentaram integralmente do trabalho docente formal, embora possam exercer outras atividades de trabalho que não a docência.

O levantamento da literatura aponta que, comumente, a aposentadoria de professores universitários é analisada a partir de sua relação com o trabalho, isto é, quando os professores - aposentados ou não - ainda estão exercendo o trabalho docente (Amaral & Torres, 2017;

Borsoi & Pereira, 2017; Carvalho, 2020; Carvalho & Dourado, 2022; Guimarães et al., 2012; Herdy, 2019; Jogaib & Muniz, 2015; Krawulski et al., 2017; Macedo, 2019; Moreira, 2011; Moreira et al., 2014; Nascimento & Polia, 2019; Ribeiro et al., 2019; Santos et al., 2016).

Essa evidência aponta para a necessidade e a relevância de estudar a aposentadoria de professores universitários quando essa se efetiva não apenas legal, mas integralmente. Dentro desse cenário, no entanto mais estritamente, a investigação da relação entre aposentadoria e saúde mental de professores universitários, é uma importante área de estudo e contribui para: a) análise do trabalho docente universitário; b) a compreensão do fenômeno aposentadoria; e c) a investigação das relações do trabalho e da aposentadoria e sua relação com a saúde física e mental dos professores e professoras.

Tomando esta questão como central, acredita-se que este estudo pode contribuir para áreas que têm o trabalho como foco principal de investigação, como a psicologia do trabalho e organizacional. Esta constatação se apoia no fato de que os resultados do estudo permitem, dentre outras investigações, a reflexão sobre a trajetória profissional de professores universitários; as particularidades do trabalho docente universitário e suas repercussões na saúde do trabalhador; as demandas de trabalho e sua relação com a decisão pela aposentadoria; os efeitos da aposentadoria na vida do trabalhador; a centralidade do trabalho na aposentadoria; e, a relação entre trabalho, aposentadoria e subjetividade.

Por fim, esperamos que, para além dos resultados aqui expostos, esta dissertação contribua para um olhar social mais atento e humanizado dos leitores com aqueles e aquelas que fizeram e fazem parte da formação acadêmica e profissional da maioria das categorias de trabalho: os professores e as professoras - não apenas universitários, mas também aqueles que atuam ou atuaram nos demais níveis de ensino. Que a valorização e o reconhecimento da profissão e dos trabalhadores que dela fazem parte, se aproximem mais da sua atividade.

Introdução

A aposentadoria é um fenômeno que surgiu no final do século XIX em países industrializados como uma forma de garantir o sustento de trabalhadores mais velhos em seus últimos anos de vida, os tirando da mendicidade, situação muito comum àqueles que não tinham mais condições de trabalhar. No entanto, eram poucos os que conseguiam chegar à idade mínima exigida de 70 anos. Foi somente a partir de lutas sindicais que a aposentadoria passou a ser estruturada enquanto direito do trabalhador, incluindo uma série de mudanças como a redução da idade mínima para aposentadoria (Fontoura et al., 2015).

No Brasil, a primeira lei que tratou da aposentadoria surgiu em 1923, porém destinada apenas aos ferroviários. A posteriori, novas leis foram editadas e as demais categorias beneficiadas (Augusto & Rocha Neto, 2016). Como consequência dos avanços, em 1934 criou-se, no país, o primeiro instituto de aposentadoria e pensões (Oliveira et al., 2009), denominado “Instituto de Aposentadoria e Pensões de Bancários”. Mas foi somente com a Constituição, em 1988, que a aposentadoria se tornou um direito legal. Esse marco reverteu a política assistencialista em vigor na época e definiu medidas de direito e de cidadania (Nascimento & Polia, 2019).

Atualmente, o benefício é garantido pela Lei nº 8.213 que dispõe sobre os planos de benefícios da Previdência Social e dá outras providências. A previdência social, por meio de contribuição, tem por finalidade assegurar aos seus beneficiários meios indispensáveis de manutenção, por razão de incapacidade, desemprego involuntário, idade avançada, tempo de serviço, encargos familiares e prisão ou morte daqueles que dependiam economicamente. Nessa direção, a lei compreende como serviços e benefícios, dentre outras prestações: a) aposentadoria por invalidez; b) aposentadoria por idade; c) aposentadoria por tempo de contribuição; e, d) aposentadoria especial (Lei nº 8.213, 1991).

É de referir que em 2019 o sistema previdenciário brasileiro sofreu uma série de modificações em sua estrutura. A nova previdência, promulgada pelo Congresso Nacional, prevê regras diferentes para algumas categorias de trabalho que incluem novas idades de aposentadoria, novo tempo mínimo de contribuição e regras de transição (Instituto Nacional de Seguridade Social [INSS], 2019). De acordo com a Emenda Constitucional nº 103 as mudanças no tempo mínimo de contribuição atingem servidores públicos e privados, seguindo o princípio do imposto de renda e a elevação da idade para a aposentadoria para homens e mulheres (Jardim & Moura, 2023).

No caso dos professores, são 25 anos de contribuição e idade mínima de 57 anos, para as mulheres, e 60 anos para os homens. No entanto, essa regra se aplica apenas para os professores da educação infantil, do ensino fundamental ou do ensino médio (INSS, 2019). Dessa maneira, professores da educação superior não se enquadram nessa condição. Portanto, não têm direito à aposentadoria especial e as regras de concessão do benefício são as mesmas das demais categorias de trabalho, salvo em situações que o professor universitário possa comprovar insalubridade em suas atividades (Koetz, 2021).

Cabe salientar que os professores universitários, isto é, professores do ensino superior, são trabalhadores que, de acordo com a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), têm por responsabilidade elaborar planos de ensino; preparar e ministrar aulas teóricas e práticas; planejar cursos; realizar atividades de extensão; orientar e avaliar os alunos; produzir trabalhos acadêmicos; participar de atividades administrativas, bancas examinadoras e eventos acadêmicos; avaliar disciplinas e cursos; supervisionar estágio; desenvolver pesquisas, dentre outras (Ministério do Trabalho, 2002).

No entanto, estas atribuições diferem para professores de instituições públicas e privadas. O mesmo ocorre no que diz respeito à aposentadoria destes trabalhadores. Aos professores concursados de instituições públicas, as regras de aposentadoria aplicadas são as

regras da União, dos estados ou dos municípios, em conformidade com o concurso. Quando o professor não é concursado em universidade pública, sua aposentadoria é concebida pelo INSS. Nessa razão, se incluem nessa possibilidade os professores universitários de instituições privadas, majoritariamente (Jácome Advocacia, 2023).

Após a reforma da previdência de 2019, a aposentadoria de professores universitários no INSS, isto é, a aposentadoria comum, passou a ser concebida sob novas regras que exigem para mulheres: idade mínima estabilizada em 2023 em 62 anos, mais 15 anos de contribuição. Para os homens: a idade mínima é de 65 anos e mais 20 anos de contribuição. No entanto, com o tempo mínimo de contribuição exigido, o segurado ou a segurada vai receber apenas 60% da média dos salários recebidos. Para receber 100% da média, o homem precisará contribuir por 40 anos e a mulher por 35 anos (Jácome Advocacia, 2023).

Apesar de ressaltar as mudanças ocorridas com a última reforma da previdência, em 2019, bem como suas implicações, importa destacar que esta não foi a única modificação sofrida pelo sistema previdenciário. Nessa direção, vale sublinhar que desde 1988, quando da promulgação da Constituição Federal, já foram aprovadas outras seis Propostas de Emenda Constitucional cujo objetivo foi causar alterações na legislação previdenciária (Confederação dos Trabalhadores no Serviço Público Federal [CONDSEF], 2018).

A tabela 1 sintetiza as setes reformas da previdência e suas principais características.

Tabela 1

Reformas da previdência

Ano	Emenda Constitucional	Governo	Alteração
1993	Emenda Constitucional nº 3	Itamar Franco	Altera os arts. 40, 42, 102, 103, 150, 155, 156, 160, 167 da Constituição Federal.
1998	Emenda Constitucional nº 20	Fernando Henrique Cardoso	Modifica o sistema de previdência social, estabelece normas de

			transição e dá outras providências.
2003	Emenda Constitucional nº 41	Luiz Inácio Lula da Silva	Modifica os arts. 37, 40, 42, 48, 96, 149 e 201 da Constituição Federal, revoga o inciso IX do § 3 do art. 142 da Constituição Federal e dispositivos da Emenda Constitucional nº 20, de 15 de dezembro de 1998, e dá outras providências.
2005	Emenda Constitucional nº 47	Luiz Inácio Lula da Silva	Altera os arts. 37, 40, 195 e 201 da Constituição Federal, para dispor sobre a previdência social, e dá outras providências.
2012	Emenda Constitucional nº 70	Dilma Rousseff	Acrescenta art. 6º-A à Emenda Constitucional nº 41, de 2003, para estabelecer critérios para o cálculo e a correção dos proventos da aposentadoria por invalidez dos servidores públicos que ingressaram no serviço público até a data da publicação daquela Emenda Constitucional.
2015	Emenda Constitucional nº 88	Dilma Rousseff	Altera o art. 40 da Constituição Federal, relativamente ao limite de idade para a aposentadoria compulsória do servidor público em geral, e acrescenta dispositivo ao Ato das Disposições Constitucionais Transitórias.
2019	Emenda Constitucional nº 103	Jair Messias Bolsonaro	Altera o sistema de previdência social e estabelece regras de transição e disposições transitórias.

Nota. Tabela elaborada pelos autores do estudo.

Estas mudanças, inicialmente relacionadas a questões de ordem legal e que envolvem as reformas da previdência, incidem sobre o cotidiano dos trabalhadores aposentados, além de gerar consequências de cunho psicológico. Mudanças nas regras de regulamentação, que sucedem as reformas do regime de Previdência Social, as incertezas sobre a situação financeira futura e a expectativa que contorna a experiência de não trabalho são fatores importantes que influenciam a vida dos indivíduos podendo gerar certo nível de insegurança e apreensão (Borsoi & Pereira, 2017).

Nesta razão, a chegada da aposentadoria traz consigo uma série de mudanças que afetam a vida dos sujeitos. Na medida em que muitos anseiam por essa fase, encarando-a como um momento de liberdade e descanso, outros podem desenvolver sinais de sofrimento com os grandes impactos no seu dia a dia e com a falta de atividade de trabalho. Estes efeitos da aposentadoria podem ainda ser agravados especialmente pela associação dessa fase com a chegada da velhice. Variáveis financeiras, percepção do trabalho, idade, fase de vida e características pessoais são aspectos que interferem no modo como a aposentadoria é percebida e vivida pelos professores universitários (Pereira & Souza, 2021).

Além dessas questões, o reconhecimento social fornecido aos professores e professoras, em decorrência da carreira acadêmica, isto é, do trabalho que desempenhavam, tem um peso muito importante e influencia na vivência da aposentadoria (Borsoi & Pereira, 2017). Ao considerar que o cerne da atividade docente está nas interações humanas, evidencia-se que os relacionamentos sociais complementam o reconhecimento e o sentimento de valorização do outro, gerando uma fonte de recurso interpessoal. É evidente que a maioria desses relacionamentos são oportunizados pelo próprio trabalho (Macêdo, 2019).

É nessa direção que, de acordo com Lima et al. (2016), professoras e professores universitários podem associar a aposentadoria, ao “morrer” e o trabalho ao “viver”. Quando

se fala em morrer significa dizer que muitos receiam o esquecimento, o afastamento do ciclo social e a perda dos contatos fornecidos pela profissão, esse conjunto de elementos representa uma enorme privação para alguns. Por essa razão, o afastamento do trabalho, ocasionado pela aposentadoria, comumente, pode se apresentar como uma grande perda na vida social, podendo, conseqüentemente, afetar a estrutura psicológica dos sujeitos que estão enfrentando essa nova etapa de vida (Lima et al., 2016).

A ideia de que a aposentadoria dos professores é um momento de ressignificar a vida, colocar planos antigos em prática, descansar, passar mais tempo com a família, se dedicar a atividades prazerosas, fortalecer os vínculos externos ao trabalho, pode fazer com que outros aspectos não sejam levados em consideração. Portanto, do mesmo modo que a aposentadoria pode ser favorável à saúde mental, é possível, também, que cause danos a ela. Esta pode trazer à tona, as más relações familiares, dificuldades financeiras, isolamento, ausência de atividades que geram prazer ou intensificação de práticas desprazerosas, capazes de levar ao adoecimento de indivíduos.

Mediante o exposto, torna-se fundamental refletir a aposentadoria como um elemento que está para além da promoção da qualidade de vida. As repercussões desse fenômeno, que em muitos casos resultam no afastamento do mundo do trabalho formal, podem causar danos à identidade, à saúde e, conseqüentemente, a subjetividade. Dessa forma, é pertinente buscar investigar a relação entre aposentadoria e saúde mental de professores universitários. No entanto, para alcançar os resultados desta investigação, é preciso destacar os elementos e as etapas que constituíram a pesquisa.

Percursos teórico-metodológicos e objetivos da pesquisa

A Psicologia do Trabalho tem sido desenvolvida a partir de importantes perspectivas, dentre elas as chamadas clínicas do trabalho. As clínicas são formadas por um conjunto de abordagens de pesquisa-intervenção que consideram o trabalho uma categoria central na

compreensão dos processos de subjetivação e da relação entre subjetividade, saúde e sofrimento (Leão, 2012). Dentre as principais representantes destas perspectivas, destaca-se a Psicodinâmica do Trabalho (Dejours, 1987), cujas contribuições teóricas foram utilizadas nesta dissertação.

A psicodinâmica do Trabalho se constituiu a partir das reflexões e estudos de Christophe Dejours (Dejours et al., 1994). Considerada uma disciplina clínica e, em seguida, teórica, a psicodinâmica do trabalho defende a hipótese de que o trabalho não se reduz apenas a uma atividade de produção no mundo objetivo, pois o trabalho sempre coloca a subjetividade à prova, em que esta última tanto pode sair fortalecida como mortificada. Desse modo, para a psicodinâmica do trabalho, trabalhar não é somente produzir, é também transformar a si mesmo; é uma possibilidade oferecida à subjetividade para se testar e para se realizar (Dejours, 2004).

Neste sentido, em que a relação entre trabalho e subjetividade - e seus desdobramentos na vida dos indivíduos - estão no centro das discussões da psicodinâmica do trabalho, compreende-se que esta abordagem contribui, sobremaneira, para os estudos da aposentadoria de professores universitários. As questões envoltas pelo trabalho, ou pela ausência deste, perpassam diretamente a aposentadoria. Em se tratando da aposentadoria de professores universitários, esses impasses compreendem a investigação do trabalho realizado antes, durante e depois da aposentadoria e suas repercussões na subjetividade dos indivíduos.

Tais elementos de análise são cruciais na investigação da relação entre aposentadoria e saúde mental de professores universitários aposentados. Portanto, sua observação, sob o ponto de vista teórico da psicodinâmica do trabalho, não deve ser desconsiderada. Além disso, uma melhor aproximação entre a teoria abordada e a temática estudada poderá ser observada em cada um dos artigos, mesmo que todos tenham sido fundamentados pela

psicodinâmica do trabalho. Apesar de cada um responder a objetivos específicos, alguns conceitos da teoria podem ser identificados e utilizados em mais de um artigo.

Isto posto e partindo dos pontos abordados anteriormente, no que concerne à temática do estudo, seu campo de investigação e a abordagem teórica utilizada, essa dissertação busca responder a seguinte problemática: Quais as relações da aposentadoria com a saúde mental de professores universitários aposentados, por instituições públicas, que se afastaram de suas práticas laborais em sala de aula?

No intuito de responder a este questionamento, foram desenvolvidos objetivo geral e objetivos específicos. Assim, esta dissertação tem como **objetivo geral**: analisar a relação entre a aposentadoria e a saúde mental de professores universitários, de instituições públicas, que se afastaram de suas práticas laborais em sala de aula. A busca por atingir esse objetivo se desdobrou nos seguintes **objetivos específicos**: a) Caracterizar as compreensões de professores universitários aposentados acerca do trabalho docente; b) Investigar as repercussões da aposentadoria na vida de professores universitários; c) Identificar como os professores universitários aposentados compreendem a relação entre saúde e aposentadoria.

Para auxiliar na obtenção dos objetivos desta dissertação, o estudo realizado adota a metodologia qualitativa que envolve uma abordagem interpretativista e compreensiva do objeto de estudo. Dessa forma, quando a pesquisa tem o objetivo de evidenciar os sentidos e significados que os sujeitos utilizam ao se depararem com o mundo e o que se busca investigar é a compreensão do fenômeno em sua totalidade, a pesquisa qualitativa é a abordagem mais adequada a ser utilizada (Heloani & Lancman, 2004).

A partir da definição do tipo de pesquisa foram definidos os instrumentos a serem utilizados durante as entrevistas com os participantes da pesquisa: um questionário sociodemográfico, com questões pessoais e profissionais e uma entrevista semiestruturada com base no testemunho. A entrevista com base no testemunho é um meio de obter

informações através de depoimentos. Esse recurso possibilita a exploração dos conhecimentos das pessoas, mas também de seus sentimentos, opiniões, desejos, valores, projetos, etc. (Laville & Dionne, 1999).

Importa destacar que o estudo foi realizado com professoras e professores universitários aposentados. A fim de que a entrevista fosse realizada em um local confortável, dentre as limitações impostas por uma pesquisa, foram oferecidas duas possibilidades de local para realização do estudo. A primeira trata-se de um escritório particular, localizado em ambiente comercial, e a segunda foi ir até o/a participante no local de sua escolha.

Assim, entre os quinze participantes da pesquisa, apenas dois optaram que a entrevista fosse realizada no local oferecido pela pesquisadora. Outras três entrevistas foram realizadas no atual local de trabalho dos participantes, no qual não há vinculação com a docência. Os demais optaram para que as entrevistas fossem realizadas em suas residências. Dessa forma, todas as entrevistas aconteceram de forma presencial, no Estado da Paraíba. Os materiais produzidos nas entrevistas, mediante aplicação dos instrumentos, foram analisados a partir da análise de conteúdo com recortes por temas de Laville e Dionne (1999).

Essa fase se dividiu em cinco etapas: 1º Etapa: Identificação dos conteúdos brutos (respostas do questionário sociodemográfico e a gravação das entrevistas semiestruturadas). 2º Etapa: Descrição dos dados do questionário e transcrição das entrevistas semiestruturadas. 3º Etapa: agrupamento em categorias e reestruturação dos conteúdos (os conteúdos que chegaram brutos foram reestruturados a partir de categorias). 4º Etapa: Recorte dos conteúdos em temas (foram elencados os elementos em categorias em função de sua significação e as intenções da pesquisa). 5º Etapa: Análise de Conteúdo Temática e interpretação das informações a partir da teoria da Psicodinâmica do Trabalho.

A partir do recorte de conteúdos por temas foram identificadas, sob intuito de atender os objetivos deste estudo, três categorias centrais: I. Particularidades do trabalho docente

universitário; II. A vivência da Aposentadoria; e III. Aposentadoria e saúde. Mediante essas categorias, foram produzidos os artigos que compõem esta dissertação. Dessa forma, cada categoria foi representada por um artigo.

O primeiro artigo, intitulado **“Trabalho Docente: Compreensões de professores universitários aposentados”**, tem como objetivo caracterizar as compreensões de professores universitários aposentados acerca do trabalho docente. O segundo artigo **“Entre a Expectativa e a Realidade: a aposentadoria de professores universitários”**, buscou investigar as repercussões da aposentadoria na vida de professores universitários. O terceiro artigo **“Relações da Aposentadoria com a Saúde de Professores Universitários”** objetiva identificar como os professores universitários aposentados compreendem a relação entre saúde e aposentadoria.

Os artigos foram construídos e organizados a fim de demarcar uma complementaridade. Dessa forma, sua sequência foi estruturada de modo que respondessem aos objetivos da pesquisa, mas também a partir da ordem dos fatos, vivenciados pelos participantes. Assim, a grosso modo, o artigo I explora as particularidades do trabalho docente, realizado antes da aposentadoria, o artigo II explana o contexto em que a aposentadoria foi efetiva e está sendo vivenciada, e o artigo III aborda os efeitos da aposentadoria na saúde dos professores universitários.

Caracterização dos participantes

A fim de facilitar a leitura da dissertação, contribuir com a análise dos resultados e com a interpretação das narrativas dos professores universitários, apresentamos brevemente uma tabela com a descrição básica dos participantes. Uma maior caracterização quanto às demais informações estão descritas no tópico “resultados e discussão” em cada um dos artigos.

Tabela 2*Caracterização dos(as) Participantes*

Descrição dos Participantes	Gênero	Idade	Estado Civil	Tempo de Aposentadoria
P1	Feminino	73 anos	Casada	1 ano
P2	Masculino	72 anos	Casado	10 anos
P3	Feminino	62 anos	Viúva	3 anos
P4	Feminino	75 anos	Viúva	20 anos
P5	Feminino	77 anos	Solteira	7 anos
P6	Feminino	68 anos	Casada	2 anos
P7	Masculino	70 anos	Casado	25 anos
P8	Feminino	82 anos	Casada	12 anos
P9	Feminino	71 anos	Casada	16 anos
P10	Feminino	73 anos	Divorciada	4 anos
P11	Masculino	71 anos	Casado	13 anos
P12	Masculino	63 anos	Solteiro	2 meses
P13	Feminino	73 anos	Viúva	3 anos
P14	Masculino	74 anos	Casado	4 anos
P15	Masculino	91 anos	Casado	12 anos

Nota. Esta tabela descreve características básicas dos participantes. Os dados serão melhor descritos no tópico “resultados e discussão”, presente nos artigos.

Por fim, estão apresentados os artigos I, II e III, além dos apêndices e anexos, produzidos ao longo da pesquisa.

Referências

- Amaral, L. D. B. C., & Torres, T. L. (2017). Representação social da aposentadoria para professores universitários. *Psicologia e Saber Social*, 6(2), 130-145.
<https://doi.org/10.12957/psi.saber.soc.2017.23594>
- Augusto, M. M., & Rocha Neto, I. (2016). Identidade, trabalho e aposentadoria: Estudo com trabalhadoras aposentadas de uma fundação pública. *Enciclopédia Biosfera*, 13(23), 1581-1592. https://doi.org/10.18677/Enciclopedia_Biosfera_2016_141
- Borsoi, I. C. F., & Pereira, F. S. (2017). Perspectivas acerca da aposentadoria na percepção de docentes de uma universidade pública federal. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 20(2), 173-186. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v20i2p173-186>
- Carvalho D. G. D. S. (2020). *Sentidos do Trabalho: narrativas de docentes aposentados em exercício na UFPE à luz da Psicodinâmica do Trabalho*. [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Pernambuco]. Attena - Repositório digital da UFPE.
Dissertação Diane Glayce dos Santos Carvalho.pdf.
<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/39183>
- Carvalho, D. G. D. S., & Dourado, D. C. P. (2022). Permanecer na Universidade: Sentidos Atribuídos ao Trabalho por Docentes Aposentados. *Revista Subjetividades*, 22(3), e12525-e12525. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v22i3.e12525>
- Confederação dos Trabalhadores no Serviço Público Federal. (2018). *Nos últimos 30 anos, Brasil já teve seis reformas da Previdência*. <https://www.condsef.org.br/noticias/nos-ultimos-30-anos-brasil-ja-teve-seis-reformas-previdencia>
- Dejours, C. (1987). *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho* (5th ed.). Cortez.
- Dejours, C. (2004, Dezembro). Subjetividade, trabalho e ação. *Production*, 14(3), 27-34.
<https://doi.org/10.1590/S0103-65132004000300004>

Dejours, C., Abdoucheli, E., Jayet, C., & Betiol, M. I. S. (1994). *Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. Atlas.

Emenda Constitucional n ° 3 de Março de 1993. (1993). *Altera os arts. 40, 42, 102, 103, 150, 155, 156, 160, 167 da Constituição Federal*.

<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/emecon/1993/emendaconstitucional-3-17-marco-1993-354966-normaatualizada-pl.pdf>

Emenda Constitucional n ° 20 de 15 de Dezembro de 1998. (1998). *Modifica o sistema de previdência social, estabelece normas de transição e dá outras providências*.

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Emendas/Emc/emc20.htm

Emenda Constitucional n ° 41 de 19 de Dezembro de 2003. (2003). *Modifica os arts. 37, 40, 42, 48, 96, 149 e 201 da Constituição Federal, revoga o inciso IX do § 3 do art. 142 da Constituição Federal e dispositivos da Emenda Constitucional n° 20, de 15 de dezembro de 1998, e dá outras providências*.

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Emendas/Emc/emc41.htm

Emenda Constitucional n ° 47 de 5 de Julho de 2005. (2005). *Altera os arts. 37, 40, 195 e 201 da Constituição Federal, para dispor sobre a previdência social, e dá outras providências*.

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Emendas/Emc/emc47.htm#:~:text=Emenda%20Constitucional%20n%C2%BA%2047%20Casa%20Civil%20Subchefia%20para,sobre%20a%20previd%C3%Aancia%20social%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%Aancias.

Emenda Constitucional n ° 70 de 29 de Março de 2012. (2012). *Acrescenta art. 6º-A à Emenda Constitucional n° 41, de 2003, para estabelecer critérios para o cálculo e a correção dos proventos da aposentadoria por invalidez dos servidores públicos que*

ingressaram no serviço público até a data da publicação daquela Emenda Constitucional.

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Emendas/Emc/emc70.htm#:~:text=EMENDA%20CONSTITUCIONAL%20N%C2%BA%2070%2C%20DE%2029%20DE%20MAR%C3%87O,at%C3%A9%20a%20data%20da%20publica%C3%A7%C3%A3o%20daquela%20Emenda%20Constitucional.

Emenda Constitucional n º 88 de 7 de Maio de 2015. (2015). *Altera o art. 40 da Constituição Federal, relativamente ao limite de idade para a aposentadoria compulsória do servidor público em geral, e acrescenta dispositivo ao Ato das Disposições Constitucionais Transitórias.* https://www.gov.br/previdencia/pt-br/outros/imagens/2016/06/emenda-constitucionalna_88de-07maio2015.pdf#:~:text=emenda%20constitucional%20no%2088%2c%20de%207%20de%20maio,acrescenta%20dispositivo%20ao%20ato%20das%20disposi%C3%A7%C3%B5es%20constitucionais%20transit%C3%B3rias.

Emenda Constitucional n º 103 de 12 de Novembro de 2019. (2019). *Altera o sistema de previdência social e estabelece regras de transição e disposições transitórias.* Presidência da República.

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc103.htm

Fontoura, D. D. S., Doll, J., & Oliveira, S. N. D. (2015). O desafio de aposentar-se no mundo contemporâneo. *Educação & realidade*, 40(1), 53-79. <https://doi.org/10.1590/2175-623645774>

Guimarães, V. N., Soares, S. V., & Casagrande, M. D. H. (2012, Setembro). Trabalho docente voluntário em uma universidade federal: Nova modalidade de trabalho precarizado?. *Educação em revista*, 28(3), 77-101. <https://doi.org/10.1590/S0102-46982012000300004>

- Heloani, R., & Lancman, S. (2004, Dezembro). Psicodinâmica do trabalho: o método clínico de intervenção e investigação. *Production*, 14(3), 77-86.
<https://doi.org/10.1590/S0103-65132004000300009>
- Herdy, J. S. (2019). Preparação para aposentadoria: O que pensam os professores universitários. In K. C. A. Portela & A. J. Schumacher (Eds.), *Produção científica e experiências exitosas na educação brasileira* (Vol. 5, pp. 160-172). Atena.
- Instituto Nacional de Seguridade Social. (2019). *Nova Previdência: Confira as principais mudanças*. <https://www.gov.br/inss/pt-br/assuntos/noticias/nova-previdencia-confira-as-principais-mudancas>
- Jácome Advocacia. (2023). *Aposentadoria do professor universitário*.
<https://jacomeadvocacia.com.br/aposentadoria-do-professor-universitario/>
- Jogaib, M. L. M. L., & Muniz, H. P. (2015). Aposentadoria e trabalho docente: momento de despedidas ou reencontros com o trabalho?. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 18(1), 47-59. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v18i1p46-58>
- Krawulski, E., Boehs, S. D. T. M., de Oliveira Cruz, K., & Medina, P. F. (2017). Docência voluntária na aposentadoria: Transição entre o trabalho e o não trabalho. *Psicologia: teoria e prática*, 19(1), 55-66. <https://www.redalyc.org/pdf/1938/193851916004.pdf>
- Koetz, E. (2021). *Aposentadoria de professor universitário no INSS: regras aplicáveis*.
<https://koetzadvocacia.com.br/aposentadoria-de-professor-universitario-no-inss-regras-aplicaveis/>
- Jardim, M. C., & Moura, P. J. C. (2023). O projeto de capitalização da Previdência Social no governo Bolsonaro: O mercado como estratégia de aposentadoria. *Sociedade e Estado*, 38(1), 63-93. <https://doi.org/10.1590/s0102-6992-202338010003>
- Laville, C., & Dionne, J. (1999). *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Artmed.

- Leão, L. H. C. (2012). Psicologia do Trabalho: aspectos históricos, abordagens e desafios atuais. *ECOS-Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, 2(2), 291-305.
<http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/1008>
- Lei nº 8.213 de 24 de julho de 1991. (1991). Dispõe sobre os planos de benefícios da previdência social e dá outras providências. Presidência da República.
https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8213cons.htm
- Lima, A. K. G. M., Máximo, T. A., & Barbosa, J. S. V. (2016). Trabalho, aposentadoria e subjetividade. In T. A. Máximo & C. E. Pimentel (Eds.), *Psicologia social e do trabalho: Questões e desafios contemporâneos* (pp. 74-90). Editora UFPB.
- Macedo, L. S. S. (2019). *Trabalho, vida fora do trabalho e adiamento da aposentadoria para docentes universitários*. [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte]. BDTD - Biblioteca Digital de Teses e Dissertações.
[Trabalhovidafora_macedo_2019.pdf](https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/27916)
<https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/27916>
- Ministério do Trabalho. (2002). *Classificação Brasileira de Ocupações*.
<http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/saibaMais.jsf>
- Moreira, J. D. O. (2011, Dezembro). Imaginários sobre aposentadoria, trabalho, velhice: Estudo de caso com professores universitários. *Psicologia em estudo*, 16(4), 541-550.
<https://www.scielo.br/j/pe/a/DNBQDrHZgZTScdvTPxWPKfr/?lang=pt>
- Moreira, J. D. O., Barros, F. M. B. D., & Silva, J. M. D. (2014). Aposentadoria e exercício profissional: Um encontro possível para os professores de uma universidade católica. *Psicol. argum*, 32(79), 123-130. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-767374>
- Nascimento, P. D. M., & Polia, A. A. (2019). Planos para o futuro: Uma análise da perspectiva ocupacional de professores universitários para o período da aposentadoria.

Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional, 27(2), 390-402.

<https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO1647>

Oliveira, C. D., Torres, A. R. R., & Albuquerque, E. S. D. (2009). Análise do bem estar psicossocial de aposentados de Goiânia. *Psicologia em estudo*, 14(4), 749-757.

<https://www.scielo.br/j/pe/a/NVPCgxY9Fzt4gdH8W8Jqchp/?lang=pt#>

Pereira, I. A., & de Souza, A. A. (2021). A aposentadoria na visão dos profissionais do ensino superior. *Percorso Acadêmico*, 11(21), 47-66. <https://doi.org/10.5752/P.2236-0603.2021v11n21p47-66>

Rhoden, J. L. M., & Bolzan, D. P. V. (2019). “Longedocência” no ensino superior: o (re) investimento de professores voluntários após a aposentadoria. *Cadernos de pesquisa*, 26(3), 164-186. <http://dx.doi.org/10.18764/2178-2229.v26n3p164-186>

Ribeiro, C. V. S., Costa, A. F. M., Cardoso, V. M. L., & Machado, B. B. (2019). “Se você se aposentar e não continuar tendo prazer na vida, você vai se aposentar pra quê?": Um estudo sobre o trabalho de docentes aposentados de uma IFES. *Trabalho (En)Cena*, 4(1), 323–343. <https://doi.org/10.20873/2526-1487V4N1P323>

Santos, J. C. (n.d). *Jornada de vida*.

<https://th.bing.com/th/id/R.9073efd9f69972bf0ce5c9b5af922c06?rik=VStU3GRF6YdVjw&riu=http%3a%2f%2f2.bp.blogspot.com%2fu1hFtSujgm8%2fTeMIEj30nkl%2fAAAAAAAAAYo%2fK3y47zCwl3k%2fs1600%2fpoema.png&ehk=TygRp3n9P0q84lj00a1bB4RLjYKqjS4XwlGvS0oquiE%3d&risl=&pid=ImgRaw&r=0>

Santos, A. C. S., de Assis Ribeiro, B. G., Martins, J. T., Galdino, M. J. Q., Robazzi, M. L. D. C. C., & Ribeiro, R. P. (2016). Motivações de docentes aposentados ao retorno às atividades laborais em uma universidade pública. *Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste*, 17(4), 561-568. <https://doi.org/10.15253/2175-6783.2016000400017>

Artigo I

Trabalho Docente: Compreensões de professores universitários aposentados

Resumo

Este estudo tem como objetivo caracterizar as compreensões de professores universitários aposentados acerca do trabalho docente. A pesquisa do tipo qualitativa foi realizada com quinze professores universitários aposentados por idade e/ou por tempo de contribuição. Os participantes tinham entre 62 e 91 anos, no qual, a média de idade foi de 73 anos, destes, nove se identificam com o gênero feminino e seis com o gênero masculino. O tempo de aposentadoria variou entre dois meses e 25 anos, em média os professores estão aposentados há nove anos e dois meses. Quanto à idade com que os professores se aposentaram, a idade mínima foi de 45 anos e a máxima de 78 anos. As entrevistas ocorreram de forma presencial e os materiais foram produzidos mediante a aplicação de dois instrumentos: um questionário sociodemográfico e uma entrevista semiestruturada com base no testemunho. Para análise do material produzido foi utilizada a análise de conteúdo, com recortes por temas de Laville e Dionne. Para a discussão dos elementos, além da literatura produzida a respeito do fenômeno estudado, foram adotadas as contribuições teóricas da Psicodinâmica do Trabalho. Os resultados deste estudo foram analisados e agrupados em três categorias: I. Início de carreira na docência universitária. II. Especificidades do Trabalho Docente Universitário. III. A centralidade do trabalho e sua ausência na aposentadoria. A partir dos resultados da pesquisa e dos materiais produzidos sobre a temática, se verifica que o trabalho de professores universitários é permeado por desafios, desde a inserção na profissão até a saída dela.

Palavras-chave: trabalho, trabalho docente, aposentadoria, psicodinâmica do trabalho

Teaching Work: Conceptions of Retired University Professors

Abstract

This study aims to characterize the understandings of retired university professors regarding teaching work. Qualitative research was conducted with fifteen retired university professors based on age and/or length of service. The participants ranged from 62 to 91 years old, with an average age of 73 years; nine identified as female and six as male. Retirement ranged from two months to 25 years, with an average of nine years and two months. The minimum retirement age was 45 years, and the maximum was 78 years. Interviews were conducted in person, and data were collected using a sociodemographic questionnaire and a semi-structured interview based on testimony. Content analysis, following Laville and Dionne's thematic analysis, was used to analyze the data. In addition to existing literature, theoretical contributions from Psychodynamics of Work were employed for discussion. The study's results were analyzed and grouped into three categories: I. Early Career in University Teaching. II. Specificities of University Teaching Work. III. The centrality of work and its absence in retirement. The research findings indicate that the work of university professors is fraught with challenges, from entry into the profession to retirement.

Keywords: work, teaching work, retirement, work psychodynamics

Trabajo Docente: Concepciones de profesores universitarios jubilados

Resumen

Este estudio tiene como objetivo caracterizar las concepciones de los profesores universitarios jubilados sobre el trabajo docente. La investigación, de tipo cualitativo, se llevó a cabo con quince profesores universitarios jubilados por edad y/o por tiempo de contribución. Los participantes tenían entre 62 y 91 años, con una edad promedio de 73 años, de los cuales nueve se identificaban como género femenino y seis como género masculino. El tiempo de jubilación variaba entre dos meses y 25 años, con un promedio de nueve años y dos meses de jubilación. En cuanto a la edad a la que se jubilaron los profesores, la mínima

fue de 45 años y la máxima de 78 años. Las entrevistas se realizaron de forma presencial y los materiales se produjeron mediante la aplicación de dos instrumentos: un cuestionario sociodemográfico y una entrevista semiestructurada basada en el testimonio. Para el análisis del material producido se utilizó el análisis de contenido, con recortes por temas de Laville y Dionne. Para la discusión de los elementos, además de la literatura producida sobre el fenómeno estudiado, se adoptaron las contribuciones teóricas de la Psicodinámica del Trabajo. Los resultados de este estudio se analizaron y agruparon en tres categorías: I. Inicio de carrera en la docencia universitaria. II. Especificidades del Trabajo Docente Universitario. III. La centralidad del trabajo y su ausencia en la jubilación. A partir de los resultados de la investigación y de los materiales producidos sobre la temática, se verifica que el trabajo de los profesores universitarios está permeado por desafíos, desde la inserción en la profesión hasta la salida de la misma.

Palabras clave: trabajo, trabajo docente, jubilación, psicodinámica del Trabajo

Introdução

O trabalho tem passado por múltiplas e contínuas transformações ao longo da história que afetam a vida dos indivíduos e das coletividades em diferentes épocas e espaços. Assim, ao buscar investigar as atuais configurações do trabalho, é preciso considerar as historicidades e as mudanças ocorridas neste campo, especialmente no século XX no qual os processos e os modos de produzir sofrem intensas modificações (Ornellas & Monteiro, 2006). Os efeitos dessas mudanças no Brasil ocorreram, sobretudo, a partir da década de 1990 com a globalização e as reformas neoliberais (Santos, 2012).

No mesmo período em que o trabalho buscava se reformular diante desse novo paradigma, a educação superior brasileira passava por similares transformações. Ao buscar atender às exigências do capitalismo contemporâneo, a implantação da Política Educacional

para o Ensino Superior, dentre seus objetivos, insere as universidades à lógica do capital (Magalhães, 2013). Com esse cenário, a educação superior passou a ser discutida como um serviço comercial ou como um bem público quantificável, no qual exige cada vez mais, do contexto universitário, novos produtos tecnológicos e pessoas qualificadas para atuação inovadora (Morosini & Corte 2021).

Inserido nos campos do trabalho e da educação, o trabalho docente foi fortemente afetado, passando a se desenvolver sob a intensificação, alienação e precarização do trabalho (Queiróz & Emiliano, 2020; Santos, 2012; Vilela et al., 2013). Os laços sociais que são responsáveis pela construção da confiança e pelo exercício de cooperação no trabalho foram comprometidos pelas novas formas de avaliação do desempenho, apoiadas no individualismo e na produtividade (Fleury & Macêdo, 2012). Nesse contexto, o sofrimento patógeno passa a ser uma realidade quase indissociável ao trabalho docente (Hoffmann et al., 2017).

Nessas circunstâncias, não é incomum que as patologias relacionadas ao trabalho sejam acentuadas. A maneira como ele é controlado, avaliado e desqualificado, tem contribuído para o adoecimento de professores universitários (Magalhães, 2013; Queiróz & Emiliano, 2020; Silva, 2016). No entanto, apesar do trabalho docente, nas universidades, comumente produzir sofrimento e doença, esse não é o único destino possível. Em certas ocasiões são produzidos elementos em confronto a essa condição, em que crescimento, solidariedade e prazer são identificados (Mancebo, 2007).

Prazer e sentimento de realização, ao serem favorecidos, são fenômenos que dão sentido ao trabalho. Quando ele tem sentido, atua junto à personalidade, aos desejos e aos talentos das pessoas, oportunizando a superação de desafios e/ou o desenvolvimento de ideias (Morin, 2001). No caso dos professores universitários, o sentido do trabalho pode ser identificado a partir da realização de si por meio do transformar, pensar e fazer refletir,

desenvolver-se e oportunizar o desenvolvimento, e viver o mundo pessoal e profissional de forma digna (D'Arisbo et al., 2018).

Dessa maneira, condições objetivas e subjetivas atravessam os sentidos e os significados do trabalho docente (Fonseca et al., 2018; Santos, 2012). Portanto, para compreender os significados e sentidos do trabalho do professor é necessário considerar as relações entre subjetividade, política, instituição e sociabilidade, além dos seguintes aspectos: prazer e sofrimento no trabalho; as adesões ou não às demandas de produtividade; a adaptação a nova reconfiguração da universidade; os diferentes níveis de envolvimento com a instituição; o trabalho em suas múltiplas demandas (Silva & Mancebo, 2014).

Diante do exposto, em que se considerou as particularidades do fazer docente nas universidades, questiona-se como professores universitários aposentados entendem esse fenômeno. Para tanto, este artigo tem como objetivo caracterizar as compreensões de professores universitários aposentados acerca do trabalho docente. A fim de fundamentar este estudo, foram adotadas as contribuições teóricas da Psicodinâmica do Trabalho.

Psicodinâmica do Trabalho

A Psicodinâmica do Trabalho, nasceu por volta dos anos de 1970, com os estudos do psiquiatra e psicanalista Christophe Dejours, cujo objetivo inicial era identificar doenças mentais específicas, relacionadas a profissões ou situações de trabalho (Dejours et al., 1994). Em 1992 seu campo de investigação ampliou-se para além do estudo das patologias mentais relacionadas ao trabalho, passando a abranger pesquisas que vão do sofrimento ao prazer, e das patologias mentais à realização de si mesmo através do trabalho (Dejours, 2013).

Em sua origem, a Psicodinâmica do Trabalho se difundiu enquanto disciplina clínica, que se constitui nas empresas, órgãos administrativos ou instituições, bem como nos consultórios, através de atendimento e acompanhamento de pacientes que sofrem de transtornos mentais associados ao trabalho (Dejours, 2021). Semelhantemente, a

psicodinâmica do trabalho é uma disciplina teórica que busca inscrever os resultados da investigação clínica da relação com o trabalho em uma teoria do sujeito que envolve a psicanálise e a teoria social (Dejours, 2004, 2022b).

Ao considerar os resultados de suas investigações, Dejours compreende o trabalho, dentre outras definições, como aquilo que inclui, do ponto de vista humano, o fato de trabalhar; são os gestos, o saber-fazer, a capacidade de refletir, de interpretar e de reagir às situações que envolvem o engajamento do corpo e a mobilização da inteligência para lidar com os desafios colocados pelo real (Dejours, 2004, 2022b). É nesse sentido que trabalhar não é apenas produzir, mas transformar a si próprio (Dejours, 2004, 2008, 2009, 2013, 2021, 2022b; Dejours et al., 2016).

A transformação de si é um importante elemento para a identidade pessoal, e se desenvolve através do trabalho e do reconhecimento deste (Dejours, 2008). A priori, o reconhecimento passa por julgamentos sobre o fazer e o trabalhar, e não sobre aquele que trabalha, isto é, o trabalhador (Dejours, 2004). Somente em um segundo momento o reconhecimento do trabalho pode ser deslocado para o sujeito, no registro do ser (Dejours, 2008). É por esta razão que este elemento tem impacto considerável sobre a identidade (Dejours, 2013).

Ademais, é através do reconhecimento que o trabalhador se vê pertencente a um coletivo, a uma equipe, a um ofício. Mas a integração a uma comunidade de pertencimento e sua socialização depende essencialmente de um fator: a cooperação (Dejours, 2004). À medida que a cooperação é implicada, os que trabalham também são convocados a contribuir com as regras do trabalho e do viver em comum (Dejours, 2007). Nessa razão, trabalhar é, também, viver junto (Dejours, 2007, 2008, 2013).

A análise psicodinâmica da evolução do trabalho atesta que os fundamentos do reconhecimento têm sido comprometidos, a cooperação ameaçada e os coletivos

vulnerabilizados (Dejours, 2008, 2016, 2022a). Essas desestruturações acompanham as novas formas de organização do trabalho, típicas do neoliberalismo, em que produtividade, rentabilidade, competitividade e o individualismo imperam (Dejours, 2004). Nessa razão, o trabalho passa a ser concebido sob o medo, a concorrência, a deslealdade e a desconfiança dos trabalhadores (Dejours, 2008).

Disso resulta a produção de violência no trabalho, desenvolvimento e agravamento de patologias mentais e até casos de suicídio (Dejours, 2004). Para a psicodinâmica do trabalho, nos processos envolvidos na construção tanto da doença quanto da saúde, a relação com o trabalho assume papel primordial (Dejours, 2021). É por causa do envolvimento da subjetividade com o trabalho que este último não pode ser neutro em relação à saúde mental (Dejours, 2013). Logo, o trabalho tanto pode gerar o melhor ao favorecer a saúde, quanto o pior, favorecendo a doença (Dejours, 1987, 2008, 2013, 2021).

Portanto, por meio das investigações, estudos e constatações da relação entre subjetividade e trabalho e seus desdobramentos nas esferas física, subjetiva e social, compreende-se que a psicodinâmica do trabalho produziu grandes contribuições para as ciências do trabalho. Desse modo, seus pressupostos clínicos e teóricos se revelam como um aparato substancial para constatação de como professores universitários aposentados compreendem o trabalho docente.

Método

Delineamento de Pesquisa

Este estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa, posto que a mesma trabalha com o universo de aspirações, significados, motivações, isto é, se debruça no espaço mais profundo das relações, fenômenos e processos que não podem ser reduzidos a quantificação (Minayo, 2001).

Participantes do Estudo

Contou-se com a participação de quinze professores aposentados por idade e/ou por tempo de contribuição. Todos os participantes entrevistados foram professores de universidades públicas do estado da Paraíba.

Recrutamento dos Participantes

Os primeiros participantes foram abordados mediante indicação de uma das pesquisadoras que compõem o grupo de pesquisa dos autores. A solicitação da indicação de participantes se apoia no fato de que a pesquisadora em questão, vinculada a uma Instituição de Ensino Superior, manteve relações profissionais com professores que, em determinado momento, se aposentaram.

A partir disso, os autores elaboraram uma lista com os endereços eletrônicos dos possíveis participantes, onde o primeiro contato ocorreu por meio de ligação ou mensagem de texto por aplicativo de celular. Em seguida, foi verificada a disponibilidade dos participantes em contribuir com a pesquisa.

À medida que as entrevistas ocorriam, outros participantes foram indicados a contribuir com o estudo. Com isso, também foi utilizada a amostragem bola de neve que consiste na utilização de cadeias de referências, onde os sujeitos da pesquisa são solicitados a indicarem novos contatos a partir da sua rede pessoal (Vinuto, 2014).

Produção de Materiais

As entrevistas foram realizadas individualmente e de forma presencial, entre dezembro de 2022 e março de 2023. Embora os pesquisadores tenham destinado um ambiente para a realização da pesquisa, a maioria dos participantes optou que as entrevistas fossem realizadas em suas residências. Das 15 entrevistas, apenas duas foram realizadas no espaço ofertado pelos pesquisadores.

A pesquisa se iniciou com o esclarecimento de possíveis dúvidas sobre o estudo. A seguir, cada participante assinou os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido e de

Autorização de Gravação de Voz. Em sequência, os materiais foram produzidos mediante a aplicação de dois instrumentos: um questionário no qual havia questões sociodemográficas e profissionais e uma entrevista semiestruturada.

A partir da aplicação do questionário foi possível conhecer e traçar o perfil de cada participante. As informações solicitadas no questionário possibilitaram o acesso a informações pessoais: idade, gênero, estado civil, presença ou não de filhos, bem como informações profissionais: grau acadêmico, área de formação, idade que se aposentou, tempo de aposentadoria.

Com o intuito de conhecer melhor a respeito do fenômeno pesquisado, a fim de permitir o relato das experiências de cada sujeito, optou-se pela entrevista semiestruturada com base no testemunho. Essa técnica consiste em colher depoimentos que permitam a exploração dos conhecimentos das pessoas e suas representações, ou seja, valores, opiniões, sentimentos, crenças etc. (Laville & Dionne, 1999).

A entrevista semiestruturada foi realizada por meio de um roteiro, elaborado previamente, que buscou evidenciar e responder às indagações deste estudo. Os temas que nortearam a entrevista versam sobre a centralidade do trabalho, a carreira docente e o trabalho docente nas universidades. Para assegurar a precisão das respostas e a riqueza das informações, essa etapa da pesquisa contou com o uso da gravação de voz.

Análise dos Materiais Produzidos

Para análise dos elementos produzidos, foi utilizada a análise de conteúdo, com recortes por temas de Laville e Dionne (1999). A escolha por esse tipo de análise se apoia no fato de que através dela o pesquisador pode melhor se conectar ao conteúdo pesquisado, pois este deve construir suas unidades de análise por meio da sua compreensão do conteúdo. Ao fazer o recorte dos conteúdos em elementos, o pesquisador poderá em seguida ordená-los dentro de categorias (Laville & Dionne, 1999).

Para análise e discussão dos elementos, além da literatura produzida a respeito do fenômeno estudado, foram adotadas as contribuições teóricas da Psicodinâmica do Trabalho. Nessa fase, o pesquisador formula e identifica os elementos subjetivos, no qual os conceitos teóricos são ferramentas que permitem explicar e dar sentido ao material produzido (Heloani & Lancman, 2004).

Aspectos Éticos

Este estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba, sob o protocolo de nº 5.982.347. CAAE: 64048822.3.0000.5188. Após aprovação, a pesquisa seguiu os aspectos éticos da Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, que protege os direitos dos participantes das pesquisas científicas, a partir da ética inerente ao crescimento científico e tecnológico.

Resultados e Discussão

Perfil dos participantes

Participaram deste estudo quinze professores aposentados que se afastaram integralmente do trabalho docente universitário. Suas aposentadorias se efetivaram pela idade e/ou pelo tempo de contribuição, não tendo deixado o trabalho por outras condições especiais, a exemplo da aposentadoria por invalidez. Os participantes tinham entre 62 e 91 anos, no qual a média foi de 73 anos. Quanto ao gênero, nove são do gênero feminino e seis do masculino, a maioria é casada (60%) ou viúva (20%), os demais, solteiros (13,3%) e divorciado (6,7%), no qual apenas uma participante não tem filho(os).

No tocante a graduação, os participantes deste estudo têm formação profissional nas áreas de letras (3), fisioterapia (2), odontologia (2), linguística (2), sociologia (1), economia (1), história (1), agronomia (1), farmácia (1) e design de produtos (1). Em relação à titulação acadêmica, oito participantes possuem doutorado (sendo que dois concluíram estágio pós-

doutoral), cinco possuem mestrado, e os demais, especialização. Quanto à docência, todos os participantes foram professores de universidades públicas, estaduais e/ou federais.

O tempo de aposentadoria variou entre dois meses e 25 anos. Em média, os participantes estão aposentados há nove anos e dois meses. Quanto à idade que se aposentaram, o mínimo foi de 45 anos e o máximo 78 anos. No que concerne ao gênero, a média de idade que a aposentadoria foi efetiva entre o gênero feminino foi de 64 anos e sete meses, já em relação ao gênero masculino a média de idade foi de 63 anos. As pessoas do gênero masculino se aposentaram cerca de um ano e meio mais cedo que as do gênero feminino.

Quanto aos resultados da entrevista semiestruturada, os materiais foram analisados e agrupados em três categorias: I. Início de carreira na docência universitária. II. Especificidades do Trabalho Docente Universitário. III. A centralidade do trabalho e sua ausência na aposentadoria.

Início de carreira na docência universitária

Nesta categoria, foram agrupadas as unidades de análise que contextualizam como os participantes iniciaram suas carreiras como Professores do Ensino Superior. Questionados sobre o início do trabalho na docência universitária, salientaram as experiências profissionais e acadêmicas, adquiridas anteriormente, como um importante fator na inserção ou na escolha pelo trabalho docente universitário:

P1: Fiz um curso no SENAI ... quando eu terminei, fui convidada pra ministrar aulas ... comecei a me apaixonar por aquilo, pelo ato de ensinar ... aí, fui fazer letras ... fiz especialização e, posteriormente, fiz o mestrado ... depois ingressei como professora na [Universidade].

P2: Durante o curso de graduação eu dei algumas aulas já em colégio ... substituí um colega quatro meses dando aula no lugar dele. Depois passei um ano lecionando uma

disciplina ... então isso me levou a tomar a decisão que eu gostaria de docência ... aí, fiz o mestrado, com o mestrado entrei pra docência.

P3: Quando eu terminei, me engajei numa área e, de repente, a universidade tava carente naquela área, e eu era praticamente a pessoa que tinha uma vivência, uma experiência naquele campo. E aí, na época, a [Universidade] não exigia concurso, eu fui convidada, tá? Aí, me efetivei lá como professora.

Apesar das experiências acadêmicas e/ou profissionais anteriores serem um fator que contribuiu consideravelmente para início e o desenvolvimento do trabalho docente nas universidades, essas vivências não abarcam todos os desafios do fazer docente. Nesse sentido, chama a atenção, na fala dos participantes, as limitações da formação profissional para atuação no ensino superior e seus atravessamentos que destacam esse início de profissão. Essa questão parece ser estrutural e atinge os professores universitários em diferentes contextos:

P8: Fiz especialização, fiz mestrado, fiz doutorado ... o meu sonho era trabalhar com saúde pública na comunidade ... e sempre fiz muita crítica da dificuldade que nós tínhamos dentro da própria universidade, de ter professores que se propusessem a fazer um trabalho comunitário.

P9: Foi a necessidade de trabalhar ... e com a cara e a coragem, minha filha, eu fui ... aí, a gente teve que estudar, estudar, estudar, estudar pra ser professora, que a gente não sabia, nosso curso é bacharelado, né? A gente não tem nenhuma formação pedagógica, e aí a gente teve que aprender.

P11: Fui professor do SENAI ... aí, eu acho que já tinha gostado daquela experiência ... fora essa experiência no SENAI, não tinha mais experiência nenhuma no ensino. O que é algo que acontece com todos nós professores de universidade em geral. Você

não tem nenhuma base de pedagogia, de educação mesmo, pra compreender, e você virou professor.

Diante desse cenário, compreende-se que, para muitos docentes, possuir conhecimentos de ordem didático-pedagógico não foi valorizado em sua formação acadêmica e tampouco foi requisito para o ingresso na profissão (Selbach & Luce, 2022). Essa realidade, além de desafiadora, compromete o professor e, conseqüentemente, o trabalho docente uma vez que a docência exige um repertório de conhecimentos e saberes que requer técnicas e estratégias pedagógicas para o enfrentamento da complexidade da profissão (Cunha, 2019; Cunha et al., 2021).

Nesta razão, a formação para o exercício do magistério no ensino superior demarca uma problemática cuja resolução depende de investigações e ações institucionais que considerem, sobretudo, os desafios vivenciados por trabalhadores que iniciam sua carreira na docência. Além disso, em se tratando especialmente de universidades públicas, esses desafios também perpassam pela necessidade de considerar a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, no centro de um projeto que ateste a função social da universidade (Santos & Sordi, 2020).

Reconhecer a necessidade de preparação pedagógica dos professores universitários é uma determinação de ordem profissional e social (Almeida, 2020). Além de serem componentes fundamentais à investigação dos fenômenos que cercam o trabalho docente, os aspectos no qual a formação inicial está inserida, e sobre as quais é submetida, também irão refletir na construção da identidade profissional do professor. Todavia, para melhor compreensão deste último elemento, cabe considerar outros fenômenos, dentre os quais, as particularidades do trabalho docente universitário (Mellini & Ovigli, 2020).

Especificidades do Trabalho Docente Universitário

Analisar as particularidades do trabalho docente consiste em investigar o fazer do professor universitário, em que as demandas de sua atuação levam a experiências de prazer e sofrimento no trabalho. Essas vivências subjetivas mobilizam um ser singular e um corpo que os exprime e os experimenta, de modo que não podem ser vividos da mesma forma por mais de um sujeito (Dejours et al., 1994). Assim, é comum que uma pessoa esteja vivendo uma sensação de prazer, no instante que outra esteja se deparando com vivências de sofrimento no trabalho (Dejours, 2008).

Nessa direção, estudos com professores universitários, ancorados na teoria da psicodinâmica do trabalho, indicam que as vivências de prazer e sofrimento dos docentes, assume caráter ambivalente à medida que são vivenciadas, por cada professor, de forma distinta e específica (Campos et al., 2020; Galindo et al., 2020; Hoffmann et al., 2019; Prata-Ferreira & Vasques-Menezes, 2021; Vieira et al., 2020). Não distante dessa constatação, esse panorama também foi identificado neste estudo.

A relação otimista com os alunos, os vínculos sólidos com eles estabelecidos, a possibilidade de poder contribuir com a formação pessoal e profissional dos estudantes e a transmissão de conhecimento aos discentes, são importantes elementos para a constituição de vivências de prazer no trabalho. “O cara [estudante] tava jogando a toalha e eu conseguia conversar e seguir em frente. ... É uma coisa muito revigorante ... se eu cumpri só isso, pra mim já foi uma coisa muito positiva na minha vida.” (P11).

P2: Eu me sentia realizado com a minha atividade de sala de aula, incentivando todo mundo que fizesse, buscasse ... porque aí, enriqueceram o conhecimento deles, podiam ser um futuro profissional brilhante. Então, eu me satisfazia nisso.

P3: Dava aula completa, chegava na hora certa, cumpria o horário todo. Mas, com muito prazer tudo isso, sem nenhum fardo. ... Tinha uma relação muito boa com os

alunos ... só vim me aposentar com 60, com a dificuldade de me desligar do trabalho que eu exercia ... do vínculo que eu tinha com os alunos.

P9: Você imagina o que é você transmitir algo que você tá com interesse de saber? ... e o melhor de tudo é você ter como colegas, aquelas pessoas que foram seus alunos, pra mim assim, o mais gratificante é isso: eu tê-los como meus colegas.

P13: Quando o professor é compromissado, que dá sua aula, que valoriza sua disciplina, procura engajar seus alunos. Então, nós somos valorizados e isso aconteceu comigo. Tenho depoimento de meus alunos escrito em prova ... isso aí, me gratificou muito.

P14: Me dediquei com todo empenho para que as pessoas aproveitassem todo conhecimento que eu tinha adquirido ... empenhado em que os alunos realmente se qualificassem, aprendessem ... consegui levar com facilidade esse tipo de relacionamento coletivo ... fez com que, realmente, a dedicação à docência fosse uma atividade agradável, gostosa, interessante porque combinava as duas coisas: a necessidade de você se dedicar ... com o meu gosto por estudar.

Na condição de que a relação entre aluno e professor seja um forte componente para as vivências de prazer no trabalho, o seu oposto é semelhantemente identificado. As universidades, bem como o trabalho docente ali desenvolvido, têm passado por grandes transformações que atingem o corpo discente, ou mais especificamente, o perfil dos alunos que atualmente frequentam o ensino superior. Essas mudanças repercutem no trabalho docente e são concebidas como um dos aspectos que contribuíram para o sofrimento no trabalho:

P1: Nos primeiros 20, 25, 30 anos, foi muito gratificante, mas pouco a pouco ... você contava no dedo de uma mão, alunos realmente interessados a estudar, a cumprir com seus compromissos de sala de aula ... foi vindo uma desmotivação ... parecia já não

valer tanto a pena estudar, passar madrugadas, aquisição de livros, participar de eventos acadêmicos, se quando você faz tudo isso pra trazer pra sala de aula, você não sente estímulo do aluno.

P9: Atualmente, os alunos são menos atenciosos que antigamente. Antigamente eles eram mais atenciosos, reconheciam mais o papel do professor. ... O que um professor passa em sala de aula é preciso gostar da profissão. ... É difícil ser professor! ... hoje o aluno não é o aluno de antigamente.

Ao analisar mais estritamente essa relação constituída entre aluno e professor, o discurso dos participantes aponta para um importante elemento: o reconhecimento, ou melhor, a ausência deste. A falta de reconhecimento e de valorização dos estudantes frente ao trabalho docente, têm contribuído consideravelmente para o sofrimento de professores universitários (Galindo et al., 2020; Hoffmann et al., 2019). Essa realidade indica que as vivências de prazer e sofrimento perpassam, dentre outros aspectos, por sentimentos de valorização e reconhecimento no trabalho (Mendes & Tamayo, 2001).

É através do reconhecimento que o sujeito se beneficia de uma retribuição simbólica por intermédio do trabalho, fruto de sua contribuição à sociedade (Dejours, 2007, 2021). Mas, para obter essa retribuição, o reconhecimento deve passar por dois tipos de julgamentos: julgamento de utilidade e julgamento de beleza. O julgamento de utilidade é produzido pelo outro, que está em linha vertical, ou seja, é feito pelos superiores hierárquicos: chefes, diretores, executivos, clientes e subordinados. Quanto ao julgamento de beleza, este se refere à beleza do trabalho realizado, sendo proferido pelos pares (Dejours, 2005, 2008, 2013, 2022b).

O julgamento de beleza torna-se mais significativo que o julgamento de utilidade, uma vez que se trata do reconhecimento produzido pelos pares. Na medida que conhecem bem o trabalho, estes podem avaliá-lo em profundas dimensões, geralmente não acessíveis a

leigos (Lancman & Uchida, 2003). Esse reconhecimento possibilita que os sujeitos se sintam pertencentes a uma equipe, a um coletivo, a uma comunidade profissional (Dejours, 2013). É daí que surge a cooperação, modalidade essencial para o combate da solidão no trabalho (Dejours, 2004).

Todavia, as relações de companheirismo, amizade e solidariedade se concretizam cada vez menos no atual contexto de trabalho (Heloani & Capitão, 2003). O convívio e a confiança estão ameaçados e as condições de julgamento e de reconhecimento comprometidas (Dejours, 2008). Como consequência dessa desestruturação, o cotidiano do trabalho passa a ser, cada vez mais, marcado por violências, por vezes explícitas, mas preponderantemente sutil e perversa (Seligmann-Silva, 2006). Nessa direção, o discurso dos participantes aponta para os efeitos desses fenômenos:

P11: A academia, pra mim, hoje virou uma grande decepção. ... Virou uma produção de fazer artigo ... a universidade pra mim, virou tipo assim, uma reprodução da sociedade, com todas as podridões que a gente tem nessa sociedade que a gente vive, mas com um verniz acadêmico. ... Já tava assim, já cansado desses esquemas, de departamento, de fofquinhas internas, coisas desse tipo que eu não tava mais a fim de aturar.

P12: A universidade tem muita competição. E a competição, às vezes, é de uma forma gratuita demais, que a gente supõe ser. Mas ela é perversa, não dá perversão de alguém ser perverso, porque é perverso, mas da condição pela qual alguém se manifesta com relações de poder que nem percebe. ... Um que tinha poder, às vezes, implicava tanto com o outro que causava danos, às vezes, até psicológicos.

A produtividade e a competitividade são duas problemáticas que têm atingido não apenas o trabalho docente, mas a saúde dos professores. A docência tem se tornado uma profissão ancorada na solidão, em que o outro deixa de ser o aliado e se torna o rival a ser

combatido. No entanto, a constante luta pela sobrevivência leva os trabalhadores a uma jornada de trabalho excessiva que atravessa as próprias condições em que o trabalho se realiza, atingindo a fisiologia do corpo (Heloani & Capitão, 2003).

O corpo, não distante da dimensão psíquica, é igualmente atingido pela intensificação e prolongamento da jornada de trabalho. Com possíveis consequências à saúde, a nova temporalidade laboral reconfigura o trabalho docente. Ao exceder o limite físico e temporal da universidade, o trabalho tende a ser realizado nos finais de semana, férias e nas fases de interrupção do ano letivo. Às custas dessa realidade, os professores lidam, constantemente, com a falta de tempo para o lazer e descanso, além da privação do sono (Rodrigues et al., 2020). De acordo com os participantes:

P3: Você trabalha mais em casa pra executar lá na universidade, não é aquela coisa que saiu de lá, deixou. Ao contrário, você saiu de lá, você carrega um monte de coisa pra casa. Porque é prova pra fazer, pra corrigir, relatórios ... sacrifiquei muito assim, a minha vida, finais de semanas, noites, eu dormia muito tarde, sempre.

P9: Às vezes, eu ia dormir tarde porque eu não ia chegar numa sala de aula sem rever o conteúdo ... você pode repetir isso 300 vezes, mas se você for dar aquele mesmo conteúdo, você tem que olhar, rever suas fichas, refazer seus slides, é necessário pra você pelo menos ter qualidade.

Nesse sentido, condições precárias e sobrecarga de trabalho expõem o trabalhador a inúmeras pressões que podem comprometer a saúde física e mental do professor, o tornando vulnerável ao desenvolvimento de patologias (Ferreira & Pezuk, 2021; Galindo et al., 2020; Prata-Ferreira & Vasques-Menezes, 2021; Rodrigues et al., 2020; Souza, 2021). Essas vulnerabilidades decorrentes do trabalho, quando associadas a questões pessoais, podem ter proporções ainda maiores, tornando o adoecimento quase inevitável, como aponta a participante 4:

Pelo estresse eu fiquei diabética, eu fiquei hipertensa. Claro, isso não foi o trabalho que me causou, foi uma associação de coisas da vida: família, trabalho, problemas, né? Isso faz com que a gente tenha um adoecimento. A responsabilidade de coordenadora, de dar conta daquilo ... então, eram muitos desafios, muitas noites de sono acordada. Durante o trabalho tive uma crise de arritmia que fui parar na UTI ... era o ritmo de vida que levava. Chegou ao ponto que o coração não aguentou. (P4)

Apesar da participante relatar os danos à saúde física como decorrentes de um conjunto de fatores, o fato de a manifestação do adoecimento ter se concretizado no trabalho aponta este fenômeno como um dos fatores que podem desestabilizar a saúde. Dessa forma, adoecer no trabalho implica sinalizar as condições em que o trabalho se realiza; denuncia as consequências dessas situações ao trabalhador, aos pares, nos quais estão submetidos às mesmas realidades de trabalho, e; sinaliza a instituição que tende a se isentar da responsabilidade frente a saúde de seus trabalhadores.

No entanto, as más condições de trabalho não irão produzir prejuízos apenas ao corpo, mas também à mente, no qual as ameaças à integridade física podem levar ao desencadeamento de quadros ansiosos (Dejours, 1987). Partindo desse pressuposto, importa destacar as patologias mentais como um fenômeno diretamente relacionado às novas organizações do trabalho. Fruto da virada neoliberal, a evolução contemporânea das formas de organização do trabalho se baseia nos princípios que sugerem sacrificar a subjetividade em nome da rentabilidade e da competitividade, colocando o futuro do homem à prova (Dejours, 2004).

Todavia, a transformação negativa do trabalho não é uma fatalidade, isto é, se o trabalho pode gerar o pior, ele pode, igualmente, gerar o melhor. Isso depende dos sujeitos e de suas capacidades de refletir as relações entre subjetividade, trabalho e ação (Dejours, 2004). Apesar de considerar os aspectos subjetivos do trabalhador em relação às vivências de

prazer e sofrimento no trabalho, cabe destacar o papel fundamental das instituições para a transformação de sofrimento no trabalho propiciando ao trabalhador condições concretas de trabalho (Galindo et al., 2020).

A centralidade do trabalho e sua ausência na aposentadoria

Para a psicodinâmica do trabalho, a tese da centralidade do trabalho se apoia em quatro esferas: individual, na qual o trabalho é central para a formação da identidade e para a saúde mental; das relações entre homens e mulheres, no qual o trabalho permite superar a desigualdade nas relações de gênero; política, em que o trabalho desempenha um papel central no que concerne à totalidade da evolução política de uma sociedade e; da teoria do conhecimento, uma vez que o trabalho possibilita a elaboração de novos conhecimentos (Dejours, 2009).

Neste estudo, a noção de centralidade pode ser identificada a partir da posição que o trabalho ocupa, pelos sentidos e pelos significados atribuídos a ele. A aposentadoria não é uma condição que retira do trabalho a sua essência, pois, mesmo que os indivíduos assumam outra posição com relação a esse fenômeno, a concepção que os sujeitos detêm do trabalho embora se transforme, não se esgota. Essa conjuntura é identificada no discurso dos participantes ao associarem o trabalho à existência, isto é, a vida, ao passo que a falta dele gera ociosidade com riscos de adoecimento:

P5: [O trabalho] representava quase a minha vida toda, quase a minha vida. Não era a minha vida completa porque tinha a família ... mas, o trabalho era muito importante pra mim ... gostava muito de sala de aula e pesquisa, eu gostava demais, chega eu me emociono quando eu falo (chora).

P7: O trabalho significa vida, por exemplo, quem fica sem trabalhar, fica numa posição ou situação de pouca atividade, não é muito confortável. E o trabalho, o

principal prazer do trabalho, é saber que estou sendo útil, que estou sendo integrado a comunidade, a sociedade e ainda posso prestar a minha contribuição.

P10: O trabalho sempre representou pra mim, algo muito significativo na minha vida, sempre foi muito bom, toda vida eu gostei de fazer o que eu fazia. Muita leitura permanentemente, muito trabalho ... sempre foi desafio pra mim, porque eu sou uma pessoa muito tímida ... mas sempre enfrentei.

P13: O trabalho é muito importante na vida de cada pessoa ... eu acho que a pessoa que não tem trabalho adoece. ... Você ter sua autonomia financeira, sua satisfação profissional em exercer aquele trabalho.

P15: Você não pode viver sem trabalhar ... o trabalho é o que nos dá a vida, não somente o trabalho nos dá a remuneração e faz com que a gente não entre num processo de ociosidade, uma espécie de desgosto pela vida. Quem trabalha está com a mente ocupada.

Dessa forma, como sugere Dejours et al. (1993), o trabalho ocupa um importante lugar no conjunto da existência. Não é apenas uma maneira de ganhar a própria vida, é um status social no qual se relacionam, às vezes, um vocabulário particular, um traje específico, além de ser também uma parte significativa do dia ou da noite, da semana, do ano. Fornece um emprego ou um ofício; é uma atividade, uma contemplação, uma capacidade, uma causa de interesse, uma fonte de cansaço, mas também um meio de desenvolvimento (Dejours et al., 1993).

O trabalho é um fenômeno social atravessado por relações de dominação e de desigualdades sociais (Dejours, 2004, 2022b). Por suas particularidades de produção de valor é, também, uma ferramenta de grande poder, sobre o qual se apoia grandes conquistas. Através do trabalho, as mulheres progrediram em seus movimentos de emancipação e passaram simultaneamente a colaborar e consentir com o desenvolvimento do trabalho

juntamente aos homens (Dejours, 2009). A fala da participante 4 ressalta a importância do trabalho para liberdade das mulheres:

Acho que todo mundo deve ter o seu trabalho. ... Trabalhar pra mulher que é casada, que é mãe, pra qualquer uma já é importante, mas, pra gente que tem esses vínculos mais domésticos, é assim, uma experiência libertadora! É você saber que você é dona da sua vida, seu salário pode até nem lhe compensar, mas você é livre ... O homem não nasceu pra viver sozinho, embora muitos gostem da solidão. Mas, a gente nasceu pra conviver, viver só é muito ruim. (P4)

Logo o trabalho permite um lugar na sociedade, mobiliza o sujeito e contempla a procura de realização pessoal. Está longe de ser uma atividade solo, centrada no indivíduo; é antes, uma atividade relacional, onde é incontestável a importância do coletivo (Dejours, 2022a). Nesse aspecto, trabalhar é produzir o tecido social e as dinâmicas intersubjetivas fundamentais aos mecanismos de reconhecimento, caráter essencial para a mobilização subjetiva da inteligência e da personalidade (Dejours, 2005). Nessa direção, os participantes referem sobre o trabalho:

P6: Não era só uma fonte de ganhar dinheiro ... o trabalho sempre representou muita coisa pra mim além da necessidade de sustentação ... é tanto que quando eu fui me aposentar ... tirou o chão de mim, porque eu sempre trabalhei com muito prazer.

P8: O trabalho da condição de você conduzir a sua família para um meio de vida, uma qualidade de vida melhor, porque é o trabalho que dá tua condição ... e o trabalho, além disso, lhe dá satisfação pessoal de você ser útil, torna-se útil além do seu elo familiar.

A excitação de ser útil é psicologicamente essencial, por isso, é tão perigoso para a saúde mental o ato de se afastar definitivamente do trabalho, com o risco de o sujeito se percebe enquanto inútil para o outro (Dejours, 2022b). Essa inutilidade consiste em não poder

contribuir à sociedade, a uma instituição pública, à cidadania, ao Estado e que, privados desse direito de contribuir, não podem usufruir da retribuição simbólica que é o reconhecimento. Para a identidade, esse é um cenário perigoso que também oferece riscos do ponto de vista psicopatológico (Dejours, 2008).

A partir da fala dos participantes, compreende-se que o trabalho, quando concebido como um importante aspecto para o desenvolvimento, expande seus sentidos. O sujeito, inserido no campo social, significa o trabalho como uma importante fonte de recompensas que possibilita a emancipação; permite um espaço na sociedade e na vida coletiva; contribui para o fortalecimento da identidade à medida que nutre o sentimento de utilidade; além de proporcionar subsídios para o sustento financeiro dos indivíduos.

Considerações finais

A compreensão de professores universitários aposentados sobre o trabalho docente é um importante mecanismo de análise. Esses sujeitos dedicaram grande parte da sua vida à docência e vivenciaram inúmeras e distintas transformações que abrangeram o trabalho. Além disso, o fato de atualmente não estarem diretamente inseridos nesse contexto pode ter possibilitado maior reflexão das vivências docentes, bem como uma análise mais crítica desse cenário, uma vez que suas falas não são atravessadas pelas tensões e pressões do cotidiano de trabalho docente, embora isso não signifique ausência de angústia ao falar sobre esse fenômeno.

A partir dos resultados da pesquisa e dos estudos produzidos sobre a temática, verifica-se que o trabalho, que outrora fora desenvolvido pelos professores participantes deste estudo, não difere do trabalho docente realizado em dias atuais. Contestar essa realidade, traz à tona as condições em que se estrutura a docência no ensino superior e, consequentemente, as repercussões que cercam o trabalho do professor universitário. Os apontamentos dos

participantes levam a compreensão de que o trabalho de professores universitários é permeado por desafios, desde a inserção na profissão até a saída dela.

Neste sentido, acredita-se que este estudo pode oferecer subsídios para possíveis discussões que visem o trabalho docente universitário. Assim, dentre as áreas que possa contribuir este estudo, destaca-se o campo da educação, no que tange a dinâmica do ensino superior, no qual o professor está inserido, e o campo de estudos no trabalho, no que concerne não apenas a investigação do trabalho docente e suas repercussões para o trabalhador, mas a observação do trabalho, enquanto fenômeno social sob diferentes perspectivas, como é o caso dos sujeitos aposentados. Outros campos do saber no qual possam se beneficiar dos resultados desta pesquisa seria a psicologia, e mais especificamente, a psicologia social, área de atuação dos autores deste estudo.

Referências

- Almeida, M. M. D. (2020). Formação pedagógica e desenvolvimento profissional no ensino superior: perspectivas de docentes. *Revista Brasileira de Educação*, 25.
<https://doi.org/10.1590/S1413-24782019250008>
- Campos, T. C., Vêras, R. M., & Araújo, T. M. (2020, novembro). Transtornos mentais comuns em docentes do ensino superior: evidências de aspectos sociodemográficos e do trabalho. *Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)*, 25(3), 745-768. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-40772020000300012>
- Cunha, M. I. D. (2019). A formação docente na universidade e a resignificação do senso comum. *Educar em Revista*, 35, 121-133. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.67029>
- Cunha, M. I., Bolzan, D. P. V., & Isaia, S. M. A. (2021). Professor da educação superior. In M. Morosini (Ed.), *Enciclopédia Brasileira de Educação Superior – EBES* (Vol. 2, pp. 42-194). Pucrs.

- D'Arísbo, A., Boff, D., Oltramari, A. P., & Salvagni, J. (2018). Regimes de flexibilização e sentidos do trabalho para docentes de ensino superior em instituições públicas e privadas. *Trabalho, Educação e Saúde*, 16, 495-517.
- Dejours, C. (1987). *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho* (5th ed.). Cortez.
- Dejours, C. (2004, Dezembro). Subjetividade, trabalho e ação. *Production*, 14(3), 27-34.
<https://doi.org/10.1590/S0103-65132004000300004>
- Dejours, C. (2005). *O fator humano* (5th ed.). Fundação Getúlio Vargas.
- Dejours, C. (2007). *A banalização da injustiça social* (6 ed.). Fundação Getúlio Vargas.
- Dejours, C. (2008). *Trabalho, tecnologia e organização: avaliação do trabalho submetida à prova do real-Crítica aos fundamentos da avaliação*. Blucher.
- Dejours, C. (2009). Entre o desespero e a esperança: como reencantar o trabalho? Dossiê: Qual é o sentido do trabalho. *Revista Cult*, 12, 19-23.
- Dejours, C. (2013, Fevereiro). A sublimação, entre sofrimento e prazer no trabalho. *Revista portuguesa de psicanálise*, 33(2), 9-28.
- Dejours, C. (2021). *Psicodinâmica do trabalho: casos clínicos*. Dublinense.
- Dejours, C. (2022a). *Trabalho vivo I: sexualidade e trabalho* (2nd ed.). Blucher.
- Dejours, C. (2022b). *Trabalho vivo II: trabalho e emancipação* (2nd ed.). Blucher.
- Dejours, C., Dessors, D., & Desriaux, F. (1993). Por um trabalho, fator de equilíbrio. *Revista de Administração de empresas*, 33(3), 98-104.
<https://www.scielo.br/j/rae/a/4t8CXdBtNy3nzzYb8fpWFLy/?format=pdf>
- Dejours, C., Abdoucheli, E., Jayet, C., & Betiol, M. I. S. (1994). *Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. Atlas.

- Dejours, C., Barros, J. O., & Lancman, S. (2016). A centralidade do trabalho para a construção da saúde. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, 27(2), 228-235. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v27i2p228-235>
- Ferreira, E. C., & Pezuk, J. A. (2021). Síndrome de Burn-out: um olhar para o esgotamento profissional do docente universitário. *Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)*, 26(2), 483-502. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-40772021000200008>
- Fonseca, F. F., Cunha, D. M., Vieira, E. O., & Modena, C. M. (2018). Implicações de novas tecnologias na atividade e qualificação dos servidores: Processo Judicial Eletrônico e a Justiça do Trabalho. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, 43. <https://doi.org/10.1590/2317-6369000022616>
- Fleury, A. R. D., & Macêdo, K. B. (2012). O mal estar docente para além da modernidade: uma análise psicodinâmica. *AMAzônica*, 9(2), 217-238.
- Galindo, M. C. T., Maciel, R. H. M. D. O., Matos, T. G. R., Viana Filho, M. V. C., Vale, S. F. D., & Silva, R. D. (2020). Prazer e Sofrimento no Trabalho Docente em uma Instituição de Ensino Superior. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 13(3), 1-16. <http://dx.doi.org/10.36298/gerais202013e15215>
- Heloani, J. R., & Capitão, C. G. (2003, Junho). Saúde mental e psicologia do trabalho. *São Paulo em perspectiva*, 17, 102-108. <https://doi.org/10.1590/S0102-88392003000200011>
- Heloani, R., & Lancman, S. (2004, Dezembro). Psicodinâmica do trabalho: o método clínico de intervenção e investigação. *Production*, 14(3), 77-86. <https://doi.org/10.1590/S0103-65132004000300009>

- Hoffmann, C., Zanini, R. R., Moura, G. L. D., Costa, V. M. F., & Comoretto, E. (2017). Psicodinâmica do trabalho e riscos de adoecimento no magistério superior. *Estudos Avançados*, 31(91), 257-276. <https://doi.org/10.1590/s0103-40142017.3191019>
- Hoffmann, C., Zanini, R. R., Moura, G. L. D., & Machado, B. P. (2019). Prazer e sofrimento no trabalho docente: Brasil e Portugal. *Educação e Pesquisa*, 45. <https://doi.org/10.1590/S1678-4634201945187263>
- Lancman, S., & Jardim, T. A. (2004). O impacto da organização do trabalho na saúde mental: um estudo em psicodinâmica do trabalho. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, 15(2), 82-89. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v15i2p82-89>
- Lancman, S., & Uchida, S. (2003). Trabalho e subjetividade: o olhar da psicodinâmica do trabalho. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 6, 79-90.
- Laville, C., & Dionne, J. (1999). *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Artmed.
- Magalhães, S. M. O. (2013). Trabalho, pesquisa e ensino: tensões e desafios para a docência no ensino superior. *Psicologia Ensino & Formação*, 4(1), 60-78. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pef/v4n1/v4n1a05.pdf>
- Mancebo, D. (2007). Trabalho docente: subjetividade, sobreimplicação e prazer. *Psicologia: reflexão e crítica*, 20(1), 74-80. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722007000100010>
- Mellini, C. K., & Ovigli, D. F. B. (2020). Identidade docente: percepções de professores de biologia iniciantes. *Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências (Belo Horizonte)*, 22. <https://doi.org/10.1590/1983-21172020210117>
- Mendes, A. M., & Tamayo, Á. (2001, Junho). Valores organizacionais e prazer-sofrimento no trabalho. *Psico-USF*, 6(1), 39-46. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712001000100006>

- Minayo, S. (2004). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Vozes.
- Morin, E. M. (2001, Setembro). Os sentidos do trabalho. *Revista de administração de empresas*, 41(3), 08-19. <https://doi.org/10.1590/S0034-75902001000300002>
- Morosini, M., & Corte, M. G. D. (2021). Internacionalização da Educação Superior. In M. Morosini (Ed.), *Enciclopédia Brasileira de Educação Superior – EBES* (Vol. 1, pp. 35-158). PUCRS.
- Ornellas, T. C. F. D., & Monteiro, M. I. (2006, Agosto). Aspectos históricos, culturais e sociais do trabalho. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 59(4), 552-555. <https://doi.org/10.1590/S0034-71672006000400015>
- Prata-Ferreira, P. A., & Vasques-Menezes, I. (2021). Conflitos do professor universitário: o que sabemos sobre isso?. *Psicologia em Estudo*, 26. <https://www.scielo.br/j/pe/a/rq8V9xSpq5S8bhRp4rkdHqC/?format=pdf>
- Queiróz, M. D. F. F., & Emiliano, L. L. (2020). Ser docente no Século XXI: o trabalho em uma universidade pública brasileira. *Revista Katálisis*, 23(3), 687-699. <https://doi.org/10.1590/1982-02592020v23n3p687>
- Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012. (2012). Ministério da Saúde. <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>
- Rodrigues, A. M. D. S., Souza, K. R. D., Teixeira, L. R., & Larentis, A. L. (2020). A temporalidade social do trabalho docente em universidade pública e a saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25(5), 1829-1838. <https://doi.org/10.1590/1413-81232020255.33222019>
- Santos, S. D. M. D. (2012, Dezembro). A precarização do trabalho docente no Ensino Superior: dos impasses às possibilidades de mudanças. *Educar em Revista*, 46, 229-244. <https://doi.org/10.1590/S0104-40602012000400016>

- Santos, M. H. A., & Sordi, M. R. L. (2020). Professores universitários iniciantes: entre caminhos individuais e responsabilidades coletivas. *Revista Eletrônica de Educação*, 24, 1-20. <http://dx.doi.org/10.14244/198271994260>
- Selbach, P. T. D. S., & Luce, M. B. (2022). As políticas de desenvolvimento profissional do docente universitário em cinco universidades federais do Sul do Brasil: concepções e desafios. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 103(264), 526-550. <https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.103i264.5084>
- Seligmann-Silva, E. (2006, Outubro). Psicopatologia no trabalho: aspectos contemporâneos. In *Congresso Internacional Sobre Saúde Mental no Trabalho*.
- Silva, E. P., & Mancebo, D. (2014, Agosto). Subjetividade docente na expansão da UFF: criação, refração e adoecimento. *Fractal: Revista de Psicologia*, 26(2), 479-492. <https://doi.org/10.1590/1984-0292/1272>
- Silva, K. (2016). *Assédio moral e sofrimento no trabalho de professores universitários em Manaus*. [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Amazonas]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações. Dissertação - Keila Silva. <https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/5586/5/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20-%20Keila%20Silva.pdf>
- Souza, A. M. O (2021). Trabalho dos professores-pesquisadores: intensificação e adoecimento. *Revista Panorâmica online*, 1, 125-124. <https://periodicoscientificos.ufmt.br/revistapanoramica/index.php/revistapanoramica/article/view/1295>
- Vieira, M. H. P., Fontes, A. R. M., Gemma, S. F. B., & Montedo, U. B. (2020). Produtivismo na pós-graduação na perspectiva da ergonomia da atividade. *Educação e Pesquisa*, 46, 1-21. <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202046220223>

- Vilela, E. F., Garcia, F. C., & Vieira, A. (2013). Vivências de prazer-sofrimento no trabalho do professor universitário: estudo de caso em uma instituição pública. *Revista Eletrônica de Administração (Porto Alegre)*, 75, 517-540.
<https://www.scielo.br/j/read/a/XwhpB4h3LZzxyNpJm3wWrDK/?format=pdf>
- Vinuto, J. (2014). A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, 22(44), 203-220. <https://doi.org/10.20396/tematicas.v22i44.10977>

Artigo II

Entre a Expectativa e a Realidade: A aposentadoria de professores universitários

Resumo

Este estudo, de cunho qualitativo, foi realizado com quinze professores universitários aposentados por idade e/ou por tempo de contribuição. Teve como objetivo investigar as repercussões da aposentadoria na vida de professores universitários. Os participantes tinham entre 62 e 91 anos de idade, sendo nove do gênero feminino e seis do masculino. O tempo de aposentadoria variou entre dois meses e 25 anos, em média estão aposentados há nove anos e dois meses. Foram aplicados dois instrumentos, um questionário sociodemográfico e uma entrevista semiestruturada, os resultados obtidos através da entrevista foram analisados por meio da análise de conteúdo, com recortes por temas e a discussão pautada nas contribuições teóricas da Psicodinâmica do Trabalho. Os resultados da pesquisa indicaram que a análise da aposentadoria atravessa, dentre outras esferas, questões como: demandas do trabalho docente, o contexto em que foi efetivada, idealizações, expectativas e planejamento ou a ausência destes frente a essa nova etapa, a relação dos sujeitos com o trabalho, a falta reconhecimento e as questões de gênero.

Palavras-chave: trabalho docente, aposentadoria, psicodinâmica do trabalho

Between Expectation and Reality: Retirement of University Professors

Abstract

This qualitative study was conducted with fifteen retired university professors due to age and/or length of service. Its aim was to investigate the repercussions of retirement on the lives of university professors. The participants ranged from 62 to 91 years old, with nine females and six males. Retirement duration varied from two months to 25 years, with an average of nine years and two months. Two instruments were employed: a sociodemographic

questionnaire and a semi-structured interview. The interview results were analyzed using content analysis, focusing on themes and discussing the theoretical contributions of Psychodynamics of Work. The research findings indicate that retirement analysis encompasses, among other aspects, issues such as: demands of teaching work, the context in which retirement occurred, idealizations, expectations, planning, or the lack thereof in this new stage, individuals' relationship with work, lack of recognition, and gender issues.

Keywords: teaching work, retirement, psychodynamics of work

Entre la Expectativa y la Realidad: La jubilación de profesores universitarios

Resumen

Este estudio, de naturaleza cualitativa, se realizó con quince profesores universitarios jubilados por edad y/o tiempo de servicio. Tuvo como objetivo investigar las repercusiones de la jubilación en la vida de los profesores universitarios. Los participantes tenían entre 62 y 91 años de edad, siendo nueve mujeres y seis hombres. La duración de la jubilación varió entre dos meses y 25 años, con un promedio de nueve años y dos meses. Se utilizaron dos instrumentos: un cuestionario sociodemográfico y una entrevista semiestructurada. Los resultados de la entrevista fueron analizados mediante análisis de contenido, centrándose en temas y discutiendo las contribuciones teóricas de la Psicodinámica del Trabajo. Los resultados de la investigación indicaron que el análisis de la jubilación aborda, entre otros aspectos, cuestiones como: las demandas del trabajo docente, el contexto en el que se llevó a cabo, idealizaciones, expectativas y planificación, o la ausencia de estas frente a esta nueva etapa, la relación de los sujetos con el trabajo, la falta de reconocimiento y las cuestiones de género.

Palabras clave: trabajo docente, jubilación, psicodinámica del trabajo

Introdução

Estruturado pelo acúmulo de capital e de lucro, o mundo do trabalho tem sido marcado por um distanciamento contínuo entre as práticas organizacionais e os direitos sociais, dificultosamente conquistados. Em paralelo, tem se vinculado à precarização social, destruição ambiental e adoecimento de trabalhadores. Em decorrência das implicações desses fenômenos sob os indivíduos, compreende-se que o trabalho em sua densidade, não deve ser compreendido e concebido apenas como um meio de ganhar a vida (Franco et al., 2010).

É característico do ser humano associar o trabalho à honra e à dignidade (Abreu, 2014). Embora esse fenômeno tenha passado por diferentes arranjos e sofrido mudanças em seus modos de produção, ainda é o principal meio de manutenção da subsistência e de garantia do lugar do homem na sociedade (Cruz et al., 2016). Assim, o trabalho é um importante mediador de integração social, com forte influência na constituição da subjetividade humana (Seligmann-Silva et al., 2010).

Nessa razão, o afastamento do mundo do trabalho se torna um marco na vida das pessoas com fortes implicações especialmente para a autoimagem e para as relações sociais. Reestruturar a vida após a saída do mundo do trabalho ocasiona alguns questionamentos, demanda diversos enfrentamentos e requer processos de aprendizagem e de adaptação a um novo estilo de vida (Fontoura et al., 2015). Esse fenômeno é ainda mais complexo quando tal afastamento acontece pela chegada da aposentadoria (Kegler & Macedo, 2015; Krawulski et al., 2017).

Apesar de remeter a uma interrupção da atividade de trabalho, geralmente praticada durante anos, a aposentadoria não deve ser somente assim caracterizada (Amaral & Torres, 2017). Esse fenômeno, longe de ser um processo linear e pontual, é marcado por ambivalências que envolvem uma gama de expectativas e condições cujas implicações atravessam as esferas subjetivas e sociais. O modo como a aposentadoria será encarada

depende do contexto no qual o indivíduo está inserido e das particularidades do seu cenário de vida (Antunes & Parizotto, 2013; Antunes et al., 2018; França et al., 2013).

Em se tratando da aposentadoria de professores universitários, especialmente de universidades públicas, esta comporta algumas particularidades, a saber: o elevado nível de qualificação dos docentes; o grau de autonomia e de flexibilidade na organização da jornada de trabalho; e, o reconhecimento social fornecido pela profissão. Por outro lado, à docência envolve uma rotina acadêmica exaustiva e, por vezes, considerada massacrante (Borsoi & Pereira, 2017).

Além disso, o modo como a aposentadoria é vivenciada por cada professor depende da percepção e dos significados que atribui a esse fenômeno (Staviski et al., 2020). Para alguns, a aposentadoria, quando efetivada, pode representar um período desejado e de merecimento, ao passo que, para outros pode determinar um momento de rompimento e isolamento. De um modo ou de outro, a aposentadoria marca uma ruptura que traz consigo a necessidade de reestruturação da própria identidade e dos novos papéis a serem desempenhados (Machado & Lucas, 2017).

Diante do exposto, ao considerar os efeitos do trabalho na vida cotidiana e as especificidades da aposentadoria docente, questiona-se como professores universitários vivenciam essa etapa. Desse modo, este artigo teve como objetivo investigar as repercussões da aposentadoria na vida de professores universitários. Com vistas a fundamentar este estudo, foram utilizadas as contribuições teóricas da Psicodinâmica do Trabalho.

Psicodinâmica do Trabalho

A Psicodinâmica do Trabalho tem Christophe Dejours como seu principal representante. Nos anos 70, o médico, psiquiatra e psicanalista já havia publicado diversos estudos na temática saúde e trabalho, tornando-se um dos principais precursores na área (Dejours et al., 1994). Em 1980 um dos principais livros de Dejours “A Loucura do

Trabalho” foi publicado na França. No Brasil, a primeira edição da obra foi lançada em 1987 com a presença do autor no país. É através deste livro que se fez avançar os estudos em psicopatologia do trabalho (Dejours, 1987).

A obra passa a ser referência básica entre diversos profissionais, inclusive professores. É a partir das questões presentes nesse estudo, que o autor apresenta o seu enfoque de investigação. O foco deixa de ser a questão da loucura e passa a ser o sofrimento no trabalho (Dejours, 1987). No entanto, ao investigar a relação entre sofrimento no trabalho e patologias mentais, Dejours também conclui que o trabalho pode ser fonte de prazer, podendo, igualmente, contribuir para o desenvolvimento e construção da saúde (Dejours, 2021).

A Psicodinâmica do Trabalho, portanto, defende a hipótese de que o trabalho sempre coloca a subjetividade à prova, no qual esta última pode sair fortalecida, ou ao contrário, diminuída, mortificada. Dessa forma, não se pode falar de neutralidade do trabalho no que tange à subjetividade e, conseqüentemente, à saúde (Dejours, 2004; 2013; 2022a). Essa constatação evidencia que o trabalho é uma fonte inesgotável de paradoxos que pode dar origem a dolorosos processos de alienação, mas também pode ser instrumento de emancipação, aprendizado, solidariedade e democracia (Dejours, 2007).

Reconhecendo a importância da Psicodinâmica do Trabalho nos estudos acerca do trabalho e suas implicações na esfera individual e social do indivíduo, da centralidade do trabalho e de sua relação nas vivências de prazer/sofrimento, saúde/doença, compreende-se que essa abordagem pode contribuir consideravelmente para a investigação do fenômeno da aposentadoria de professores universitários. Essa reflexão se apoia no fato de que a aposentadoria aqui abordada perpassa diretamente pelo trabalho, seja aquele realizado antes da aposentadoria que resultou no direito ao benefício, seja pelo trabalho realizado após a efetivação desse fenômeno.

Método

Delineamento de Pesquisa

O presente estudo se trata de uma pesquisa de caráter qualitativo, à medida que considera questões específicas de uma realidade que não pode ser mensurada ou investigada a partir da operacionalização de variáveis (Minayo, 2001).

Participantes do Estudo

Participaram deste estudo quinze professores universitários aposentados legalmente por idade e/ou por tempo de contribuição. Estes participantes foram professores de universidades públicas - estaduais e federais - no estado da Paraíba.

Recrutamento dos Participantes

A indicação dos primeiros participantes desta pesquisa ocorreu por intermédio de uma das pesquisadoras que compõe o mesmo grupo de pesquisa dos autores deste estudo. A solicitação da indicação dos participantes se justifica no fato de que a pesquisadora em questão esteve vinculada a uma Instituição de Ensino Superior no qual tivera relações profissionais com professores que passaram pelo processo de aposentadoria.

A contar disso, os autores deste estudo formularam uma lista com os endereços eletrônicos dos possíveis entrevistados. Dessa maneira, o primeiro contato aconteceu por ligação ou mensagem de texto por aplicativo de celular. Em seguida, foi verificado o interesse dos professores aposentados em participarem da pesquisa.

Conforme ocorriam as entrevistas, novos participantes foram indicados a contribuir com o estudo a partir da técnica de bola de neve. Essa técnica integra a aplicação de cadeias de referências, no qual os sujeitos da pesquisa são requeridos a indicarem novos contatos a partir da sua rede pessoal (Vinuto, 2014).

Produção de Materiais

As entrevistas aconteceram entre dezembro de 2022 e março de 2023 e foram realizadas individualmente, de forma presencial. Dos 15 participantes, 10 optaram que a entrevista fosse realizada em suas residências, três no seu atual local de trabalho e dois no espaço disponibilizado pelos pesquisadores (escritório particular).

Antes da pesquisa propriamente dita, foram esclarecidas possíveis dúvidas sobre o estudo. Logo após, cada participante assinou os termos de Consentimento Livre e Esclarecido e de Autorização de Gravação de Voz. Em sequência, os materiais foram produzidos, para tanto, dois instrumentos foram aplicados: um questionário sociodemográfico e uma entrevista semiestruturada.

Por meio da aplicação do questionário foi possível identificar, brevemente, o perfil dos participantes. As informações requeridas, neste instrumento, permitiram o acesso de informações pessoais e profissionais, tais como: idade, gênero, estado civil, presença ou não de filhos, grau acadêmico, área de formação, idade que se aposentou e tempo de aposentadoria.

A entrevista foi realizada com o objetivo de melhor conhecer o fenômeno pesquisado, por meio do relato de experiências de cada sujeito-participante. A partir disso, optou-se pela a entrevista semiestruturada com base no testemunho, no qual busca colher depoimentos que permitam a exploração dos conhecimentos das pessoas e suas representações, isto é, opiniões, sentimentos, valores, crenças, etc. (Laville & Dionne, 1999).

A entrevista semiestruturada foi constituída mediante roteiro previamente elaborado. Os temas que as nortearam versaram sobre o momento de pré-aposentadoria, a efetivação dela e a vida pós aposentadoria. Essa etapa da pesquisa contou com o uso da gravação de voz, para assegurar a precisão das respostas e a riqueza das informações.

Análise dos Materiais Produzidos

Os materiais produzidos foram analisados por meio da análise de conteúdo com recortes por temas, conforme descrito por Laville e Dionne (1999). Através desse tipo de análise, o pesquisador pode se conectar, de forma eficaz, com o conteúdo pesquisado, uma vez que este deve construir suas unidades de análise através da sua compreensão do conteúdo. Ao recortar os conteúdos em elementos, o pesquisador poderá, logo após, ordená-los dentro de categorias (Laville & Dionne, 1999).

Para análise e discussão dos elementos foram utilizadas, além da literatura produzida sobre a temática, as contribuições teóricas da Psicodinâmica do Trabalho. O pesquisador, nesta fase, elabora e identifica os elementos subjetivos, no qual os conceitos teóricos são ferramentas que permitirão explicar e dar sentido ao material produzido (Heloani & Lancman, 2004).

Aspectos Éticos

A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba, sob o protocolo de nº 5.982.347. CAAE: 64048822.3.0000.5188. O estudo obedeceu aos aspectos éticos da Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, que protege os direitos dos participantes das pesquisas científicas, mediante a ética inerente ao crescimento científico e tecnológico.

Resultados e Discussão

Perfil dos participantes

Participaram deste estudo quinze professores aposentados, afastados integralmente do trabalho docente universitário. Todos se aposentaram por idade e/ou por tempo de contribuição. Os participantes tinham entre 62 e 91 anos, no qual a média de idade é de 73 anos. Nove participantes se identificaram com o gênero feminino e seis com o gênero masculino, a maioria é casada (60%) ou viúva (20%), os demais, são solteiros (13,3%) e um divorciado (6,7%). Apenas um participante não tem filhos.

Os participantes possuem formação nas áreas de letras (3), fisioterapia (2), odontologia (2), linguística (2), sociologia (1), economia (1), história (1), agronomia (1), farmácia (1) e design de produtos (1). Quanto à titulação acadêmica, oito participantes possuem doutorado (sendo que dois concluíram estágio pós-doutoral), cinco possuem mestrado, e os demais, especialização. No que diz respeito ao trabalho docente, todos os participantes foram professores de universidades públicas, estaduais e/ou federais.

O tempo de aposentadoria dos participantes variou entre dois meses e 25 anos; em média os participantes estão aposentados há nove anos e dois meses. No que se refere à idade que se aposentaram, a idade mínima foi de 45 anos e a máxima de 78 anos. No que concerne ao gênero, a média de idade que a aposentadoria foi efetivada entre as pessoas do gênero feminino foi de 64 anos e sete meses, quanto ao gênero masculino, a média de idade foi de 63 anos. As pessoas do gênero masculino se aposentaram cerca de um ano e meio mais cedo que as do gênero feminino.

A aposentadoria de professores universitários

A aposentadoria de professores universitários envolve uma série de fatores que repercutem no modo como ela é experienciada. Entre estes aspectos, destaca-se a maneira como a aposentadoria foi efetivada. Apesar da impossibilidade desse fenômeno ser vinculado a uma causa específica, entre os principais elementos que colaboram para a efetivação da aposentadoria, ressalta-se a predominância das demandas do trabalho docente como um dos componentes que, quando somados a outros, influenciam sobremaneira na escolha pela aposentadoria entre os professores universitários:

P9: Achava, na minha concepção, que eu não estava acompanhando o desenvolvimento da fisioterapia na minha área, e que eu via alunos que estavam, não que eles soubessem mais, mas eu acho que tinha inovações e que eu não tinha, e que muitas vezes eu não podia ir buscar.

P13: Sentia dificuldade na questão das práticas porque a [universidade] não tem um campo de atuação, assim, pra saúde pública mesmo ... aí também, como eu já tava, assim, no meu tempo mesmo, eu senti vontade de me aposentar porque, assim, como a gente trabalhava muito ... não tinha tempo.

P15: Como eu dava muita aula, a aposentadoria veio como realmente um benefício muito grande ... e gostaria de viver mais livre, sem tanta preocupação, porque o professor é professor a vida toda, e a gente está sempre se preparando pra aula, para escrever alguma coisa, para fazer alguma conferência, para orientar.

O trabalho do professor universitário envolve um somatório de atividades que extrapolam as normativas curriculares das disciplinas designadas a ele. Essas atividades incluem planejamento, preparação e registro de aulas; geração e produção de pesquisas científicas; trâmites administrativos; desenvolver e organizar produtos científicos organizados através de cursos, congressos, jornadas científicas, etc. Desse modo, o trabalho docente no ensino superior não se desenvolve de forma isolada, ele requer uma série de elementos que se relacionam entre si, organizando-se de forma dinâmica e complexa (Ferreira & Pezuk, 2021).

A alta carga de trabalho e as múltiplas tarefas do professor universitário tendem a extrapolar o ambiente de trabalho e pode contribuir para uma sobrecarga, gerando efeitos negativos na percepção dos professores universitários quanto às suas atividades profissionais (Ferraz & Batista, 2021; Macêdo, 2019; Nascimento & Polia, 2019). Como agravante, essas demandas são capazes de gerar danos à saúde física e psíquica dos professores, repercutindo na própria atividade profissional (Pereira & Souza, 2021). Essa realidade fez com que muitos optassem pela aposentadoria à continuidade do trabalho docente:

P1: Chegou um ponto que parece que já não valia mais a pena, e a pandemia com o ensino remoto, ainda complicou muito mais ... então a pandemia foi a gota d'água. ...

Vem também a questão física, eu comecei a perceber que era muito cansativo. É muito cansativo até chegar à sala de aula, enfim.

P10: Na época eu tava mais cansada, adoecida e já não tava com aquela alegria que eu tinha antes de sala de aula, eu tava mais desiludida da sala de aula, já não tava com aquele entusiasmo de anos atrás ... não sei se é porque eu estava adoecida ou também por questões mesmo de mudança de estilos, de modo de ser nas salas de aula em relação ao alunado.

Além da relação entre trabalho e adoecimento, um outro fenômeno pode ser observado enquanto essencial na escolha pela aposentadoria: a idade, ou melhor as limitações impostas por esta. Assim, o trabalho, a saúde e o avanço da idade são elementos que atravessam diretamente a aposentadoria de professores universitários. Essa relação culmina em preocupações e inseguranças entre os trabalhadores quanto ao futuro. À medida que o professor vê sua saúde comprometida e percebe a idade como um agravante dessa condição, garantir o direito legal da aposentadoria torna-se o objetivo principal:

P4: A idade que chega, não é? Eu, na universidade, foi uma questão, assim, de priorizar outros trabalhos, outras oportunidades. Meu salário na época já tava muito reduzido, né? Vamos dizer assim, já para época, é uma demanda de filhos já crescidos e eu tive a oportunidade pra ir pra outra Instituição de Ensino Superior, fui ser coordenadora pedagógica.

P6: A idade chegando, a doença também, que eu comecei a [adoecer] e os alunos notavam. Aí eu ficava aborrecida com isso, aí eu pedi licença, depois me aposentei. E também essa história de Bolsonaro, que ele chegou, ele atrapalhou muito. Aí, ele fez eu me aposentar mais rápido.

P7: Foi até uma surpresa, né? Eu nem sabia que tinha direito a essa aposentadoria ... então, como a legislação estava pra mudar, ia passar pra idade de 65 anos as regras previdenciárias, então, aproveitei e me aposentei, né? ... e foi esse o motivo.

Essa realidade corrobora com o estudo de Schlesener e Lima (2021) no qual se evidenciou que as reformas da previdência, em muitos casos, são as responsáveis pelos docentes solicitarem a aposentadoria antecipada uma vez que estes buscam a garantia de direitos que com as reformas seriam perdidos (Schlesener & Lima, 2021). Essa realidade aponta que, para não perder o direito legal, o professor se retira do trabalho docente sem que, necessariamente, este seja de fato seu desejo inicial. Esse fato se agrava quando a aposentadoria deixa de ser um processo que permeia decisões e escolhas e ocorre compulsoriamente:

P5: Completei 70 anos e, pouco tempo depois, não foi nem um mês depois ... me disseram que eu não podia mais nem assinar nada da carteira ... os diários de classe, que eu não tinha mais vínculo com a universidade. ... Quando eu saí da universidade, eu fui fazer uma terapia de novo, porque eu não me conformava de ficar sem trabalhar, sabe?... eu fiquei muito mal.

P8: Fui para o doutorado pra atender uma necessidade da própria faculdade de medicina ... quando eu cheguei com o doutorado, tava naquela época da reforma, que quem não se aposentasse até aquela data perderia o direito ... na época eu tinha 70, eu fui aposentadoria compulsória e traumática, porque eu tinha muito sonho do doutorado. É como se fosse “ali jaz” (chora).

Ao deixar o trabalho compulsoriamente, sem controle sobre esta escolha, os impactos desse processo podem ser negativos e preocupantes em diversas áreas da vida do sujeito. Nesse sentido, a aposentadoria, especialmente quando compulsória, representa uma ruptura importante na vida do trabalhador, podendo gerar ainda mais consequências, tanto na

construção identitária quanto na saúde (Ferreira et al., 2022). Estes profissionais geralmente estão mais vulneráveis a sentirem com mais intensidade os efeitos da inatividade durante a aposentadoria (Pereira & Souza, 2021).

Esse cenário em que se efetiva a aposentadoria indica que este é um importante elemento de análise, pois a depender do modo que a aposentadoria se concretiza ela pode não envolver planejamento, expectativas ou, até mesmo, desejo. Estas questões alteram e ressignificam os indivíduos que realizaram, ou não, uma reflexão sobre o futuro, agora encarado no presente (Scremin et al., 2018). Quando a aposentadoria é bem refletida pode oportunizar aos sujeitos a elaboração de novos significados quanto ao espaço, o tempo e as pessoas (Souza et al., 2019). Nesse sentido, o participante doze aponta que:

P12: Já sonhava com a minha aposentadoria ... tô vivendo melhor, não parei de trabalhar, não parei de ler, diminui as conjecturas com as interações negativas, saí dos grupos de estudo, dos grupos de trabalho ... pensa numa libertação apertar um botão aqui no computador e deletar tudo. Pra mim isso foi ótimo. ... Eu tô tendo tempo pra andar de fusca, andar de kombi, fazer doação dos livros que eu achava impossíveis saírem da minha estante.

A transição trabalho-aposentadoria envolve não apenas um ajustamento à nova etapa de vida, mas a construção de novos sentidos para si e de novas relações entre as diversas esferas da vida (Macêdo, 2019). Isto significa que, apesar da aposentadoria representar o fim de um ciclo, o seu significado varia de acordo com a percepção que foi construída em seu contorno (Staviski et al., 2020). Entretanto, muitas vezes, embora o sujeito idealize a aposentadoria, ele não vislumbra suas reais necessidades para este novo ciclo da vida (Scremin et al., 2018). Essa realidade, pode ser observada na fala dos participantes:

P14: O meu ideal para a aposentadoria era outro. Era comprar uma van, uma van grande ou então uma Ducato ... prepará-la para sair viajando com a minha esposa por

toda América Latina, no mundo inteiro, percorrendo, tirando foto, fazendo vídeos, conhecendo os países, escrevendo livro de história, esse era o meu projeto de aposentadoria ... não foi porque a vida não permitiu.

P6: Idealizei de forma diferente demais do que tá sendo. Porque eu pensei que ia viajar com o meu marido, muito. Que eu gosto muito de viajar, e aí adoeci e não pude ... não tá sendo do jeito que eu pensei, de jeito nenhum. ... É difícil porque eu fico muito parada e eu era muito ativa, sabe? Muito dinâmica (chora).

As narrativas dos participantes destacam o ato de viajar como um dos elementos principais quanto a idealização da aposentadoria, o que gera consequências negativas diante de sua impossibilidade. Essa realidade, corrobora com os dados da pesquisa de Macêdo (2019) que ao realizar um estudo com professores de uma universidade pública que optaram por continuar trabalhando, observou que viajar é um dos projetos mais valorizados entre os participantes. Viajar, para os professores, constitui um momento de sair da rotina, relaxar e contribuir, principalmente, para a consecução de projetos familiares (Macêdo, 2019).

Para Dejours (1987), ao trabalhar, o sujeito convoca toda família para que enfrentem juntos as dificuldades e desafios do trabalho. Nesse cenário, o(a) cônjuge torna-se um dos familiares fortemente atingidos pelos efeitos do trabalho sobre aquele que o realiza (Dejours, 1987). As dificuldades encontradas no trabalho são carregadas para fora do ambiente profissional e, muitas vezes, descarregadas nos familiares, o que torna a convivência intragável e, por vezes, difícil (Dejours, 2022a). Nesse contexto, viajar com o cônjuge pode significar, além da necessidade de descanso, o desejo de reparar e compensar os danos deixados pelo trabalho.

Contudo, apesar de o trabalho ser uma parte importante do cotidiano e representar um tempo de afastamento também pode ser coerente com o lazer, a família e as férias. O trabalho é uma atividade que causa fadiga, mas também desenvolvimento (Dejours et al., 1993). Para

além disso, à medida que o trabalho pode causar infelicidade e doença, pode igualmente ser mediador da autorrealização e da saúde (Dejours, 2007; 2008). Nessa razão, não é incomum que as pessoas em contexto de aposentadoria vivenciem dificuldades psicológicas e de ajustamento a essa nova fase da vida (Herdy, 2019; Silva, 2019). Dessa forma, os participantes retratam que:

P5: Não planejava me aposentar ... fui ver depois como era que eu ia resolver minha vida sem o meu trabalho ... as coisas que eu pensava que iria fazer, eu queria aprender a tocar violão ... muita coisa eu não fiz.

P10: Quando eu me aposentei eu não pensei ... e depois eu vi que deveria. ... No primeiro ano, fui me tratar, me organizar. Me senti melhor, me senti feliz porque tava livre de tudo e aí me dediquei ao crochê. ... Depois que passou a pandemia essa fase do encantamento com o crochê todinho passou ... aí me veio a sensação de um vazio ... comecei a idealizar voltar a trabalhar ... mas não tive coragem de enfrentar.

P11: Nem pensei muito, te confesso! ... claro, naturalmente você quer continuar em algum tipo de atividade pra não parar sua cabeça ... no meu caso, tem chefia, tem isso, tem aquilo, tem pesquisa, CNPq ... você tem uma rotina. Aí de repente essa rotina, ela é completamente eliminada e o cara tá em casa.

O trabalho ocupa um lugar central no desenvolvimento da personalidade, desde a primeira infância até a maturidade (Dejours, 2021). Essa realidade se associa ao fato que o trabalho é a ocupação que perdura por mais tempo no cotidiano do adulto, demandando grande investimento da vida pessoal. Por isso, é necessário um planejamento do período posterior à aposentadoria, já que essa fase requer adaptação mental e física, especialmente para que o trabalhador se reconheça enquanto aposentado (Nascimento & Polia, 2019). Dessa forma, assim como ocorre com o trabalho, a aposentadoria tanto pode ser um momento favorável a subjetividade como pode comprometê-la.

Portanto, a aposentadoria é um evento significativo, visto que rompe com uma história individual, construída ao longo do tempo, recaindo sobre o valor simbólico e o papel social até então desempenhado (Ferreira et al., 2022). As consequências desse rompimento evidenciam a relação entre trabalho, status social e reconhecimento, uma vez que com a chegada desse fenômeno o aposentado vê-se recebendo o título de inativo e perdendo o seu lugar enquanto sujeito ativo na instituição e, conseqüentemente, na sociedade. Sobre este aspecto os participantes referem que:

P2: Você se aposenta dentro da universidade, no caso nosso, como funcionário público, você recebe um título de inativo aposentado não quer dizer que seja inativo. Inativo eu acho uma palavra muito forte, assim, como se não tem mais condição de fazer mais nada, e não é isso! ... chegar e dizer: “oh, aposentou, acabou, morreu. Deixou de existir dentro da universidade!”. Então, isso a gente sente como se fosse uma frustração, né? Porque os colegas, os departamentos ... o reitor ... não reconhece mais. Deixou de existir.

P8: É outro desastre também quando você se aposenta, você pode ter feito mil coisas, você sai como se fosse um traste do serviço público. Eu acho que tinha que ter um momento ... mas “aposenta, vai embora”, se sai sem ter uma mensagem?

P13: No próprio momento que você se aposenta você já é, assim, é como se fosse um grupo esquecido. É tanto que, por exemplo, você sai da instituição, e às vezes você nem é agradecido por quem tá na gestão ... você se aposenta, você só vai no setor de recursos humanos. Quando você ver você, já tá aposentado, o meu foi assim. Não tem nenhuma homenagem, nenhum agradecimento oficial. ... Tem que valorizar mais quem tá se aposentando ... porque a coisa melhor do mundo é você sentir o reconhecimento. Não é questão de vaidade.

Segundo Dejours (2005), o reconhecimento da qualidade do trabalho, da contribuição à gestão e da evolução da organização do trabalho é um ponto absolutamente essencial, pois é a forma específica de retribuição simbólica dada ao ego, como recompensa por sua contribuição ao funcionamento da organização do trabalho, ou seja, pelo engajamento e inteligência. Embora Dejours (2004) não tenha abordado diretamente a aposentadoria em seus estudos sobre a psicodinâmica do reconhecimento, o desejo de utilidade e a ausência de reconhecimento também é uma realidade que atravessa os professores aposentados:

P9: Acho que você enquanto professor, você foi referência, né? E, às vezes, você ter um reconhecimento, isso é tão bom, amacia um pouco o ego da gente, né? E você não ter, às vezes, você passar, você não ser cumprimentado.

P10: Acho que a palavra “aposentadoria” tão pesada. É como se você não existisse mais, você é esquecida ... a gente tem que procurar manter os relacionamentos ... porque você sai do circuito, mas o circuito de que eu digo assim, que gera vida, na nossa realidade é o trabalho, é o trabalho! Você tem que tá trabalhando.

Há um sentimento de utilidade que é próprio daqueles que trabalham. Dessa forma, aqueles que estão fora do campo de trabalho, não podem gozar da retribuição simbólica que é o reconhecimento (Dejours, 2008). Por essa razão, é tão perigoso para a saúde mental o ato de “pendurar as chuteiras” ou de ficar desempregado: o sujeito se torna inútil para o outro (Dejours, 2022b). Porém, quando a dinâmica do reconhecimento funciona, o sujeito se favorece de uma retribuição simbólica que pode se instaurar no âmbito da realização do ego e no campo social (Dejours, 2007).

Assim, as narrativas dos participantes chamam a atenção para a relevância da inserção de políticas de valorização e de reconhecimento da trajetória profissional e das contribuições dos professores para o desenvolvimento da instituição (Ribeiro et al., 2019). O reconhecimento é um dos processos que está ligado à constituição da identidade e da

subjetividade (Augusto & Rocha Neto, 2016). Logo, a ausência do reconhecimento proporcionado pelo trabalho, pode tornar a aposentadoria uma experiência complexa e dolorosa (Iizuka, 2021).

Contudo, embora a aposentadoria esteja, com frequência, associada à inatividade e a ausência de reconhecimento do aposentado enquanto trabalhador, esta fase não representa, necessariamente, uma ruptura total com alguma atividade de trabalho. A aposentadoria, em muitos casos, é um momento de encontro com outras atribuições ou maior aproximação com certas atividades de trabalho já desenvolvidas anteriormente. No caso das participantes do gênero feminino, essa realidade pode ser observada pela ênfase dada ao trabalho doméstico e/ou ao cuidado familiar. Dessa forma, as participantes apontam que:

P1: Tenho a consciência que tô na última etapa de minha vida, e eu queria estar mais presente na vida dele [esposo] e ele na minha vida, estar mais presente na vida dos filhos, dos netos, agora com bisneto. ... Tenho ocupado o meu tempo com minhas atividades domésticas, e com contato com a minha família, com viagens pequenas ... e com minha paixão que é a fotografia.

P3: Sou uma pessoa que se não tem trabalho eu invento, nem que seja dentro de casa ... eu tenho muito envolvimento com a igreja, vou lá várias vezes por semana com trabalhos que eu realizo lá. Tem a questão da minha família também, de minha que é idosa, 88 anos, e eu também dou assistência, aí já tenho um filho que tem netinho, e você sabe que vó, tem outra função também, coopera aí com essa história.

P13: Me sinto muito feliz, assim, tenho minhas duas filhas, minha vida normal doméstica, me sinto muito bem realizada ... me sinto completa com minhas filhas, o meu tempo gasto com elas, como minha neta, viajo com algumas amigas. Então, a única coisa que eu tenho que fazer é intensificar um pouco isso, de eu viajar mais, de eu me divertir mais.

De acordo com Hirata e Kergoat (2021) a sociedade tende a atribuir ao trabalho doméstico e de cuidados ao sexo feminino, caracterizando, portanto, a divisão sexual do trabalho entre homens e mulheres. Para as autoras, tanto o trabalho doméstico quanto o trabalho parental devem ser conceitualizados como trabalho reprodutivo (Hirata & Kergoat, 2021). Enquanto que o trabalho produtivo é visto como atividades destinadas, prioritariamente, aos homens, isto é, são trabalhos de âmbito público e racional, com maior prestígio social: políticos, religiosos, militares etc. (Hirata & Kergoat, 2007; Kergoat, 2003).

É evidente que uma vasta massa de trabalho é efetuada pelas mulheres sem que recebam remuneração por ele, que esse trabalho é invisível e que com frequência é realizado para os outros em nome da natureza, do amor e da obrigação materna (Hirata & Kergoat, 2007; Kergoat, 2003). Essa realidade não se distancia da encarada pelas professoras aposentadas que ao enfrentarem as demandas domésticas e as preocupações decorrentes dos cuidados familiares, sem que necessariamente possam optar por isso, percebem a saúde comprometida. Nesse sentido, chama atenção a prioridade dessas atividades no cotidiano feminino, mesmo após a aposentadoria:

P9: Não sentia o peso do trabalho doméstico, hoje eu estou sentindo, e isso tá me incomodando, isso eu acho que pode levar a um problema mais sério, a doenças. ... Tenho ficado em casa, só em casa com a família. ... O trabalho de casa lhe consome ... eu estou precisando de uma outra atividade fora de casa, pra eu dividir esse trabalho de casa.

P10: Meu planejamento é 50% primeiro lugar tudo isso, né? Academia, pilates, aeróbica, tudo isso e os outros 50% cuidar da outra parte da minha vida que é ... cuidar de minha mãe que tem 93 anos, precisa de mim ... e ajudar, às vezes, as minhas filhas, que tenho os netinhos tudo pequeno ... esse apoio que preenche muito também, que me enche muito também de preocupação às vezes na cabeça, as coisas da família.

Para Dejours (2008) a discriminação do trabalho reprodutivo é demasiadamente nociva e desconsidera a soma desse cenário com as diversas outras atribuições femininas. Ainda acrescenta que, na maioria dos casos, o trabalho exercido pelas mulheres é altamente oposto ao trabalho dos homens (Dejours, 2008). Apesar de destacar o fenômeno trabalho, os caminhos percorridos na aposentadoria entre o gênero feminino e o masculino, também se opõem com frequência. No entanto, não se aplica dizer que o gênero masculino não se compromete com as atividades domésticas e de cuidado, nesse sentido:

P14: Continuo trabalhando do mesmo jeito, com a mesma dedicação, e o principal trabalho que assumi na aposentadoria, porque me aposentei para cuidar de meu filho. ... Nesse período, eu aprendi a ler russo ... e aperfeiçoando as outras línguas que conheço e lendo muito ... eu escrevo poesia, mesmo que seja só pra mim ... eu gosto de tocar instrumento de música, não tenho tempo para tocar melhor, mas eu toco sax, eu me sento no piano, toco piano, toco umas coisinhas de nada.

A partir da fala do participante 14 é possível identificar que embora tenha se aposentado para cuidar do filho ainda é possível que este exerça, atrelada a essa função, outras atividades, geralmente associadas ao lazer. Enquanto que para o gênero feminino a aposentadoria é vivenciada sob a ênfase nos espaços privados, de cuidados domésticos e familiares, no qual, na maioria das vezes os deveres consigo e os momentos de lazer são secundários, entre o gênero masculino a aposentadoria é experimentada de forma mais equilibrada, ultrapassando os espaços domésticos com atividade externas de trabalho e lazer:

P2: Tô exercendo outras atividades que não é na profissão, dentro da igreja exerço algumas atividades que requerem preenchimento do meu tempo ... eu também participo de uma associação, essa associação é formada por profissionais liberais ... então eu participo disso aí, que também, né? Leva o meu tempo.

P7: Intensifiquei as atividades como médico, né? Fazendo especialização em medicina do trabalho em perícias médicas. ... Então, a aposentadoria, não representou pra mim, quer dizer, parar de trabalhar, e foi o início de uma nova etapa, né? onde eu passei a exercer atividades como médico, né? De maior complexidade e até hoje ainda exerço essa atividade com os meus 70 anos.

P11: Uma vez ou outra eu dou uma palestra. ... Tenho oficina, eu gosto de construir coisas, eu não paro. Então, eu tenho o meu escritório aqui com o meu computador, com meus livros. Pronto, eu tô escrevendo esse livro agora, com uma colega minha lá de economia. Portanto, continuo em uma atividade, mas que uma atividade prazerosa.

P15: Após a aposentadoria, eu me dediquei ao colecionismo. Assim, eu coleciono selos, coleciono moedas, coleciono dinheiro, coleciono cédulas ... com a aposentadoria a gente não para. A vida continua mesmo depois de aposentado ... quem se aposenta não pode parar, tem que continuar trabalhando, pelo menos intelectualmente, com a mente ... que ninguém pare, continue depois do trabalho e da aposentadoria.

A análise das narrativas dos participantes sinaliza para dois pontos que se aproximam: a centralidade do trabalho, por um lado, e a divisão sexual do trabalho, por outro, evidenciando que essas unidades não se esgotam com a aposentadoria. Reconhecer a centralidade do trabalho na aposentadoria é assumir que essa discussão perpassa por questões de gênero, em que a divisão sexual do trabalho decorre das relações sociais entre os sexos, mas não apenas isso, é um fator prioritário para a sobrevivência dessas relações (Hirata & Kergoat, 2007; Kergoat, 2003).

Diante do exposto, em que se considerou a aposentadoria de professores universitários, observa-se que a investigação desse fenômeno depende de uma série de elementos que se complementam. Dessa forma, a análise da aposentadoria atravessa, dentre

outras esferas, questões como: demandas do trabalho docente, o contexto em que foi efetivada, idealizações, expectativas e planejamento ou a ausência destes frente a essa nova etapa, a relação dos sujeitos com o trabalho, a falta reconhecimento e as questões de gênero.

Considerações Finais

A investigação das repercussões da aposentadoria na vida de professores universitários indica que esse fenômeno não deve ser analisado apenas sob uma perspectiva. Constatar que a aposentadoria se trata somente de uma fase em que homens e mulheres afastam-se legalmente do seu trabalho, desfrutando de pleno descanso, implica deixar de lado uma vasta gama de circunstâncias que perpassam e acompanham essa fase. A aposentadoria, apesar de representar um direito legal do trabalhador, não deve ser reduzida apenas a questões objetivas sem que aspectos subjetivos, sociais e históricos sejam levados em consideração.

Os resultados do presente estudo, em que se considerou as narrativas de professores universitários, apontam que a aposentadoria é uma etapa de vida significativa e vivenciada de forma particular por cada sujeito. No entanto, há certas circunstâncias que, embora sejam vivenciadas de forma específica, são comuns aos professores aposentados. As demandas do trabalho docente, as limitações impostas pela idade e a insegurança quanto ao futuro são fatores que tendem a caracterizar a efetivação da aposentadoria desta categoria. Essa realidade, não deixa de denunciar o cenário sob o qual esse fenômeno se inscreve.

Essas especificidades repercutem na maneira como a aposentadoria é vivenciada. Quando efetivada, a aposentadoria de professores universitários envolve além do próprio contexto de sua efetivação, situações como: a possibilidade ou não dessa fase ter sido antecipada ou adiada, as limitações da idade, problemas e cuidados com saúde, as atividades de trabalho realizadas na aposentadoria e as questões socialmente atribuídas a cada um dos

gêneros; o que significa dizer que jamais a aposentadoria poderá ser vivenciada por dois ou mais indivíduos da mesma forma.

Por fim, diante do material produzido e dos resultados destacados nesta pesquisa, ressalta-se a relevância de estudos que discutam a temática aposentadoria, especialmente de professores universitários. Investigações como estas perpassam áreas de conhecimentos como a educação e a psicologia, além de campos de estudos que abordem temáticas como trabalho, saúde mental e envelhecimento.

Referências

- Abreu, C. B. (2014, Outubro 29-31). *O prazer e a dor da aposentadoria: desinvestimento na carreira de docentes do ensino superior* [Apresentação de trabalho]. XVII SEMEAD - Seminários em Administração, Butantã, SP, Brasil.
- <https://sistema.semead.com.br/17semead/resultado/trabalhosPDF/430.pdf>
- Amaral, L. D. B. C., & Torres, T. L. (2017). Representação social da aposentadoria para professores universitários. *Psicologia e Saber Social*, 6(2), 130-145.
- <https://doi.org/10.12957/psi.saber.soc.2017.23594>
- Antunes, M. H., & Parizotto, A. P. A. V. (2013). Reflexões sobre a aposentadoria: Contribuições a partir das experiências de professores aposentados. *Psicologia Argumento*, 31(75), 769-779. <http://dx.doi.org/10.7213/psicol.argum.31.075.AO14>
- Antunes, M. H., Soares, D. H. P., & Moré, C. L. O. O. (2018). O processo de desligamento laboral: vivências narradas por casais aposentados. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 18(3), 793-811.
- <https://www.redalyc.org/journal/4518/451859374005/451859374005.pdf>
- Augusto, M. M., & Rocha Neto, I. (2016). Identidade, trabalho e aposentadoria: Estudo com trabalhadoras aposentadas de uma fundação pública. *Enciclopédia Biosfera*, 13(23), 1581-1592. https://doi.org/10.18677/Enciclopedia_Biosfera_2016_141

- Borsoi, I. C. F., & Pereira, F. S. (2017). Perspectivas acerca da aposentadoria na percepção de docentes de uma universidade pública federal. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 20(2), 173-186. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v20i2p173-186>
- Cruz, V. F. E. S. D., Tagliamento, G., & Wanderbroocke, A. C. (2016). A manutenção da vida laboral por doentes renais crônicos em tratamento de hemodiálise: uma análise dos significados do trabalho. *Saúde e Sociedade*, 25(4), 1050-1063. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902016155525>
- Dejours, C. (1987). *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho* (5th ed.). Cortez.
- Dejours, C. (2004, Dezembro). Subjetividade, trabalho e ação. *Production*, 14(3), 27-34. <https://doi.org/10.1590/S0103-65132004000300004>
- Dejours, C. (2007). *A banalização da injustiça social* (6 ed.). Fundação Getulio Vargas.
- Dejours, C. (2008). *Trabalho, tecnologia e organização-n. 2: avaliação do trabalho submetida à prova do real-Crítica aos fundamentos da avaliação*. Blucher.
- Dejours, C. (2013, Fevereiro). A sublimação, entre sofrimento e prazer no trabalho. *Revista portuguesa de psicanálise*, 33(2), 9-28.
- Dejours, C. (2021). *Psicodinâmica do trabalho: casos clínicos*. Dublinense.
- Dejours, C. (2022a). *Trabalho vivo I: sexualidade e trabalho* (2nd ed.). Blucher.
- Dejours, C., Abdoucheli, E., Jayet, C., & Betiol, M. I. S. (1994). *Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. Atlas.
- Dejours, C., Dessors, D., & Desriaux, F. (1993). Por um trabalho, fator de equilíbrio. *Revista de Administração de empresas*, 33, 98-104.

- Ferraz, R. F., & Batista, M. A. (2021). Envelhecimento e trabalho docente: Motivos para permanência no trabalho após a aposentadoria. *Revista Longeviver*, (2), 28-40.
<http://memorias.cpscetec.com.br/publicacoes/artigos/934-1544-1-SM.pdf>
- Ferreira, D. N., Batista, M. P. P., Lancman, S., & de Oliveira Barros, J. (2022). Implicações da aposentadoria compulsória por idade: reflexões e perspectivas. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, 32(1-3), e204821-e204821.
<https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v32i1-3e204821>
- Ferreira, E. C., & Pezuk, J. A. (2021). Síndrome de Burn-out: um olhar para o esgotamento profissional do docente universitário. *Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)*, 26(2), 483-502. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-40772021000200008>
- França, L. H. D. F. P., Menezes, G. S., Bendassolli, P. F., & Macedo, L. S. S. (2013). Aposentar-se ou continuar trabalhando?: o que influencia essa decisão?. *Psicologia: ciência e profissão*, 33(3), 548-563. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932013000300004>
- Franco, T., Druck, G., & Seligmann-Silva, E. (2010). As novas relações de trabalho, o desgaste mental do trabalhador e os transtornos mentais no trabalho precarizado. *Revista brasileira de saúde ocupacional*, 35(122), 229-248.
<https://doi.org/10.1590/s0303-76572010000200006>
- Fontoura, D. D. S., Doll, J., & Oliveira, S. N. D. (2015). O desafio de aposentar-se no mundo contemporâneo. *Educação & realidade*, 40(1), 53-79. <https://doi.org/10.1590/2175-623645774>
- Heloani, R., & Lancman, S. (2004, Dezembro). Psicodinâmica do trabalho: o método clínico de intervenção e investigação. *Production*, 14(3), 77-86.
<https://doi.org/10.1590/S0103-65132004000300009>

- Herdy, J. S. (2019). Preparação para aposentadoria: O que pensam os professores universitários. In K. C. A. Portela & A. J. Schumacher (Eds.), *Produção científica e experiências exitosas na educação brasileira* (Vol. 5, pp. 160-172). Atena.
<https://doi.org/10.22533/at.ed.556192008>
- Hirata, H., & Kergoat, D. (2007). Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de pesquisa*, 37(132), 595-609.
<https://www.scielo.br/j/cp/a/cCztcWVvvtWGDvFqRmdsBWQ/?format=pdf>
- Hirata, H., & Kergoat, D. (2021). Atualidade da divisão sexual e centralidade do trabalho das mulheres. *Revista de Ciências Sociais-Política & Trabalho*, [SL], (53), 22-34.
<https://doi.org/10.22478/ufpb.1517-5901.2020v1n53.50869>
- Iizuka, C. E. D. P. (2021). *Processo de reversão de aposentadoria: estudo sobre suas repercussões em servidores públicos federais*. [Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília]. Repositório Institucional da UnB.
2021_CláudiaEunicedosPassosIizuka.pdf.
<https://repositorio.unb.br/handle/10482/42209>
- Kegler, P., & Macedo, M. M. K. (2015). Trabalho e aposentadoria militar: Singularidades de uma travessia psíquica. *Psico-USF*, 20(1), 25-38. <https://doi.org/10.1590/1413-82712015200103>
- Kergoat, D. (2003). Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. *Trabalho e cidadania ativa para as mulheres: desafios para as políticas públicas*. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 55-63.
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4295660/mod_resource/content/1/KERGOAT%20Dani%C3%A8le.%20Rela%C3%A7%C3%B5es%20sociais%20de%20sexo.pdf

- Krawulski, E., Boehs, S. D. T. M., de Oliveira Cruz, K., & Medina, P. F. (2017). Docência voluntária na aposentadoria: Transição entre o trabalho e o não trabalho. *Psicologia: teoria e prática*, 19(1), 55-66. <https://www.redalyc.org/pdf/1938/193851916004.pdf>
- Laville, C., & Dionne, J. (1999). *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Artmed.
- Macedo, L. S. S. (2019). *Trabalho, vida fora do trabalho e adiamento da aposentadoria para docentes universitários*. [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte]. BDTD - Biblioteca Digital de Teses e Dissertações. [Trabalhovidafora_macedo_2019.pdf](https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/27916). <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/27916>
- Machado, C. N. C., & Lucas, M. G. (2017). Aposentadoria: Como professores vivenciam este momento?. *Revista de Carreiras e Pessoas*, 7(2), 567-588. <https://doi.org/10.20503/recape.v7i2.32753>
- Minayo, S. (2004). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Vozes.
- Nascimento, P. D. M., & Polia, A. A. (2019). Planos para o futuro: Uma análise da perspectiva ocupacional de professores universitários para o período da aposentadoria. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 27(2), 390-402. <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO1647>
- Pereira, I. A., & de Souza, A. A. (2021). A aposentadoria na visão dos profissionais do ensino superior. *Percursos Acadêmicos*, 11(21), 47-66. <https://doi.org/10.5752/P.2236-0603.2021v11n21p47-66>
- Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012. (2012). Ministério da Saúde. <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>

- Schlesener, A. H., & Lima, M. F. (2021). Reflexões sobre a precarização do trabalho docente no Ensino Superior brasileiro. *Práxis educativa*, 16, 1-17.
<https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.16.15116.003>
- Scremin, M., Almeida, P. R., Palma, K. A. X. A., & Alencastro, P. D. O. R. (2018). Impacto na aposentadoria no cotidiano do servidor público federal/Impact of retirement on daily lives of federal public server. *Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional-REVISBRATO*, 2(3), 524-541.
- Seligmann-Silva, E., Bernardo, M. H., Maeno, M., & Kato, M. (2010, Dezembro). O mundo contemporâneo do trabalho e a saúde mental do trabalhador. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, 35(122), 187-191. <https://doi.org/10.1590/S0303-76572010000200002>
- Silva, L. C. A. (2019, Dezembro). As implicações da aposentadoria na construção da identidade do idoso. *Pretextos-Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas*, 4(8), 145-163. <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/18687>
- Souza, M. C. D., Pinho, F. S. N. D., Carioca, J. M. G., & Pessoa, K. L. V. (2019). Preparação para a aposentadoria e ócio: possíveis contribuições da abordagem Gestáltica. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 20(2), 119-129.
<http://dx.doi.org/10.26707/1984-7270/2019v20n2p119>
- Staviski, G., da Silva Gonçalves, V., da Conceição, V. J. S., & de Medeiros, F. E. (2020, Maio). Desenvolvimento profissional em Educação Física: Uma abordagem na socialização profissional de professores aposentados. *Humanidades & Inovação*, 7(7), 408-420. <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2389>
- Vinuto, J. (2014). A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, 22(44), 203-220. <https://doi.org/10.20396/tematicas.v22i44.10977>

Artigo III

Relações da Aposentadoria com a Saúde de Professores Universitários

Resumo

A aposentadoria é um evento permeado por ambivalências que repercutem em diversas esferas da vida dos indivíduos, dentre as quais, a saúde. Nesse sentido, este estudo teve como objetivo identificar como os professores universitários aposentados compreendem a relação entre saúde e aposentadoria. Para fundamentar as discussões da temática, foram utilizadas as contribuições teóricas da Psicodinâmica do Trabalho. A pesquisa foi realizada com quinze professores universitários aposentados por idade e/ou por tempo de contribuição. Participaram nove pessoas do gênero feminino e seis do masculino, com idade entre 62 e 91 anos. O tempo de aposentadoria dos participantes variou entre dois meses e 25 anos, cuja média foi de nove anos e dois meses. Quanto a análise das narrativas dos participantes, foi possível concluir que as concepções dos professores universitários aposentados quanto a relação entre aposentadoria e saúde perpassam por uma diversidade de elementos, dentre eles o próprio trabalho docente. Sendo este percebido, muitas vezes, como um fator de adoecimento, a aposentadoria passa a ser encarada como uma oportunidade de reverter esse quadro. Mesmo diante dessa realidade, os participantes ressaltam a manutenção de uma atividade de trabalho como um importante recurso no enfrentamento da aposentadoria e, especialmente, como um fator preventivo quanto ao adoecimento mental, destacando a ausência de trabalho como um fator de risco a saúde.

Palavras-chave: professores universitários, aposentadoria, saúde, adoecimento

Retirement Relationships with the Health of University Professors Abstract

Abstract

Retirement is an event permeated by ambivalences that reverberate in various spheres of individuals' lives, including health. In this sense, this study aimed to identify how retired university professors understand the relationship between health and retirement. To support the discussions on the topic, the theoretical contributions of Psychodynamics of Work were used. The research was conducted with fifteen university professors retired by age and/or length of service. Nine females and six males participated, aged between 62 and 91 years old. The participants' retirement time ranged from two months to 25 years, with an average of nine years and two months. Regarding the analysis of participants' narratives, it was possible to conclude that the conceptions of retired university professors regarding the relationship between retirement and health encompass a variety of elements, including their own teaching work. This is often perceived as a factor in illness, and retirement is seen as an opportunity to reverse this situation. Even in the face of this reality, participants emphasize the maintenance of work activity as an important resource in coping with retirement and, especially, as a preventive factor regarding mental illness, highlighting the absence of work as a health risk factor.

Keywords: university professors, retirement, health, illness

Relaciones entre la Jubilación y la Salud de Profesores Universitarios

Resumen

La jubilación es un evento permeado por ambivalencias que repercute en diversas esferas de la vida de los individuos, entre las cuales se encuentra la salud. En este sentido, este estudio tuvo como objetivo identificar cómo los profesores universitarios jubilados comprenden la relación entre la salud y la jubilación. Para fundamentar las discusiones de la temática, se utilizaron las contribuciones teóricas de la Psicodinámica del Trabajo. La investigación se realizó con quince profesores universitarios jubilados por edad y/o por tiempo de contribución. Participaron nueve personas del género femenino y seis del

masculino, con edades entre 62 y 91 años. El tiempo de jubilación de los participantes varió entre dos meses y 25 años, con una media de nueve años y dos meses. En cuanto al análisis de las narrativas de los participantes, se pudo concluir que las concepciones de los profesores universitarios jubilados respecto a la relación entre jubilación y salud pasan por una diversidad de elementos, entre ellos el propio trabajo docente. Siendo este percibido, muchas veces, como un factor de enfermedad, la jubilación pasa a ser vista como una oportunidad de revertir este cuadro. A pesar de esta realidad, los participantes resaltan el mantenimiento de una actividad laboral como un importante recurso en el enfrentamiento de la jubilación y, especialmente, como un factor preventivo respecto a la enfermedad mental, destacando la ausencia de trabajo como un factor de riesgo para la salud.

Palabras clave: profesores universitarios, jubilación, salud, enfermedad

Introdução

Historicamente, a aposentadoria tem sido marcada por uma série de fenômenos e transformações que repercutem, dentre outras camadas, no próprio conceito etimológico da palavra. Epistemologicamente, a palavra aposentadoria está relacionada a quatro conceitos principais: a ação ou efeito de se aposentar; ao valor recebido - por mês - pelo(a) trabalhador(a) que já se aposentou; a particularidade da pessoa aposentada; e, pela ação de se afastar do trabalho após completar os anos necessários, estimulados pela lei ou pelo afastamento do trabalho ocasionado por invalidez (Dicio, 2009).

Estes conceitos, embora relevantes para compreensão do termo aposentadoria, limitam-se a responder uma questão objetiva e, tão logo, pontual. Distante dessa realidade, a aposentadoria deve ser compreendida, via de regra, a partir de sua complexidade, por meio do reconhecimento da diversidade de aspectos que nela estão imbricados (Antunes et al., 2016; Antunes et al., 2018). Sendo um evento permeado por ambivalências, a aposentadoria

repercute, dentre outras esferas, em aspectos econômicos, sociais, e nas próprias condições de saúde física e mental (França et al., 2012).

Assim, entre os diversos encadeamentos da aposentadoria, na vida dos trabalhadores, a saúde torna-se uma das principais áreas a ser analisada. Reconhecendo a importância e centralidade do trabalho na vida dos indivíduos, apesar das mudanças contemporâneas, a aposentadoria pode acarretar a perda de identidades ou na ruptura identitária (Costa & Soares, 2009). Esse cenário, marcado pelo rompimento com o trabalho, com fortes implicações na identidade daqueles que estão envolvidos com suas atividades laborais, pode ocasionar uma sequência de instabilidades físicas e emocionais (Scorsolini-Comin et al., 2019).

Além disso, a redução salarial, o tempo livre que antes era dedicado às funções laborais, o afastamento dos colegas de trabalho, a perda do status social - fruto do trabalho que desempenhava - dentre outros, são fatores capazes de gerar baixa autoestima e desmotivação, ocasionando adoecimento mental (Rodrigues et al., 2005). Esses danos ainda podem refletir em quadros ansiosos e depressivos, má alimentação, sedentarismo, tabagismo, dependência química (Canizares & Jacob Filho, 2011) e até mesmo casos extremos com riscos de mortes, como ideias suicidas ou tentativas de suicídio (Rodrigues et al., 2005; Zanelli, 2012).

Machado (2020) aponta que as taxas de suicídio entre idosos de 60 anos ou mais aumentaram em 14% durante os últimos dez anos no Brasil. Entre os principais fatores de risco para o suicídio de idosos, além das questões socioeconômicas, destacam-se os que podem advir com o próprio processo de envelhecimento. A aposentadoria é apontada como uma das possíveis causas de suicídio em idosos (Machado, 2020). Dessa forma, a redução dos papéis sociais, devido a aposentadoria, faz parte das histórias de perdas dos idosos e

relaciona-se, diretamente, as principais causas de suicídio entre essa população (Almeida et al., 2018).

Diante dessa realidade, os Programas de Preparação para a Aposentadoria tornam-se uma importante ferramenta, especialmente pelo envelhecimento da população (França, Menezes et al., 2013; França et al., 2013). Esses programas são formados por um conjunto de ações, desenvolvidas pelas organizações, públicas ou privadas, que buscam favorecer o bem estar dos futuros aposentados e possibilitar a reflexão sobre os pontos negativos e positivos da transição e debater as maneiras de lidar com eles. É um momento de receber informações e adotar práticas e hábitos de vida que propiciem e fortalecem a saúde (França et al., 2009).

Nesse sentido, compreende-se que a aposentadoria não é um fenômeno neutro no que tange a saúde dos indivíduos, sendo esta última fortalecida ou comprometida em detrimento da primeira. Assim, torna-se urgente analisar a relação entre aposentadoria e saúde, bem como suas implicações, em categorias específicas. Nessa direção, esse artigo tem como objetivo identificar como os professores universitários aposentados compreendem a relação entre saúde e aposentadoria. Com o intuito de fundamentar este estudo, foram adotadas as contribuições teóricas da Psicodinâmica do Trabalho.

Psicodinâmica do Trabalho

A Psicodinâmica do Trabalho surge a partir das reflexões e estudos de Christophe Dejours. Dejours é doutor em medicina, especialista em medicina do trabalho, psiquiatra, psicanalista e ex-professor da Faculdade de Medicina de Paris, diretor científico do Institut de Psychodynamique du Travail. Organizou vários eventos pioneiros no campo da psicopatologia do trabalho, dentre os quais, o I Colóquio sobre Psicopatologia do Trabalho, realizado em 1984, além das Primeiras Jornadas de Psicologia do Trabalho, Ergonomia e Psicopatologia do Trabalho, ambos em Paris em 1989 (Dejours, 1987).

Antes mesmo dessas datas, sobretudo nos anos 70, Dejours já havia publicado diversos trabalhos nas temáticas dos estudos sobre psicossomática e das relações entre saúde e trabalho (Dejours et al., 1994). No Brasil, os estudos sobre a Psicodinâmica do Trabalho ganharam destaque com a presença do autor no país, em 1987, para o lançamento da primeira edição de sua obra intitulada “A Loucura do Trabalho”. Esta obra passou a ser referência básica nos estudos sobre psicopatologia do trabalho e utilizada por especialistas de diversas áreas (Dejours, 1987).

No que tange à saúde, umas das premissas da Psicodinâmica do Trabalho é de que esta se relaciona tanto com o trabalho quanto com o não trabalho. Para Dejours, não trabalhar pode implicar no desencadeamento de doenças (Dejours, 1986). Dessa forma, o trabalho torna-se um dado fundamental da saúde, não apenas de maneira negativa, mas também de forma positiva. Quando um sujeito não faz nada, ou não quer fazer nada e se mantém em uma inatividade constante, isso geralmente é sinal, do ponto de vista da psiquiatria, de que ele está doente (Dejours et al., 1993).

Para a Psicodinâmica do Trabalho a compreensão da saúde deve partir de quatro premissas principais: a primeira é de que a saúde não é algo que vem do exterior, é algo do próprio sujeito; a segunda trata-se do fato de que a saúde é algo que se depende, se enfrenta e se ganha, no qual o papel de cada indivíduo é fundamental; a terceira consiste na reflexão de que a saúde não é algo estável, ao contrário, é algo que muda o tempo todo; por último, a quarta observação aponta que a saúde é um conjunto de compromissos com a realidade, e que se alteram, se redefinem e se reconquistam, que se ganham e que se perdem (Dejours, 1986).

Partindo, desse modo, das definições de saúde para a Psicodinâmica do Trabalho e pelas observações que Dejours aponta entre a relação desse elemento tanto com o trabalho como com o não trabalho, compreende-se que esta abordagem possui em seu cerne de conhecimento elementos importantes para a discussão do tema proposto neste estudo, no qual

consiste em identificar como os professores universitários aposentados compreendem a relação entre saúde e aposentadoria.

Método

Delineamento de Pesquisa

O presente estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa, uma vez que considera um universo de aspirações, motivações e significados, ou seja, esse tipo de pesquisa se debruça no espaço mais profundo dos fenômenos, processos e relações que não devem ser reduzidos a quantificação (Minayo, 2001).

Participantes do Estudo

O estudo foi realizado com quinze professores universitários aposentados por idade e/ou por tempo de contribuição. Todos os participantes foram professores de universidades públicas - estaduais e federais - do estado da Paraíba.

Recrutamento dos Participantes

A indicação dos primeiros participantes desta pesquisa ocorreu mediante auxílio de uma das pesquisadoras que integra o mesmo grupo de pesquisa dos autores deste estudo. A solicitação da indicação se apoia no fato de que a pesquisadora em questão esteve vinculada a uma Instituição de Ensino Superior no qual manteve relações profissionais com professores que passaram pelo processo de aposentadoria.

A partir disso, os autores deste estudo elaboraram uma lista com os endereços eletrônicos dos possíveis participantes. Nessa razão, o primeiro contato ocorreu através de ligação ou mensagem de texto por aplicativo de celular. Logo após, foi verificado o interesse dos professores aposentados em participarem da pesquisa.

À medida que as entrevistas ocorriam, novos participantes iam sendo indicados a contribuir com o estudo. Assim, também foi utilizada a amostragem bola de neve. Essa

técnica consiste na aplicação de cadeias de referências, em que os participantes da pesquisa são requisitados a indicarem novos contatos a partir da sua rede pessoal (Vinuto, 2014).

Produção de Materiais

As entrevistas ocorreram entre dezembro de 2022 e março de 2023 e foram realizadas de forma presencial e individual. Dos 15 participantes, 10 preferiram que a entrevista fosse realizada em suas residências, dois no espaço disponibilizado pelos pesquisadores (escritório particular), três entrevistas foram realizadas no atual local de trabalho dos participantes.

Antes do início da pesquisa propriamente dita, foram esclarecidas possíveis dúvidas, dos participantes, sobre o estudo. Após, cada participante assinou os termos de Consentimento Livre e Esclarecido e de Autorização de Gravação de Voz. Em seguida, os materiais foram produzidos. Para isso, dois instrumentos foram aplicados: um questionário sociodemográfico, contendo questões pessoais e profissionais, e uma entrevista semiestruturada.

Através da aplicação do questionário foi possível identificar, brevemente, o perfil dos participantes. As informações solicitadas neste instrumento possibilitaram o acesso a informações como: idade, gênero, estado civil, presença ou não de filhos, grau acadêmico, área de formação, idade que se aposentou e tempo de aposentadoria.

A entrevista teve como objetivo conhecer melhor o fenômeno pesquisado, mediante o relato de experiência de cada sujeito-participante. Com base nisso, optou-se pela a entrevista semiestruturada com base no testemunho. Esse tipo de entrevista busca colher depoimentos que possibilitam a exploração dos conhecimentos das pessoas e suas representações, isto é, sentimentos, valores, opiniões, crenças, etc. (Laville & Dionne, 1999).

A entrevista semiestruturada foi realizada através de roteiro previamente elaborado. Os temas que as nortearam versaram sobre a saúde - mental e física - na aposentadoria. Essa

etapa da pesquisa contou com o uso da gravação de voz, a fim de garantir a precisão das respostas e a riqueza das informações.

Análise dos Materiais Produzidos

A análise dos materiais produzidos foi realizada através da análise de conteúdo com recortes por temas de Laville e Dionne (1999). Por meio desse tipo de análise, o pesquisador pode se conectar, de modo eficaz, com o conteúdo pesquisado, visto que este deve construir suas unidades de análise por meio da sua compreensão do conteúdo. Ao recortar os conteúdos em elementos, o pesquisador poderá, logo em seguida, ordená-los dentro de categorias (Laville & Dionne, 1999).

Para análise e discussão dos elementos foram empregadas, além da literatura produzida sobre a temática, as contribuições teóricas da Psicodinâmica do Trabalho. Nesta fase, o pesquisador elabora e identifica os elementos subjetivos, no qual os conceitos teóricos são ferramentas que possibilitarão explicar e dar sentido ao material produzido (Heloani & Lancman, 2004).

Aspectos Éticos

Este estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba, sob o protocolo de nº 5.982.347. CAAE: 64048822.3.0000.5188. A pesquisa cumpriu todos os aspectos éticos da Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, que protege os direitos dos participantes das pesquisas científicas, a partir da ética inerente ao crescimento científico e tecnológico.

Resultados e Discussão

Perfil dos participantes

Este estudo contou com a participação de quinze professores universitários aposentados por idade e/ou por tempo de contribuição. A aposentadoria aqui referenciada trata-se daquela relacionada ao trabalho docente, fato que não implica na ausência de outras

atividades de trabalho. Isto é, observou-se, neste estudo, a aposentadoria do trabalho docente universitário e não a ausência de trabalho entre os participantes.

Quanto ao perfil dos professores aposentados, os participantes tinham entre 62 e 91 anos, no qual a média de idade foi de 73 anos, sendo que nove se identificam com o gênero feminino e seis com o masculino. No tocante ao estado civil, a maioria é casada (9) ou viúva (3), dois são solteiros e uma é divorciada.

Estes resultados se aproximam dos dados do Anuário Estatístico da Previdência Social - AEPS (Ministério da Previdência Social, 2022). Apesar da lacuna e diferenciação entre os termos “gênero”, utilizado na presente pesquisa e o termo “sexo” adotado pela AEPS os números servem de base para a observação do perfil sociodemográfico do aposentado e da aposentada no Brasil no ano de 2022.

Nesse sentido, de acordo com a AEPS 56,8% do total dos benefícios concedidos pelo INSS em 2022 foram para as mulheres, enquanto que 43,2% foram destinados aos homens. Quando analisado o número de aposentados no Brasil, de até 90 anos ou mais, observa-se a predominância do sexo feminino. Enquanto o número de mulheres aposentadas nessa faixa etária é de 534.142, o de homens é de 253.686 (Ministério da Previdência Social, 2022).

Ainda em relação aos professores e professoras aposentados, a análise do perfil sociolaboral dos participantes indica que estes possuem formação profissional nas seguintes áreas: letras (3), linguística (2), odontologia (2), fisioterapia (2), design de produtos (1), farmácia (1), sociologia (1), agronomia (1), economia (1) e história (1). Destes, dois possuem estágio pós-doutoral, seis são doutores, cinco possuem mestrado e dois são especialistas.

No tocante às questões relacionadas à aposentadoria, todos os professores, embora em algum momento possam ter desenvolvido o trabalho docente em instituições privadas, aposentaram-se quando estavam atuando em instituições públicas, sejam elas estaduais ou federais. A tabela 1 categoriza a aposentadoria dos participantes.

Tabela 1*Caracterização da Aposentadoria*

Tempo de aposentadoria		
Mínimo 2 meses	Máximo 25 anos	Média Nove anos e dois meses
Idade que a aposentadoria foi efetivada		
Mínima 45 anos	Máxima 78 anos	Média 61 anos e cinco meses
Tipo de Instituição que a aposentadoria foi efetivada		
Pública 15	Privada 0	

Quanto à idade que a aposentadoria foi efetivada entre os participantes, observou-se que a média de idade entre o gênero feminino foi de 64 anos e sete meses, enquanto que entre o gênero masculino a média foi de 63 anos. A análise da efetivação da aposentadoria dos professores universitários, participantes dessa pesquisa, indica, portanto, que os sujeitos do gênero masculino se aposentam por volta de um ano e meio mais cedo que os do gênero feminino.

Aposentadoria e saúde de professores universitários

O trabalho docente universitário, além de ser caracterizado por uma série de atribuições, tem características que lhe são peculiares, por exemplo, a preparação de aulas fora do horário de trabalho, correção de provas, elaboração de projetos de pesquisa e extensão, dentre outros (Ferraz & Batista, 2021; Galindo et al., 2020; Rodrigues et al., 2020). Essas atividades, embora não inseridas na carga horária, ocupam tempo significativo, muitas vezes, retirado de outras atividades relacionadas à família ou, até mesmo, ao lazer (Prata-Ferreira & Vasques-Menezes, 2021).

Esse cenário quando associado a condições precárias de trabalho contribuem para o prolongamento e intensificação da jornada de trabalho do professor com possíveis consequências à saúde (Prata-Ferreira & Vasques-Menezes, 2021). Essa sobrecarga afeta a percepção dos professores quanto ao trabalho docente e parece ser fundamental na escolha pela aposentadoria (Pereira & Souza, 2021). Essa realidade também pode ser observada na fala dos participantes ao relatarem o trabalho docente como uma fonte de cansaço e a aposentadoria como uma oportunidade para dispor de mais tempo e saúde:

P1: Eu comecei ver que passar horas e horas num computador, horas e horas debruçada num livro estudando, analisando, preparando aula, preparando atividades, corrigindo atividades que na maioria das vezes, era frustrante, isso não tava me fazendo bem, né? E hoje com a aposentadoria eu não tenho essa pressão, eu não tenho mais esse problema.

P3: Eu acho que estou bem porque eu tô conseguindo fazer essas coisas, né? Com mais tranquilidade, sem muita cobrança de horário, tá? Fazendo também outra coisa que eu gosto. ... Então, tô me sentindo muito bem e tranquila com o tempo que passei, o que eu fiz, o tempo que eu saí, eu achei que foi num bom momento.

P12: Eu voltei a fazer atividade física, específica numa academia, porque eu começava e não terminava. Eu voltei a viajar, coisa que eu sempre gostei muito, mas nem sempre eu poderia viajar. ... Eu tô me sentindo mais livre, inclusive, liberto de um monte de gente ruim (risos).

P13: Antes a gente só fazia trabalhar. ... E a aposentadoria, por exemplo, deixa você nesse sentido, assim, que você não tem mais aquela preocupação de ter que se levantar cedo, tal horário, tem que tá atrás de aluno, essas coisas. Então você se alivia um pouco.

De acordo com Dejours (1986) a saúde é algo que muda o tempo todo, não é um ponto de estabilidade, não é alguma coisa estável. É algo que se ganha a cada dia, que se enfrenta e de que se depende. Nesse processo de busca pela saúde, o papel de cada um é importante, pois a saúde é, antes de tudo, um conjunto de compromissos que se assume com a realidade, é uma responsabilidade. É dessa forma que, além de tudo, a saúde das pessoas é assunto das pessoas, no qual não se pode substituir seus atores por elementos exteriores (Dejours, 1986).

Dejours et al. (1993) ainda apontam que a depender da relação do indivíduo com o trabalho, sua saúde pode ser comprometida no mais alto nível. Mas, isso não tira do trabalho sua capacidade de gerar equilíbrio e contribuir para o desenvolvimento dos sujeitos (Dejours et al., 1993). Nessa direção, apesar de alguns participantes terem atribuído a melhora na saúde ao afastamento do trabalho docente, mediante a aposentadoria, estes também retratam que manter outras atividades durante essa fase é crucial para a manutenção da saúde:

P2: Conheço colegas que afetou bastante, tanto mentalmente como fisicamente. Eu não me senti, até agora nada, porquê eu preenchi as atividades que eu tinha como profissão, como docente. Uma boa parte da semana eu ocupo com essas atividades, aí continuo trabalhando. Fisicamente também não, porque tô fazendo até mais coisas.

P7: A saúde mental, quer dizer, até agora não houve nenhum transtorno (risos). Estou, por exemplo, plenamente exercendo minha atividade, não tenho nenhuma alteração cognitiva, mental, nem comportamental. ... Causou alegria porque eu não parei, certo? Porque a partir dessa aposentadoria eu pude exercer mais atividades.

Logo, o trabalho não é necessariamente nocivo à saúde, ele pode ser, inclusive, favorável à saúde física e mental (Dejours, 1986; Dejours, 1987). Para a psicodinâmica do trabalho, este fato está associado a duas questões principais. A primeira delas ocorre quando as exigências intelectuais, psicossensoriais ou motoras da tarefa estão de acordo com as

necessidades do sujeito. A segunda trata de que quando o conteúdo do trabalho é fonte de satisfação sublimatória, situação privilegiada na qual a concepção do conteúdo do trabalho, do ritmo de trabalho e do modo operatório é, em partes, entregue ao trabalhador (Dejours, 1987).

No entanto, essa é uma circunstância privilegiada que só se encontra em determinadas profissões como a de artesão, liberais e os responsáveis de alto nível: trabalho organizado livremente ou deliberadamente conquistado ou escolhido (Dejours, 1987). Por essa razão, essa condição pode ser observada entre os participantes que, mediante a aposentadoria do trabalho docente universitário, optaram por continuar ou iniciar outras atividades que não a docência universitária. Essas atividades, dada a condição de aposentado, geralmente são livremente escolhidas e organizadas, sendo ou não remuneradas.

Assim, do mesmo modo que o trabalho pode ser perigoso podendo causar sofrimento e danos à saúde, o não trabalho também é. O fato de não trabalhar pode gerar o desencadeamento de diferentes quadros de adoecimento. A psicopatologia do trabalho, nessa direção, aponta que, diferentemente do que é discutido por diversos especialistas, a ideologia da ociosidade, na qual o ideal seria não se ter nada pra fazer, é fundamentalmente falsa (Dejours, 1986). Essa contestação também pode ser observada nas narrativas dos participantes:

P2: A pessoa que quer se aposentar ele deve se preparar pra mudar aquela atividade que ele vinha fazendo a muito tempo e para não ficar ocioso, se envolver em outras atividades ... ficar ocioso, cruzar os braços, tá só numa rede balançando o dia todo, eu acho que não deve não, vai mexer muito com a parte física e mental.

P8: Acho que uma aposentadoria corre o risco de ser traumática, na minha percepção, quando você para. Para de atuar quando você tem capacidade de atuar. ... Fica sem

sentido de vida. ... As pessoas não podem parar, a aposentadoria concorre muito para o adoecimento.

P9: A pessoa pode adoecer por isso: você se sentir incapaz de fazer outra coisa ou de se aceitar na sua situação como você está agora. ... Eu acho que à medida que você passa pra ociosidade, você tem um caminho muito curto pra chegar a um problema de saúde mental, entendeu? Eu acho que é necessário você se ocupar, necessário.

P15: Eu acho que se a pessoa se aposenta e não tem uma atividade para preencher o tempo, como se diz no popular, ele pode realmente adoecer. ... Quem se aposenta e não tem um trabalho, não tem com o que se ocupar, como se diz, pode ser bastante prejudicial.

Outro ponto a destacar é que o trabalho, além de poder contribuir para a saúde mental, ocupa lugar central na formação da identidade (Dejours, 2009). O trabalho pode contribuir para manter a identidade, e segundo Dejours, para manter a sanidade das pessoas. A identidade, portanto, é o arcabouço da saúde mental (Dejours, 2008). Nesse sentido, toda crise, isto é, toda descompensação psicopatológica está centrada por uma crise de identidade. E é o trabalho, por meio da ação do reconhecimento, que possibilita uma nova chance para edificar e desenvolver a identidade dos sujeitos e, assim, construir uma melhor resistência psíquica frente aos desafios de vida (Dejours, 2009).

A maioria dos sujeitos desejam ser úteis, portanto, o afastamento do trabalho, desperta em muitos sujeitos, a ideia de inutilidade. Essa inutilidade está associada à reflexão de que não podem contribuir com o Estado, com a sociedade ou cidadania, com uma organização ou instituição. Privadas dessa possibilidade de contribuição, não podem usufruir da retribuição simbólica que é o reconhecimento. Esse cenário torna-se perigoso para a identidade, condição frágil do ponto de vista psicopatológico (Dejours, 2008). Sobre este aspecto, os participantes apontam que a aposentadoria:

P7: Provoca adoecimento quando indivíduo se sente inútil, incapaz, não pode contribuir com a sua participação em algum ponto, né? Então isso leva a transtornos, quer dizer, mentais, dentre eles, o principal de colegas meus que se aposentaram ... são acometidos pelo estado depressivo, né? E isso leva a outras doenças. Então, a atividade mantém o homem hígido, mantém o homem saudável.

P11: Se você não preenche o seu tempo com algo que lhe satisfaça interiormente, você vai sentir um vazio, né? Porque significa que sua vida na verdade, na universidade no nosso caso, assim, era uma obrigação que você tinha que cumprir o tempo todo, seguir à risca, aí de repente, de uma hora pra outra, aquela obrigação acaba. ... Aí você começa, então tipo: “quem sou eu?”, né? Aí você começa a ver que você não tem identificação com nada interessante, que você possa fazer pra preencher o seu tempo, e fazer com que a sua vida seja divertida, feliz.

Por esta razão, importa salientar que a aposentadoria acarreta conflitos desencadeados pela centralidade do trabalho no processo de constituição da identidade dos indivíduos, principalmente na atual sociedade em que estimula a supervalorização da produtividade e do capital. Inseridos nesse sistema, a aposentada e o aposentado se veem na contramão da construção social do que é um sujeito trabalhador, embora tenham assumido esta posição durante grande parte de sua vida (Silva et al., 2022).

Em termos de saúde mental, do ponto de vista da psicodinâmica do trabalho, esta não se reduz a um bem-estar psíquico. A saúde se manifesta quando a esperança é permitida e o desejo é uma possibilidade. O perigo para a saúde ocorre quando não há mais desejo, quando este não é possível. É nesse cenário que surge a depressão, a perda do desejo. Essa situação é perigosa não apenas para a cabeça, mas também para o corpo. Quando o sujeito se depara com a falta de desejo e esse estado é durável, pode o corpo adoecer mais facilmente (Dejours, 1986).

Frente a essa descrição, os participantes apontam a depressão e a ansiedade como transtornos que podem estar associados à aposentadoria, seja por situações que lhe ocorreram ou pela manifestação do adoecimento em terceiros: “Fiquei doente mesmo, fiquei! Aí eu fui fazer terapia ... e ela me ajudou muito a deixar um pouco esse sofrimento e viver, procurar viver o momento presente, a não ter tanta ansiedade pra voltar ao passado que não volta”. (P5).

P3: Eu tenho colegas que se aposentaram logo depois de mim, e tão assim, meio depressivas. Isso é bem comum. ... Eu conheço pessoas que estão assim, vivendo um sofrimento porque pararam a universidade, nem encontraram outra coisa, não procuraram ou acharam que não ia encontrar, não sei, mas que tão bem ansiosas e estão deprimidas.

P6: Quando eu me aposentei, eu adoeci, porque, olhe, eu senti muita falta. A sala de aula fez falta demais. ... Fiquei deprimida porque eu passei pela pandemia, pela aposentadoria e pelo diagnóstico [de doença neurológica]. ... Fiquei muito triste. E essa tristeza se transformou em depressão, que eu precisei ir pra um psiquiatra e pra um psicólogo, que eu nunca tinha precisado ir.

P10: Tenho tendência com depressão ... de ser melancólica e da história de vida. ... Se eu tivesse trabalhando até hoje, eu acho que eu estaria melhor do que tô agora, porque estaria ocupada ... Realmente, a aposentadoria, que eu acho, sabe? Para mim, que tem esse lado do vazio, esse lado do vácuo, de você querer encontrar alguma coisa pra se apegar.

P14: Não é que eu acredite que a aposentadoria pode causar isso que você diz, algum tipo de desconforto, de depressão, eu constato que há colegas que se aposentam e de repente dizem: “poxa, tô aposentado, não sei o que fazer”, aí eu digo: “procura! Se

você não sabe o que fazer, procura alguma coisa que fazer, não é? Plante plantas, continue escrevendo seu livro”.

Atrelados aos relatos dos participantes, estudos recentes apontam a aproximação entre a aposentadoria e o desenvolvimento ou agravamento de adoecimento mental (Andrade & Torres, 2020; Costa et al., 2022; Costa & Cruz, 2020; Ribeiro et al., 2020; Scorsolini-Comin et al., 2019). Costa et al. (2022) ao realizar um estudo com 155 idosos de ambos os sexos, constatou que 82,86% dos pacientes com depressão são aposentados, seguidos por aqueles que se declaram aposentados ativos com 5,71%, isto é, aqueles que se aposentaram, mas continuam desenvolvendo outras atividades de trabalho (Costa et al., 2022).

Costa e Cruz (2020), ao buscarem descrever, com base na literatura, quais evidências científicas publicadas nos últimos 10 anos relatam sobre a ideação suicida em idosos que possuem como principal fator de risco a depressão, concluíram que a depressão é um dos principais fatores de riscos associados ao suicídio de idosos. E, entre as causas dessa relação, destaca-se a aposentadoria, seguida dos problemas de relacionamento familiar, diminuição de possibilidade de escolhas e perda de habilidades associadas a essa etapa (Costa & Cruz, 2020).

A literatura aponta que há maior prevalência de sintomas de depressão nas pessoas idosas aposentadas que não trabalham, em relação àqueles que são aposentados, mas que continuam trabalhando. As pessoas idosas que trabalham apresentam melhor qualidade de vida nos domínios tanto físico quanto psicológico. Importa destacar que esses resultados foram observados em homens e em mulheres, sem diferenças significativas (Ribeiro et al., 2020).

Outro ponto a sublinhar é que constantemente a aposentadoria é associada à fase de envelhecimento. De acordo com o Estatuto da pessoa idosa, é considerada pessoa idosa o cidadão ou cidadã com idade igual ou superior a 60 anos (Ministério dos Direitos Humanos,

2022). Ao considerar que a idade mínima, entre os participantes desta pesquisa, foi de 62 anos, salientamos então que ambos participantes, além de aposentados do trabalho docente, também são considerados pessoas idosas. Frente o fenômeno da aposentadoria e a fase de envelhecimento, os professores e as professoras relatam que:

P6: Impacto positivo [da aposentadoria] pelo mesmo eu não noto. O que a aposentadoria, vejo muito com o envelhecimento. O envelhecimento é alguma coisa que prejudica muito a saúde. Com o envelhecimento você se torna mais doente.

P11: Eu vou fazer 72 anos. Então, assim, é natural, você é um cara bem mais velho, e aí você vai tentando compensar as falhas humanas fisicamente, que eu acho que você tá tratando aí, que é uma coisa fundamental. Se a cabeça não tá boa ... as coisas não vão andar. ... A gente tá ficando velho, num tá ficando? (risos). Não tem retorno, é só daqui pra frente.

P12: Não vou viver mais 20 anos, não do modo saudável. Pode até ser que eu fique um pouco saudável, mas as pernas começam a doer, a memória começa a falhar, as artrites e as artroses começam a incomodar, então a gente tem que viver.

A passagem dos anos acarreta, naturalmente, um declínio no bem-estar social, influenciado, sobretudo, por dois aspectos: as limitações físicas, próprias do envelhecimento, e a ausência de vínculos sociais, ofertados pela atividade laboral. Para os aposentados e aposentadas as mudanças decorrentes desse processo de ruptura com o trabalho podem propiciar o adoecimento - físico ou mental - impactando, especialmente, na autoestima da pessoa e na qualidade de vida (Silva et al., 2022).

Nesse sentido, aposentadoria e envelhecimento são fases paralelas e que merecem atenção. Chegar a velhice e aposentar, sem um planejamento, pode gerar ou agravar doenças pela sensação de abandono, solidão, não pertencimento grupal, ocasionando sentimento de exclusão social devido a ruptura do convívio relacional de muitos anos (Herdy et al., 2023).

Frente ao encontro dessas fases, e seus impactos, a participante 4 aponta para a necessidade de preparação psicológica para o envelhecimento:

A preparação psicológica pra quem se aposenta é muito importante. ... As pessoas não se preparam para o envelhecimento que é muito difícil, não é fácil não. Envelhecer é complicadíssimo. É preciso você ter sua cabeça boa, aceitar suas limitações, que hoje você tá com uma dor na mão, amanhã é no braço, no outro dia é na perna, mas você não fazer disso uma coisa maior do que é, porque é uma coisa natural da vida. (P4)

Os Programas de Preparação para a Aposentadoria (PPA) é um serviço ofertado por instituições públicas e privadas aos trabalhadores mais velhos. É um meio eficaz de apoio na decisão, transição e adaptação desses trabalhadores mediante aos riscos e o bem estar na aposentadoria. O PPA busca gerar atitudes mais positivas dos trabalhadores em relação à aposentadoria e compensar as perdas que possivelmente podem enfrentar nessa fase. Em suas estratégias os programas possuem o planejamento do futuro, cujo trabalhador mais velho poderá identificar suas potencialidades e limitações se preparando para os conflitos que podem surgir nesta fase (França et al., 2019).

No Brasil, o Estatuto da Pessoa Idosa, que regula os direitos das pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, em seu capítulo VI cuja finalidade é tratar da profissionalização e do trabalho dessas pessoas, menciona, brevemente, que a preparação dos trabalhadores para a aposentadoria deve ocorrer com antecedência mínima de um ano. Essa preparação envolve o estímulo a novos projetos sociais, conforme os interesses dos trabalhadores e o esclarecimento sobre os direitos sociais e de cidadania (Ministério dos Direitos Humanos, 2022).

Destacada a importância dos PPA, é de se evidenciar que nenhum dos participantes desta pesquisa - professores universitários, todos aposentados em instituições públicas -

participaram de algum tipo de programa de preparação para a aposentadoria. Os participantes apontaram a inexistência desse tipo de programa nas instituições que se aposentaram, outros ainda mencionaram que, até o momento da pesquisa, desconheciam esse tipo de serviço. Todavia, ressaltaram a importância do Programa para o melhor enfrentamento da aposentadoria:

P4: É importante! Eu sei que muitas pessoas se magoam, né? Porque eu escutei isso já nos últimos tempos que eu tava na [Universidade], as pessoas se magoam achando que tão te dizendo assim: “Olha, tá na hora”, né? Porque existe uma lei aqui no Brasil que, a gente só fica até os 70 anos. ... Chegou os 70 você deixou de pensar ... perdeu suas capacidades intelectuais, físicas. Então isso mexe com a cabeça das pessoas.

P7: É importante porque esse programa específico para o aposentado, específico para o idoso, respeitar as limitações, né? E ter seus objetivos que é justamente fazer com que o idoso, o aposentado, possa ter sua participação dentro da comunidade, dentro da sociedade e se sinta útil e valorizado.

P11: Isso deve ser uma coisa tipo assim: O RH, recursos humanos ver que professor tal, ele vai se aposentar, então ele viria e dizia: “Olha professor, tô sabendo que vai se aposentar daqui a 3 meses, e tal. Olha, tem um programa feito exclusivamente pra rapaziada que vai se aposentar, você gostaria de participar?”. ... Na minha época ninguém me falou nada, eu só fui lá e conversei com a menina “Vou perder as vantagens disso, daquilo?...” Pronto, a mulher me deu um papel, “eu tô aposentado.”

A pesquisa de França et al. (2019) sinaliza que essa realidade não é única dos professores docentes, participantes da pesquisa. A pesquisadora revela que, apesar de iniciados há cerca de 30 anos e serem ancorados pela lei, poucas organizações adotam o PPA. Além disso, muitas organizações demonstram que não estão aptas para desenvolver os

programas e outras parecem necessitar de vontade política ou serem instauradas por um gestor interessado pelo seu serviço e que milite a seu favor (França et al., 2019).

Oliveira et al. (2021), ao analisar as evidências disponíveis na literatura relacionadas à preparação para a aposentadoria de docentes universitários, concluíram que para que a transição para a aposentadoria seja vivenciada de forma efetiva e com saúde é preciso que todos os atores envolvidos ressignifiquem sua responsabilidade diante desse cenário. Como recurso a essa condição, os pesquisadores apontam para a necessidade das legislações de saúde do trabalhador e do idoso serem mais efetivas e que as Instituições de Ensino implementem e/ou revisem seu programa de preparação para a aposentadoria.

Assim, mediante as narrativas dos participantes, os dados das pesquisas realizadas na área e o breve levantamento da literatura, compreende-se que a discussão a respeito da implementação, revisitação e reflexão dos Programas de Preparação para a Aposentadoria é urgente. Essa temática por sua relevância torna-se imediata, no entanto, não basta que seja adotada pelas instituições, mas que estas busquem analisar as necessidades dos seus trabalhadores para que de fato sua oferta seja válida e seus resultados sejam efetivos.

Considerações Finais

A aposentadoria é um fenômeno que acarreta uma sucessão de eventos com grandes implicações na vida cotidiana dos sujeitos. Longe de ser neutra, essa fase resulta numa gama de incidências que atravessam as esferas físicas, subjetivas, econômicas, sociais e culturais dos indivíduos. Compreendendo que a saúde depende, dentre outros fatores, de uma boa condição destes aspectos, a investigação da relação entre saúde e aposentadoria torna-se um importante campo de estudos. Dessa forma, objetivamos identificar como professores universitários aposentados compreendem a relação entre saúde e aposentadoria.

As concepções dos professores universitários aposentados quanto a relação entre aposentadoria e saúde perpassam por uma diversidade de elementos, dentre eles o próprio

trabalho docente. Sendo este percebido, muitas vezes, como um fator de adoecimento, a aposentadoria passa a ser encarada como uma oportunidade de reverter esse quadro. Mesmo diante dessa realidade, os participantes ressaltam a manutenção de uma atividade de trabalho como um importante recurso no enfrentamento da aposentadoria e, especialmente, como um fator preventivo quanto ao adoecimento mental, destacando a ausência de trabalho como um fator de risco à saúde.

Observou-se, ainda, que as compressões dos professores aposentados quanto à relação entre aposentadoria e saúde ultrapassam a análise de suas vivências pessoais, nesse sentido, quando se trata desse aspecto também se destaca a observação dos impactos da aposentadoria na saúde de terceiros. Dessa maneira, quando analisado o perfil sociodemográfico: idade, gênero, tempo de aposentadoria, e as narrativas dos participantes identifica-se que não há diferenças na percepção dos impactos da aposentadoria na saúde dos indivíduos.

No entanto, quando analisado, mais estritamente, os relatos dos participantes observa-se que, embora a maioria reconheça a aposentadoria enquanto prejudicial do ponto de vista psicológico, as pessoas do gênero masculino tendem a direcionar essa relação ao mundo exterior, a um acontecimento ligado ao outro, que já aconteceu ou que pode acontecer, enquanto que as pessoas do gênero feminino tendem a perceber esse fenômeno a partir de suas vivências pessoais, a partir do reconhecimento do seu próprio adoecimento, muitas vezes atribuído ao diagnóstico de transtorno mental.

De modo geral, a relação entre saúde e aposentadoria resultou também na discussão da relação entre aposentadoria e adoecimento. Esta relação, de acordo com os resultados obtidos na pesquisa, ultrapassa a aposentadoria, mas não a esgota. Dessa forma, o adoecimento nessa fase envolve: o trabalho realizado antes da aposentadoria, o ócio ocasionado pela ausência de atividade de trabalho, as questões advindas do processo de

envelhecimento, o não investimento na saúde e a falta de políticas institucionais quanto a preparação para a aposentadoria.

Ao sinalizarem para a importância do planejamento para a aposentadoria e ausência de Programas de Preparação para a Aposentadoria nas Instituições de Ensino Superior que desempenharam suas atribuições docentes, os participantes denunciam o cenário em que a suas aposentadorias foram efetivadas. Diante disso, questionamos: Quais seriam as narrativas dos participantes desta pesquisa - frente as questões trabalhadas nesse estudo - se, mediante a transição para a aposentadoria, as instituições tivessem ofertado aos professores e professoras a participação nos PPA?

Por último, buscamos, através deste estudo, contribuir com os avanços da pesquisa científica sobre a temática aposentadoria, sobretudo nos campos da psicologia, educação, geriatria e gerontologia. Para além das discussões científicas, destacamos a importância das Instituições de Ensino Superior quanto ao planejamento e implementação de políticas efetivas que abarquem discussões acerca do processo de aposentadoria de seus trabalhadores. Trabalhadores estes que, frente a busca pelo reconhecimento do trabalho desempenhado por anos, por necessidade e direito, anseiam que esta retribuição possa existir até o último momento de suas carreiras na instituição.

Referências

- Almeida, B. L. S., Lorentz, M., & Bertoldo, L. T. M. (2018, Junho). Aspectos Psicossociais do Suicídio em Idosos e Percepções de Sobreviventes. *Revista de Psicologia da IMED*, 10(1), 21-36. <https://doi.org/10.18256/2175-5027.2018.v10i1.2260>
- Andrade, L., & Torres, C. (2020). Aposentadoria e Atribuição de Significado: Um Estudo com Trabalhadores Ativos no Brasil. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 36. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e3652>

- Antunes, M. H., Moré, L. L. O. O., & Schneider, D. R. (2016, Dezembro). Compreendendo o Fenômeno da Aposentadoria em uma Perspectiva Relacional: Contribuições do Pensamento Sistêmico. *Pensando Famílias*, 20(2), 70-84.
<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v20n2/v20n2a06.pdf>
- Antunes, M. H., Soares, D. H. P., & Moré, L. L. O. O. (2018). O processo de desligamento laboral: vivências narradas por casais aposentados. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 18(3), 793-811. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v18n3/v18n3a05.pdf>
- Canizares, J. C. L., & Jacob Filho, W. (2011). Fatores de risco à senilidade na transição à aposentadoria. *Revista brasileira de geriatria e gerontologia*, 14(3), 425-432.
<https://doi.org/10.1590/S1809-98232011000300003>
- Costa, A. B., & Soares, D. H. P. (2009). Orientação Psicológica para a Aposentadoria. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, 9(2), 97-108.
<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpot/v9n2/v9n2a09.pdf>
- Costa, M. A. O., & Cruz, A. C. M. (2020). Depressão e suicídio em idosos no Brasil: revisão de literatura. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 12(12), e4323.
<https://doi.org/10.25248/reas.e4323.2020>
- Costa, T. N. M., Rodrigues, N. L., de Assis, C. T. L., Barbosa, A. N., Brazão, G. B., Galvão, J. M., ... Morikawa, N. M. (2022). Prevalência e aspectos epidemiológicos de depressão em idosos. *Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento*, 11(3), e21811326383-e21811326383. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i3.26383>
- Dejours, C. (1986). Por um novo conceito de saúde. *Revista brasileira de saúde ocupacional*, 14(54), 7-11.
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5817635/mod_resource/content/2/%5BDejouis%5D_Por%20um%20novo%20conceito%20de%20Sa%C3%BAde.pdf

- Dejours, C. (1987). *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho* (5th ed.). Cortez.
- Dejours, C., Dessors, D., & Desriaux, F. (1993). Por um trabalho, fator de equilíbrio. *Revista de Administração de empresas*, 33(3), 98-104.
scielo.br/j/rae/a/4t8CXdBt9y3nzzYb8fpWFLy/?format=pdf
- Dejours, C., Abdoucheli, E., Jayet, C., & Betiol, M. I. S. (1994). *Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. Atlas.
- Dejours, C. (2008). *Trabalho, tecnologia e organização-n. 2: avaliação do trabalho submetida à prova do real-Crítica aos fundamentos da avaliação*. Blucher.
- Dejours, C. (2009). Entre o desespero e a esperança: como reencantar o trabalho? Dossiê: Qual é o sentido do trabalho. *Revista Cult*, 12, 19-23.
- Dicio. (2009). *DICIO dicionário online de português*. Recuperado em Dezembro 18, 2023, <https://www.dicio.com.br/aposentadoria/#:~:text=Significado%20de%20Aposentadoria%20no%20Dicio%2C%20Dicion%C3%A1rio%20Online%20de,aposentar.%20O%20valor%20recebido%20%28por%20m%C3%AAs%29%20pelo%20trabalhador>
- Ferraz, R. F., & Batista, M. A. (2021). Envelhecimento e trabalho docente: Motivos para permanência no trabalho após a aposentadoria. *Revista Longeviver*, (2), 28-40.
<http://memorias.cpsctec.com.br/publicacoes/artigos/934-1544-1-SM.pdf>
- França, L. H. D. F. P., Leite, S. V., Simões, F. P., Garcia, T., & Ataliba, P. (2019). Análise dos Programas de Preparação para Aposentadoria (PPA) desenvolvidos por instituições públicas brasileiras. *Revista Kairós-Gerontologia*, 22(1), 59-80.
<http://dx.doi.org/10.23925/2176-901X.2019v22i1p59-80>

- França, L. H. F. P., & Soares, D. H. P. (2009). Preparação para a Aposentadoria como parte da Educação ao Longo da Vida. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 29(4), 738-75. <https://www.scielo.br/j/pcp/a/PSPnS6JFDmX453bF6ZDtR9d/?format=pdf>
- França, L. H. F. P., Menezes, G. S., & Siqueira, A. R. (2012). Planejamento para aposentadoria: a visão dos garis. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 15(4), 733-745. <https://doi.org/10.1590/S1809-98232012000400012>
- França, L. H. F. P., Menezes, G. S., Bendassolli, P. F., & Macedo, L. S. S. (2013). Aposentar-se ou Continuar Trabalhando? O que Influencia essa Decisão? *Psicologia: Ciência e Profissão*, 33(3), 548-563. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932013000300004>
- França, L. H. F. P., Murta, S. G., Negreiros, J. L., & Pedralho, M. (2013). Intervenção Breve na Preparação para Aposentadoria. *Revista Brasileira de Orientação Profissional* 14(1), 99-110. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbop/v14n1/10.pdf>
- Galindo, M. C. T., Maciel, R. H. M. D. O., Matos, T. G. R., Viana Filho, M. V. C., Vale, S. F. D., & Silva, R. D. (2020). Prazer e Sofrimento no Trabalho Docente em uma Instituição de Ensino Superior. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 13(3), 1-16. <http://dx.doi.org/10.36298/gerais202013e15215>
- Heloani, R., & Lancman, S. (2004, Dezembro). Psicodinâmica do trabalho: o método clínico de intervenção e investigação. *Production*, 14(3), 77-86. <https://doi.org/10.1590/S0103-65132004000300009>
- Herdy, J., Lima, M., Santos, R., & Martins, S. (2023). Educação e Preparação para Aposentadoria. *GIGAPP Estudos Working Papers*, 10(248-255), 122-135. <https://www.gigapp.org/ewp/index.php/GIGAPP-EWP/article/view/291>
- Laville, C., & Dionne, J. (1999). *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Artmed.

Machado, D. B. (2020, Abril). Taxa de suicídio aumenta entre idosos no Brasil - Análises de 2007 a 2017. In Sesc - Serviço Social do Comércio (Ed.), *Mais 60 - estudos sobre envelhecimento* (Vol. 30, pp. 8-23). Sesc.

https://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/documentacao_e_divulgacao/doc_biblioteca/bibli_servicos_produtos/bibli_boletim/bibli_bol_2006/Mais-60_n.76.pdf

Minayo, S. (2004). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Vozes.

Ministério da Previdência Social. (2022). *Anuário Estatístico da Previdência Social 2022 já está disponível no portal do MPS*. <https://www.gov.br/previdencia/pt-br/noticias-e-conteudos/2023/dezembro/anuario-estatistico-da-previdencia-social-2022-ja-esta-disponivel-no-portal-do-mps#:~:text=O%20AEPS%20%C3%A9%20uma%20publica%C3%A7%C3%A3o%20anual%20que%20cont%C3%A9m,Seguro%20Social%20%28INSS%29%2C%20estando%20em%20sua%2031%C2%AA%20edi%C3%A7%C3%A3o.>

Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. (2022). *Estatuto da Pessoa Idosa. Estatuto da Pessoa Idosa.pdf* — Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (www.gov.br)

Oliveira, I. C., Megier, E. R., Halberstadt, B. M. K., Beck, C. L. C., Santos, J. L. G. D., & Soder, R. M. (2021). Preparação para aposentadoria de docentes universitários: Revisão integrativa. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 24(1). <https://doi.org/10.1590/1981-22562021024.200286>

Pereira, I. A., & de Souza, A. A. (2021). A aposentadoria na visão dos profissionais do ensino superior. *Percursos Acadêmicos*, 11(21), 47-66. <https://doi.org/10.5752/P.2236-0603.2021v11n21p47-66>

- Prata-Ferreira, P. A., & Vasques-Menezes, I. (2021). Conflitos do professor universitário: o que sabemos sobre isso?. *Psicologia em Estudo*, 26.
<https://www.scielo.br/j/pe/a/rq8V9xSpq5S8bhRp4rkdHqC/?format=pdf>
- Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012. (2012). Ministério da Saúde.
<https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>
- Ribeiro, D. P., Aprile, M. R., & Peluso, E. T. P. (2020). Qualidade de vida, ansiedade e depressão em idosos aposentados que trabalham. In Sesc - Serviço Social do Comércio (Ed.), *Mais 60 - estudos sobre envelhecimento* (Vol. 30, pp. 65-82). Sesc.
- Rodrigues, A. M. D. S., Souza, K. R. D., Teixeira, L. R., & Larentis, A. L. (2020). A temporalidade social do trabalho docente em universidade pública e a saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25(5), 1829-1838. <https://doi.org/10.1590/1413-81232020255.33222019>
- Rodrigues, M., Ayabe, N. H., Lunardelli, M. C. F., & Canêo, L. C. (2005). A preparação para a aposentadoria: o papel do psicólogo frente a essa questão. *Revista brasileira de orientação profissional*, 6(1), 53-62.
<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbop/v6n1/v6n1a06.pdf>
- Silva, R. M. R., Barreto, A. D., & Silva, S. G. (2022). Perfil, adoecimentos e percepções de servidores aposentados da Universidade Federal do Amapá/Unifap. *Concilium*, 22(4), 798-810. <https://doi.org/10.53660/CLM-348-351>
- Scorsolini-Comin, F., Rossi, G. A. N., Curtiço Junior, J. H., Costa, L. M., Silva, L. D. R., & Alves-Silva, J. D. (2019). Adoecimento e Aposentadoria: Relato de Uma Experiência Profissional em Aconselhamento Psicológico. *Revista Psicologia e Saúde*, 11(2), 83-98. <https://doi.org/10.20435/pssa.v11i2.671>
- Vinuto, J. (2014). A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, 22(44), 203-220. <https://doi.org/10.20396/tematicas.v22i44.10977>

Zanelli, J. C. (2012, Novembro). Processos psicossociais, bem-estar e estresse na aposentadoria. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, 12(3), 329-340.
<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpot/v12n3/v12n3a07.pdf>

Considerações Finais da Dissertação

Esta dissertação buscou investigar a relação entre aposentadoria e saúde mental de professores universitários, de instituições públicas, que se afastaram de suas práticas laborais em sala de aula. A busca por atingir este objetivo levou a caminhos que atravessam as particularidades do trabalho docente, as expectativas da aposentadoria e o modo como ela tem sido vivenciada, e a investigação de como os professores compreendem a relação entre aposentadoria e saúde. Somente assim, e reconhecendo as limitações impostas por uma pesquisa, foi possível obter resultados quanto a relação entre aposentadoria e saúde mental.

A partir destes resultados, que culminou na elaboração de três artigos, observamos que a investigação dessa relação não é algo pontual, marcada no aqui e agora, que deve ser analisada apenas sob uma perspectiva, frente a um único acontecimento. O estudo da relação entre aposentadoria e saúde mental remete a constatação de que suas concepções estão ligadas a um processo de construção, interpretadas de forma contínua mediante a ocorrências de diversos eventos. Dessa forma, a pesquisa demonstrou que, para buscar compreender essa relação, é preciso fazer o caminho de volta.

Diante disso, o artigo I no qual evidenciou as particularidades do trabalho docente discutiu III categorias principais. A primeira delas – início de carreira na docência universitária -, constatou que as experiências profissionais e acadêmicas dos participantes, desenvolvidas anteriormente, foram um importante fator na inserção ou na escolha pelo trabalho docente universitário. A segunda categoria, intitulada “especificidades do fazer docente universitário” demonstrou que as particularidades do trabalho docente universitário levam a experiências de prazer e sofrimento, narra a ausência de valorização e reconhecimento no trabalho e denuncia as condições precárias e sobrecarga no trabalho dos professores.

A terceira categoria: a centralidade do trabalho e sua ausência na aposentadoria, indicou que os participantes tendem a associar o trabalho a existência, ou seja, a vida, ao passo que a falta dele gera ociosidade com riscos de adoecimento. A partir dos resultados desse primeiro estudo, nos deparamos com as primeiras narrativas sobre o lugar do trabalho na vida dos professores aposentados e sobre a relação entre saúde e trabalho, ou melhor, sobre a tríade trabalho, saúde e adoecimento. Essa constatação também foi encontrada nos demais artigos, embora outras temáticas tenham sido discutidas.

O segundo artigo, no qual se discutiu sobre a vivência da aposentadoria, no sentido de como ela foi idealizada e de como tem sido vivenciada pelos participantes, indica que essa realidade não deve ser analisada apenas sob uma perspectiva. Dessa forma, essa análise indicou que a expectativa para a aposentadoria envolveu as demandas do trabalho docente, as limitações impostas pela idade e a insegurança quanto ao futuro. Os resultados também indicaram, quanto ao modo que a aposentadoria tem sido vivenciada, que as questões socialmente atribuídas a cada um dos gêneros são fatores que atravessam a aposentadoria e que repercutem na saúde dos indivíduos.

O terceiro artigo, em que se deteve a analisar mais estritamente essa relação entre saúde e a aposentadoria nos indicou que a aposentadoria, assim como o trabalho, não é neutra em relação a saúde. As concepções dos professores aposentados frente a relação entre aposentadoria e saúde ultrapassam as vivências pessoais e parte também para a observação do processo de saúde e adoecimento de terceiros, nesta fase. Em termos gerais, foi possível concluir, neste estudo, que há, mais estritamente, uma relação direta entre aposentadoria e adoecimento mental. Entre as principais causas desse quadro, destaca-se a ociosidade, advinda da falta de atividade de trabalho na aposentadoria.

Os resultados dos três artigos, quando analisados amplamente, sinalizam para os fatores que atravessam a aposentadoria e que podem resultar no adoecimento dos indivíduos.

Entre os principais elementos estão: a falta de reconhecimento na aposentadoria, os impactos desta fase na identidade dos indivíduos, o contexto que a aposentadoria foi efetivada, a ausência de atividade de trabalho, a ociosidade, as questões de gênero e os papéis socialmente atribuídos ao feminino, a perda dos status social – fornecido pelo trabalho, a entrada na fase de envelhecimento e a falta de planejamento para aposentadoria.

Diante das narrativas dos participantes, chama a atenção, especialmente pelos resultados obtidos no artigo II e no artigo III, quanto as vivências da aposentadoria entre o gênero feminino e o masculino. Frente a essas diferenças, os resultados demonstram que as pessoas do gênero feminino, com a chegada da aposentadoria, tendem a priorizar, por escolha ou imposição, o ambiente privado, com atividades domésticas e de cuidados familiares. Em paralelo, as pessoas do gênero masculino, com maior possibilidade de escolha, geralmente buscam por mais atividades de lazer, exteriores aos espaços domésticos, embora isso não signifique ausência de cuidados familiares na aposentadoria.

Dessa forma, percebe-se que os papéis atribuídos ao gênero feminino são diferentes daqueles atribuídos ao masculino. Ainda que essa realidade, infelizmente, seja comum em todas as etapas da vida, com a chegada da aposentadoria, e interrupção das atividades exteriores de trabalho, esse cenário fica ainda mais evidente. Não à toa, mesmo que ambos os gêneros reconheçam que a aposentadoria é um fator de risco à saúde, quando analisadas as vivências pessoais, são as pessoas do gênero feminino que referem ter adoecido em decorrência da aposentadoria, muitas vezes com o diagnóstico de transtorno mental.

Outro ponto que consideramos pertinente frente aos resultados da pesquisa diz respeito à falta de valorização e de reconhecimento. A falta de reconhecimento foi um elemento que se destacou desde o primeiro estudo. Essa discussão atravessou a falta de reconhecimento do trabalho docente na época que desempenhava suas atribuições docentes, quando deixaram a instituição para se aposentar, com o trabalho realizado na aposentadoria -

especialmente no gênero feminino - e mediante a não oferta, por parte das instituições, de Programas de Preparação para a Aposentadoria.

Chama atenção o fato de que nenhum participante desta pesquisa tenha participado de algum tipo de Programa de Preparação para a Aposentadoria. Importa frisar que ambos foram professores de instituições públicas no estado da Paraíba. Esse cenário, além de atestar o não reconhecimento desses trabalhadores enquanto sujeitos de direitos, denuncia o não investimento da instituição nessa última etapa de contribuição formal do trabalhador e o contexto em que a aposentadoria tem sido efetivada nestas Instituições de Ensino Superior.

Apesar de não garantir que as vivências de aposentadoria ocorram de forma positiva, nem de que todos os professores participem do programa mediante a oferta, a disposição por parte das instituições de Programas de Preparação para a Aposentadoria, pode contribuir para uma aposentadoria mais saudável e para um melhor enfrentamento da fase de envelhecimento. Dessa forma, pretendemos, com essa dissertação, propor uma maior reflexão por parte das instituições, quanto a implementação ou revisão dos Programas de Preparação para a Aposentadoria.

Acredita-se, ainda, que este estudo possa contribuir para as discussões no campo da psicodinâmica do trabalho. Pois, apesar de o trabalho não ter sido nosso principal objeto de estudo é inevitável falar da aposentadoria sem que este elemento seja evidenciado. As próprias narrativas dos participantes levaram a essa reflexão. A pesquisa, discutida sob o ponto de vista da psicodinâmica do trabalho, trouxe questões importantes e caras a teoria, tais como: prazer e sofrimento, reconhecimento, identidade, saúde, dentre outros. Esses conceitos, foram essenciais para discutir as questões sobre o trabalho, mas, sobretudo, foram cruciais para a discussão da aposentadoria dos participantes.

Por fim, esperamos que esta dissertação, a partir dos resultados dos três artigos, possa contribuir para a pesquisa científica no campo da aposentadoria e saúde, sobretudo na área de

psicologia. Quanto a psicologia social, área de investigação em que se efetiva esse estudo, buscamos contribuir com a reflexão do homem social enquanto sujeito atravessado por diferentes realidades e contextos. É necessário que a psicologia social reconheça, desta forma, a aposentadoria enquanto fenômeno marcado por condições subjetivas, com grandes implicações e responsabilidades coletivas e sociais.

Processo de Autorreflexão da Pesquisadora

A pesquisa com professoras e professores universitários foi uma experiência um tanto singular. Primeiro pelos próprios desafios que um estudo impõe e segundo pelo significado que tem uma pesquisa de mestrado. As demais singularidades perpassam pela categoria de trabalho, cujo participantes são professores universitários, com anos de experiência na área, e como uma especificidade: são aposentadas e aposentados.

Essa pesquisa tem caráter específico, pois grande parte dela foi realizada na casa dos participantes. Inicialmente, me questionei como iria acessá-los e em quais condições realizaria a pesquisa. Não sabia até que ponto me oferecer a ir na casa dos participantes seria adequado. Dessa forma, optei por ofertar um espaço, um consultório particular, localizado na cidade que resido. A outra proposta seria ir até o participante no melhor lugar de sua escolha.

Imaginei que as dificuldades seriam maiores quanto a participação dos professores. No entanto, obtive retornos consideráveis e, geralmente, rápidos, tanto daqueles que gostariam de participar como dos que, por motivos pessoais, não poderiam se disponibilizar. Conforme os participantes iam confirmando seus interesses estes também sinalizavam a necessidade ou o desejo de que as entrevistas fossem realizadas em suas residências.

Assim, dez entrevistas foram realizadas nas residências dos participantes, duas foram realizadas no local disponibilizado por mim, uma foi realizada em um consultório médico (Esta, especificamente, foi dividida em dois momentos. Em primeiro lugar o participante quis conhecer sobre o projeto e se aprofundar na pesquisa, na ocasião aceitou participar e marcamos uma outra data para sua efetivação). Outras duas entrevistas foram realizadas em um “consultório odontológico”. Nesta ocasião, tinha apenas uma entrevista marcada, mas ao chegar no local, outra professora se disponibilizou a participar da pesquisa.

A disponibilidade dos professores para participação foi algo que me entusiasmou. Inicialmente considerei realizar apenas dez entrevistas, assumindo que esse número poderia

ser menor. Todavia, à medida que as entrevistas foram sendo realizadas, novas indicações surgiram e o número de participantes aumentou. Dessa forma, de dez entrevistas, optamos por realizar quinze.

Realizar a pesquisa com professores universitários aposentados, consistiu em conhecer um pouco mais sobre a docência universitária, os caminhos profissionais, as trajetórias acadêmicas e o percurso até a chegada da aposentadoria. Aspirante a professora, em meio as responsabilidades de uma pesquisa, pude aprender consideravelmente com as vivências dos participantes, com o olhar e reflexão crítica de quem se dedicou grande parte da vida a essa profissão.

A experiência de adentrar na casa dessas pessoas, local que a maioria das pesquisas foi realizada, foi única, de início desafiadora. Foi enriquecedor conhecer grandes nomes da fisioterapia, das letras, da odontologia, da linguística, da sociologia, da economia, da história, da agronomia, da farmácia e da área de design de produtos. São pessoas de grande referência para outros profissionais da área e que aceitaram a mim e a minha pesquisa.

Apesar de ter realizado um grande levantamento teórico que me fizesse mais segura quanto ao que estava pesquisando, foi apenas no momento das entrevistas que, de fato, compreendi a importância do meu estudo. Foi no momento que as professoras e os professores relataram sobre a relevância do meu tema e de como ele estava atrelado a aceitação deles em participarem da pesquisa. Alguns, inclusive, me agradeceram por entrevistá-los, pela conversa, por estar abordando professores aposentados, pois, temem terem sido esquecidos pela academia e pela sociedade.

Assim, como apontado anteriormente, fui bem acolhida pelos professores. Mas, não apenas. Também fui acolhida pelos filhos e cônjuges, geralmente presentes quando as entrevistas foram realizadas nas casas dos participantes. Participantes e familiares que abriram a porta de suas casas, serviram água, café, lanches. Mostram suas coleções de livros,

seus jardins, apresentaram suas casas e seus novos projetos. Por outro lado, também apontaram a relação de todo esse contexto com a aposentadoria.

Porém, minha experiência com os professores universitários aposentados não cabe em linhas. São reflexões e testemunhos de vivências que não cabem aqui. Acompanhei, brevemente, vivências conjugais, o cuidado de um pai com um filho, o carinho de uma filha com a mãe, um diagnóstico de uma doença degenerativa, dentre outras configurações que são tão singulares para os participantes, quanto, naquele momento, foram para mim.

Lições tão particulares e singulares que não cabem numa dissertação e que esgotam quaisquer discussões teóricas. Resta a autorreflexão e a aprendizagem de cada história, narrativa e vivência. Aos professores e professoras, que participaram desta pesquisa, meu muito obrigada, foi uma experiência única e extraordinária.

Apêndices

Apêndice A

Questionário com dados pessoais e profissionais

Nome:	
Idade:	Gênero: Masculino (☐) Feminino (☐)
Contato:	
Estado Civil:	
Filhos: (☐) Sim Não (☐) Quantidade:	
Cidade onde Reside:	
Grau Acadêmico: Especialização (☐) Mestrado (☐) Doutorado (☐) PhD (☐)	
Área de formação:	
Instituição(ões) que trabalhou antes da aposentadoria:	
Curso(s) que lecionou antes da aposentadoria:	
Idade que se aposentou:	
Tempo de aposentadoria:	

Apêndice B

Entrevista semiestruturada

1. Por que você optou pela docência?
2. Quando professor(a), quais eram as significações do trabalho para você?
3. Sua visão de trabalho mudou após a aposentadoria?
4. Como o momento da aposentadoria foi idealizado por você?
5. A aposentadoria tem sido como você planejou?
6. O que você tem feito após a aposentadoria?
7. Você acredita que a aposentadoria te causou algum tipo de sofrimento psíquico?
8. Como você avalia sua saúde mental e física hoje em dia, após a aposentadoria?
9. Você acha que a aposentadoria pode levar o sujeito ao adoecimento psíquico?
10. Você participou de algum programa de preparação para aposentadoria?

Apêndice C

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES – CCHLA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL - PPGPS
MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL**

Prezado(a) PARTICIPANTE DE PESQUISA,

A pesquisadora Elaine Milena Alves Genuino convida você a participar da pesquisa intitulada “Saúde Mental na Aposentadoria: Um estudo com Professores Universitários”. Para tanto você precisará assinar o TCLE que visa assegurar a proteção, a autonomia e o respeito aos participantes de pesquisa em todas as suas dimensões: física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural e/ou espiritual – e que a estruturação, o conteúdo e forma de obtenção dele observam as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos preconizadas pela Resolução 466/2012 e/ou Resolução 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde e Ministério da Saúde.

Sua decisão de participar neste estudo deve ser voluntária, ou seja, não resultará em nenhum custo ou ônus financeiro para você, assim como você não sofrerá nenhum tipo de prejuízo ou punição caso decida não participar desta pesquisa. Todos os dados e informações fornecidos por você serão tratados de forma anônima/sigilosa, não permitindo a sua identificação.

Esta pesquisa tem por objetivo analisar as implicações da aposentadoria na saúde mental de professores universitários que afastaram-se das suas práticas laborais. A pesquisa é do tipo qualitativa de cunho exploratório, e será realizada com professores universitários que estão aposentados. A pesquisa se dividirá em duas etapas, que ocorrerão no mesmo dia. Primeiramente será aplicado o questionário sociodemográfico, cujo objetivo é observar, categorizar e analisar o perfil dos participantes. Posteriormente, será realizada a entrevista semiestruturada. Essa entrevista será composta por questões norteadoras que buscam evidenciar e responder às questões deste estudo.

Ademais, são previstos riscos mínimos à colaboração nesta pesquisa, dentre eles, desconforto psicológico e constrangimento, decorrentes do processo da coleta dos dados e do conteúdo abordado na pesquisa. Caso você venha a sentir algum desconforto, a coleta será imediatamente interrompida e se achar necessário, será encaminhado para os serviços de apoio psicológico fornecido pela Clínica Escola da UFPB no departamento de Psicologia.

Apesar da existência de riscos mínimos, os benefícios proporcionados tendem a ser superiores. Esta pesquisa permitirá a identificação dos efeitos da aposentadoria na saúde mental dos professores universitários. Além disso, os participantes terão a oportunidade de falar sobre suas vivências mediante a aposentadoria, as concepções sobre o trabalho e sobre as situações cotidianas.

Contato da pesquisadora responsável:
Mestranda Elaine Milena Alves Genuino
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Telefone: (83) 99190-2512
E-mail: aelaine061@gmail.com
Contato da Universidade Federal da Paraíba:
Universidade Federal da Paraíba
Endereço Físico: Campus I Lot. Cidade Universitária, PB, 58051-900
Telefone: (83) 3216-7200
E-mail: E-mail: ouvidoria@reitoria.ufpb.br
Horário de atendimento ao público: Segunda a sexta-feira: 07h às 12h e 13h às 17h.
Homepage: <https://www.ufpb.br/>

Contato do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)/CCS/UFPB
Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)
Centro de Ciências da Saúde (1º andar) da Universidade Federal da Paraíba
Campus I – Cidade Universitária / CEP: 58.051-900 – João Pessoa-PB
Telefone: +55 (83) 3216-7791
E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br
Horário de Funcionamento: de 07h às 12h e de 13h às 16h.
Homepage: <http://www.ccs.ufpb.br/eticaccsufpb>

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Ao colocar sua assinatura ao final deste documento, VOCÊ, de forma voluntária, na qualidade de PARTICIPANTE da pesquisa, expressa o seu consentimento livre e esclarecido para participar deste estudo e declara que está suficientemente informado(a), de maneira clara e objetiva, acerca da presente investigação. E receberá uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assinada pela Pesquisadora Responsável.

João Pessoa - PB ____/____/____

Assinatura, por extenso, do(a) Participante da Pesquisa

Assinatura, por extenso, do(a) Pesquisador(a) Responsável pela pesquisa

Apêndice D

Termo de Autorização de Gravação de Voz - TAGV



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES – CCHLA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL - PPGPS
MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

Eu, _____, depois de entender os riscos e benefícios que a pesquisa intitulada “Saúde Mental na Aposentadoria: Um Estudo com Professores Universitários”, poderá trazer e, entender especialmente os métodos que serão usados para a coleta de dados, assim como, estar ciente da necessidade da gravação de minha entrevista, AUTORIZO, por meio deste termo, a pesquisadora a realizar a gravação de minha entrevista sem custos financeiros a nenhuma parte.

Esta AUTORIZAÇÃO foi concedida mediante o compromisso dos pesquisadores acima citados em garantir-me os seguintes direitos:

1. Poderei ler a transcrição de minha gravação;
2. Os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, jornais, congressos entre outros eventos dessa natureza;
3. Minha identificação não será revelada em nenhuma das vias de publicação das informações geradas;
4. Qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante minha autorização, em observância ao Art. 5º, XXVIII, alínea “a” da Constituição Federal de 1988.
1. Os dados coletados serão guardados por 5 anos, sob a responsabilidade do(a) pesquisador(a) coordenador(a) da pesquisa (nome completo do pesquisador responsável), e após esse período, serão destruídos e,
1. Serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação e transcrição de minha entrevista.

Ademais, tais compromissos estão em conformidade com as diretrizes previstas na Resolução N°. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

João Pessoa - PB ____/____/____

 Assinatura, por extenso, do(a) Participante da Pesquisa

 Assinatura, por extenso, do(a) Pesquisador(a) Responsável pela pesquisa

Anexos

Anexo A

Certidão de Aprovação do comitê de Ética

CENTRO DE CIÊNCIAS DA
SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA -
CCS/UEPB



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: Saúde Mental na Aposentadoria: Um Estudo com Professores Universitários

Pesquisador: ELAINE MILENA ALVES GENUINO

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 64048822.3.0000.5188

Instituição Proponente: Centro de Ciências Humanas e Letras - CCHLA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.982.347

Apresentação do Projeto:

Desenho:

Essa pesquisa tem como título "Saúde Mental na Aposentadoria: Um Estudo com Professores Universitários". O estudo será realizado pela pesquisadora Elaine Milena Alves Genuino e orientado pelo professor Paulo César Zambroni de Souza. A pesquisa nasce do interesse em analisar as implicações da aposentadoria na saúde mental de professores que estão aposentados de suas práticas laborais.

Essa pesquisa seguirá todos os aspectos éticos da lei Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, que protege os direitos dos participantes das pesquisas científicas, a partir da ética inerente ao crescimento científico e tecnológico, que resulte benefícios para o ser humano e para o contexto social que está inserido, objetivando a promoção da saúde.

O estilo de pesquisa a ser adotado, será a qualitativa do tipo exploratória. Tal pesquisa é eficaz mediante a identificação de variáveis e conceitos importantes de ocorrências que podem ser estudadas quantitativamente.

A pesquisa será realizada com professores universitários aposentados. A seleção se dará por conveniência, bem como o número de participantes será determinado pelo interesse desses em comporem a pesquisa.

Endereço: Prédio do CCS UFPB - 1º Andar

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 58.051-900

UF: PB

Município: JOAO PESSOA

Telefone: (83)3216-7791

Fax: (83)3216-7791

E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

**CENTRO DE CIÊNCIAS DA
SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA -
CCS/UFPB**



Continuação do Parecer: 5.982.347

Outros	TAGV.docx	06/10/2022 12:06:01	ELAINE MILENA ALVES GENUINO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	06/10/2022 12:05:04	ELAINE MILENA ALVES GENUINO	Aceito
Orçamento	Orcamento.docx	06/10/2022 12:04:31	ELAINE MILENA ALVES GENUINO	Aceito
Cronograma	Cronograma.docx	06/10/2022 12:03:53	ELAINE MILENA ALVES GENUINO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

JOAO PESSOA, 04 de Abril de 2023

Assinado por:

Eliane Marques Duarte de Sousa
(Coordenador(a))

Endereço: Prédio do CCS UFPB - 1º Andar

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 58.051-900

UF: PB

Município: JOAO PESSOA

Telefone: (83)3216-7791

Fax: (83)3216-7791

E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br